Memorial Renato Russo e letra inédita do Aborto Elétrico

SHOW BIZZ

CLUBE DO ASSINANTE
VEJA PRIMEIRA

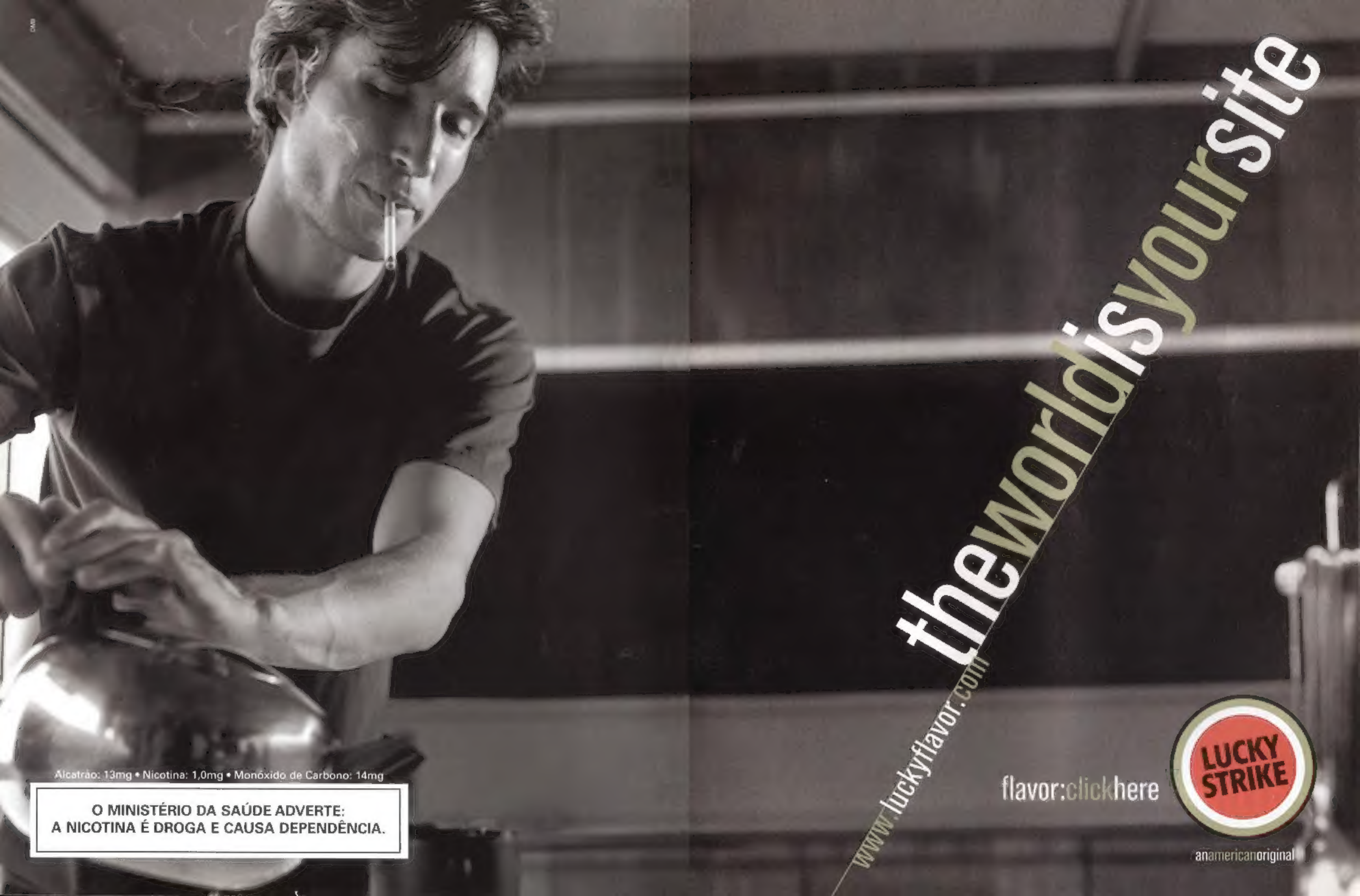
PrêmioBIZZ
Vote nos melhores de
1999

R$ 5,00
5561/1
EDIÇÃO 173
ANO 15 Nº 12
DEZEMBRO 1999

Axl volta do inferno... O mundo ainda precisa do Guns N' Roses?

+ Sepultura • Titãs • Ira! • Foo Fighters • Rage

Abril


thewholeworldisyoursite
www.luckyflavor.com
flavor:clickhere
LUCKY STRIKE
anamericanoriginal
Alcatrão: 13mg • Nicotina: 1,0mg • Monóxido de Carbono: 14mg
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
A NICOTINA É DROGA E CAUSA DEPENDÊNCIA.

*A reprodução não autorizada de obras protegidas por direitos autorais é ilegal e estará sujeita às penalidades previstas na Le. de Direitos Autorais. Este aparelho não deverá ser utilizado com tal finalidade.

AZ 1207
Rádio-gravador portátil com CD, controle remoto e Incredible Surround

Não é porque é street dance que tem que ser na rua. Pode ser lá em casa mesmo.

AZ 1110
Rádio-gravador portátil com CD

FW 870C
Mini System para 3 CDs com Incredible Surround e 2800 W PMPO (2x130 W RMS)

CDR 765
Gravador de CD com Duplo CD Deck, que facilita a gravação em alta velocidade

Philips CD Collection.

Com os gravadores de CD* (CDR) Philips, além de ser o seu próprio DJ e fazer seu próprio CD com a seleção de músicas que você sempre sonhou, você ainda pode ouvi-las no próprio CDR ou nos rádio-gravadores com CD Player.

Agora, se você quer mesmo arrasar como DJ, experimente botar seus CDs para tocar em um FW870C, um Mini System com som de gente grande. Tem 2800 W de potência; Incredible Surround, que amplia o efeito estéreo criando um incrível som envolvente; e DBB (Dynamic Bass Boost) para dar mais força aos graves. E também tem toca-discos laser para 3 CDs, duplo deck, karaokê e caixas acústicas com novo design que são um show à parte. Ninguém vai conseguir ficar parado com tanto som e tanta tecnologia. Compre o Mini System Philips e descubra por que ele é o melhor som para qualquer tipo de festa.

www.philips.com.br

PHILIPS

Let's make things better.

Editorial & Sumário

Depois de seis anos, Axl Rose vai encontrar um mundo diferente

Axl sai ileso das chamas em nossa gloriosa capa, uma bela ilustração de Douglas Braga

Em julho de 1999, a revista americana *Spin*, uma das mais conceituadas publicações especializadas em música do mundo, estampou na capa uma foto do líder do Guns N' Roses. A chamada era uma provocação, parodiando uma famosa canção de Burt Bacharach ("What The World Needs Now"): "O que o mundo precisa agora é de Axl Rose". Forçado, não? Mas dá a medida da importância do sujeito. Nas páginas internas, uma reportagem tentava, sem entrevistar Axl, reconstituir "a saga não-autorizada do maior recluso do rock" ao longo de seus – então – cinco anos e meio de sumiço.

Agora, com música nova nas rádios e um CD duplo ao vivo sendo lançado, não há como negar: o bicho está solto. Se ele vai pegar ou não, só o tempo e você decidirão. Mas nós (em especial o editor Emerson Gasperin, autor da matéria de capa) aqui temos um monte de coisas – informações e observações – a dizer sobre o mais esperado retorno da história recente do rock. Não deixe de ler também a reportagem completa sobre a trajetória do Ira! e a entrevista com o grande Burt Bacharach.

No ano que vem, SHOWBIZZ comemora 15 anos. Aguarde grandes novidades na sua revista. Feliz milênio velho e aquele abraço.

Pedro Só

P.S. Não deixe de participar da votação do Prêmio BIZZ 1999, enviando a cédula encartada nesta edição.

22 Renato Russo
Começa a ser organizado o acervo do memorial

24 A volta do Guns N' Roses
Depois de seis anos recluso, Axl Rose lança um CD ao vivo e finalmente apronta um novo disco. Vai colar?

32 Titãs ao $ucesso
O disco de covers e seus motivos; a difamação internacional

36 Burt Bacharach
Entrevista com o maestro que foi apresentado à nova geração pelo Oasis e voltou à moda

40 O nascimento do Sepultura
Capítulo da biografia da banda e entrevista sobre o novo disco. Enquanto isso, Max...

46 A história completa do Ira!
Idealismo, drogas e arrogância na trajetória de uma das bandas mais importantes do rock brasileiro

56 Foo Fighters fortes
Pingue-pongue com Dave Grohl, que tocou naquela banda (como era o nome mesmo?)

sempre em showbizz

8 CARTAS
Leitores x Titãs; Lobão x radialistas

10 SHOWBIZZ RESPONDE
Por onde andam as Breeders; ficha dos Misfits

11 BIZZES
O som dos seriados; papo-c*beça com o Pensador; quem vai tocar no Reveillon

60 DEMOCRACIA
Sala Especial e Madeixas

63 CRÍTICA
Rage Against The Machine, Alanis, Mel C, Bush, Raul

74 TESTE
Você é tarado por popstars tarados?

76 LETRA TRADUZIDA
"Dolphin's Cry", do Live

78 ENTRE LEITORES
Procura-se empresário maluco

80 PARADA SHOWBIZZ
Quem desbancará Ricky Martin?

82 DISCOTECA BÁSICA
Among The Living, Anthrax

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Travis – The Man Who
O segundo álbum desta banda inglesa é uma obra-prima. Melodia, grandes canções, produção de Nigel Godrich e a voz de Fran Healy, que lembra Thom Yorke. Vale por um novo do Radiohead.

Lee Hazlewood – Farmisht, Flatulence, Origami, ARFI!t And Me...
O subtítulo é "e agora vamos beber scotch, ouvir música e falar absurdos". Lee, ex-marido e parceiro de Nancy Sinatra nos anos 60, compra bebida por atacado e canta standards do jazz. Delicioso como cinco uísques duplos.

Falcão – 500 Anos De Chifre
Esquecido no CD-player, este disco rolou várias vezes, à revelia de nossa vontade. Mas tem faixas preciosas, como "Lá Vai Ele" (Alípio Martins), "Taxista" (Adelino Nascimento) e "Vida De Corno".

Produzido no Pólo Industrial de Manaus
Conheça a Amazônia

ATIS

Champion.
O único relógio com seguro contra roubo.

Os relógios Champion são feitos para resistir aos tempos. Principalmente aos de hoje.

A partir de agora todo relógio Champion vem com seguro contra roubo válido por (01) hum ano.

Uma idéia inovadora, simples e absolutamente necessária para os dias de hoje.

Enfim, design, precisão, resistência e segurança vão acertar os ponteiros.

*Promoção válida para todos os relógios Champion comprados entre os dias 1º de outubro e 31 de dezembro de 1999, nas revendedoras autorizadas, devidamente identificados com o anúncio da promoção. Condições gerais acompanham cada relógio.

Champion
A marca que resiste aos tempos de hoje.

Cartas

Clássico anárquico

Mais do que acertada a escolha de *Nevermind* como o melhor dos melhores discos da década. Músicas inesquecíveis como o clássico anárquico "Smells Like Teen Spirit" mostram do que a banda é feita. Também concordei com as escolhas de *OK Computer* e *The Bends*, do Radiohead. Faço parte dos fãs que preferem o álbum de 1995, que tem as lindas "Black Star", "High And Dry", "Nice Dream" etc. Mas claro que *OK Computer* também é uma obra-prima, uma perfeição só. "Let Down" é umas das mais comoventes baladas que já tive a felicidade de ouvir. Agora vamos às críticas. Acho que o *Unplugged In New York*, do Nirvana, merecia um lugar de honra na lista. É uma atmosfera de outro mundo. Kurt Cobain desfia um repertório que inclui até o velho Bowie, mandando ver com sua maneira angustiada de cantar. Outra coisa: pô, só o vigésimo lugar para a Legião? Aquele álbum é uma preciosidade!

Eduardo Miyagawa – Teixeira de Freitas, BA

Obrigado pela manifestação, Eduardo. Além do acústico, o In Utero foi outro disco do Nirvana que acabou ficando de fora, contrariando vários leitores e muita gente aqui da Redação, que precisaria de mais mil colocações para organizar uma lista menos controversa.

Movidos a jabá

Gostaria de responder àquela carta dos diretores da rádio 89 FM de São Paulo e da *Revista Rock*. Em primeiro lugar, não sou homem de falar besteiras. Tudo o que proferi, continuo reiterando. A história é verdadeira: a rádio 89 FM sempre se mostrou arredia a tocar meu disco *Noite* por ressentir-se da minha posição em falar mal do rock, que eu era um personagem avesso aos ouvintes, que não iriam simpatizar com a minha presença no dial da emissora. Em segundo lugar, esse papo de tocar minhas músicas antigas e dizer que *Noite* não tem qualidade artística é para boi dormir. Ouço essa conversa de todos os radialistas do Brasil viciados em jabá. E se o público não sabe, vai ficar sabendo agora: os discos novos de todos os artistas são a moeda de negociação das rádios em relação às gravadoras, pois, se não rolar uma grana, não dá para transformar novidades em sucessos. As gravadoras ficam, literalmente, reféns das emissoras e só conseguem dar continuidade em seu trabalho com o jabá. Concluo que a apreciação do nosso querido diretor da 89 FM se assemelha em muito ao comportamento viciado da maioria esmagadora dos funcionários das rádios brasileiras, somente movidos a jabá. Que coincidência, não? Reflitam sobre o assunto. Aliás, por outra coincidência irônica, a carta do diretor da 89 foi publicada na edição 171 da SHOWBIZZ. He, he, he!

João Luiz Woerdenbag Filho, Lobão

Madureira ao vivo

Ainda não estou acreditando que vi Bebeto nas páginas da SHOWBIZZ *(edição de agosto)*. Quase ninguém se lembra mais dele. No último show ao qual assisti, fiquei com pena do cara. Foi no Tem Tudo, em Madureira, e só tinha uns poucos gatos pingados. Ver aquelas pinhas velhas e gordas na frente do palco mandando beijos para ele foi triste. No meio das vagabundas, o único homem era eu. Ele me olhava meio confuso, como que dizendo "quem é esse cabeludo branquelo com cara de roqueiro?" A verdade é que eu estava ali para vê-lo de perto, afinal, aquele tinha sido meu ídolo desde o fim dos anos 70. O brasileiro tem memória curta e esquece seus ídolos. Dizem que Bebeto imita Jorge Ben. Não concordo. Todos se espantam quando, do meio da minha vasta coleção de rock'n'roll, saltam discos de Bebeto. Longa vida ao poeta do suingue! Vocês não acham que já está na hora de fazer uma matéria sobre a fabulosa banda Manic Street Preachers?

Adalberto Porto – Rio de Janeiro, RJ

Parabéns pelo bom gosto e valeu pela sugestão, Adalberto.

Saudades dos Titãs

Vasculhando o meu baú, deparei-me com uma relíquia do rock nacional, achei o último trabalho decente dos Titãs (ainda em vinil), época em que a banda tocava rock'n'roll. Ah, quantas saudades! Como recordar é viver, envio uma foto do suposto encarte do LP. Da esquerda para a direita: Toni Belloto (ainda solteiro); Branco Mello (com o antigo coração); Marcelo Fromer (ainda com cabelos); Paulo Miklos (o intelectual); Charles Gavin (já cultivando seu bigode); Sérgio Britto (já careca e sem o boné) e Nando Reis (com cabelo e uma bela barbicha). Arnaldo Antunes, com seus bichos escrotos, se recusou a tirar a foto. Titãs, cadê vocês?

Marcos Roque da Luz – Niterói, RJ

Leitor encontra foto perdida dos Titãs

Manaustock

Sugiro que a SHOWBIZZ faça uma reportagem sobre o rock manauara. Acho que seria interessante vocês conhecerem um pouco da moçada maluca daqui do centro da selva: Platinados, Weed, Zona Tribal, Monstro Lake, Several Skin, Millenium, Espantalho, Cabeças Rebeldes, Olhos Imaculados, Charlie Perfume, Chá-De-flores, Corroídos, No Choice, Profecia, João Pestana, Underflow (na qual sou guitarrista e vocalista), Deskarados, Vó-Iata e muitas outras. Todas essas bandas se apresentaram no Segundo Fronteira Norte Festival de Rock, que se realizou nos dias 24 e 25 de setembro. Sua primeira versão foi, guardadas as suas devidas proporções, o Woodstock manauara. Em uma fazenda, a moçada ficou toda acampada em barracas e rolou muito sexo, drogas e rock and roll. Ska, rockabilly, punk, hardcore, heavy metal, heavy melódico, trash metal, blues, alternativo, punk gospel, maracarock etc. Este ano, o festival contou com 30 bandas e foi igualmente ótimo.

Amauri Frazão Teixeira – Manaus, AM

Poetas e poetas

A Legião Urbana é uma banda de instrumentistas medíocres, músicas melodicamente pobres, vocais lineares e inexpressivos. Eles impressionaram uma boa fatia da juventude por três razões: a primeira é que os Titãs e Paralamas da vida têm letras primárias; a segunda é que a juventude é ignorante, inculta e alienada; a terceira é que qualquer banda que surgisse com discursos pomposos, ocos e demagógicos capturaria a atenção dessa juventude. Quem supõe que Renato Russo seja poeta deveria ler e apreciar o que escrevem luminares como Bob Dylan, John Lennon, Al Stewart, Roger Waters, Lou Reed, Ray Davies, Pete Townshend...

Nelson Maia Netto e Fabiana Freitas Gomes – São Paulo, SP

Correções:

- No CD encartado na edição de setembro, as faixas 5 e 6 estão invertidas. A quinta é "Quem Tem Bil Tem Tudo" (mundo livre s/a); e a sexta, "Nada Pode Nos Deter" (Inocentes).
- Por opção da gravadora Trama, "Fim De Semana", do Tubarão, ficou de fora do CD de outubro. Não houve tempo para corrigir a capa.
- Em "Mais Uma Vez", faixa do CD encartado na ed. 172, Humberto Barros toca piano e cordas.
- Diferente do que afirma a matéria "A Força do Movimento" (ed. de outubro), os Pseudônimos MCs não estão no CD *Rima Forte*.
- Na pág. 16 da edição de novembro, o guitarrista Robert Buck, do 10.000 Maniacs, é o de casaco vermelho, na extrema direita.
- O nome completo do álbum de 1991 do Mudhoney citado na ed. 172, é *Superfuzz Bigmuff And Early Singles*.
- No *Ao Vivo* com os Chili Peppers *(ed. 172)*, faltou o nome da música cantada por John Frusciante: "Tiny Dancer". E, diferente do que foi publicado, a banda não tocou "Warped".

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail:
showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Internet:
www.uol.com.br/showbizz
Correio:
Caixa Postal 66157
CEP 05315-970
São Paulo, SP
Fax: (0__11) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail:
abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2112
(Grande São Paulo)
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (0__11) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

EDIÇÕES ANTERIORES
Mediante disponibilidade de estoque (de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)

E-mail:
abril.na@email.abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2200
Fax: (0__11) 3990-2233

PUBLICIDADE
Tels.: (0__11) 3037-6860 e 3037-4281
Fax: (0__11) 3037-4909
Internet: www.publiabril.com.br

EDITORA Abril
Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina
Diretor Editorial Adjunto: Ricardo A.Setti

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Redator Chefe: Pedro Só
Editores: Emerson Gasperin e Toninho Spessotto
Repórter: Andrea Estevam
Editor de Arte: Rodolpho Vasconcellos
Editora-assistente de arte: Graziella Iacocca
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula F. Moreira Santos
Colaboraram nesta edição: (Texto) Aryton Mugnaini Jr., Bernardo Araujo, Celso Pucci, Fabian Chacur, Gabriel Gaiarsa, Hagmenon Britto, Jaime Biaggio, José Flávio Júnior, Marcel Plasse, Mauro Ferreira, Otávio Rodrigues, Ricardo Alexandre, Ricardo Bairos, Roberto Maia, Sergio Barbo, Sergio Martins (Fotos) Marcelo Ximenes, Marcos Hermes, Moira Seadon, Rui Mendes (Ilustração) Felix Reimers, Milton Trajano (Revisão) Jorge Cotrin

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza
Paris: Pedro de Souza
Rio de Janeiro: Débora Chaves

Publicidade
Diretor de Publicidade: Moacyr Guimarães
Executiva de Conta: Márcia Regina Braga
Marketing
Gerente de Produto e Promoção: André Felipe D'Amato
Assistente de Produto : Fernando Euzébio dos Santos

Recursos Humanos
Diretor de RH: Marcio Ogliara
Planejamento e Controle
Gerente de Planejamento e Controle: Auro Luis de Iasi

Assinaturas
Diretoria de Operações de Atendimento ao Consumidor: Lidia Colavitti
Diretor de Vendas: William Pereira
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Jacques Ricardo
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Abril

Presidência
Roberto Civita, *Presidente e Editor*,
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa,
Vice-Presidentes Executivos

Vice-Presidentes:
Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald
www.abril.com.br

ShowbizzResponde

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Queremos Morrissey!

Sou leitora assídua da SHOWBIZZ e fã incondicional de Smiths e Morrissey. Gostaria que vocês me fornecessem a discografia de ambos e divulgassem meu endereço para, junto com outros fãs, organizar um abaixo-assinado para trazer Morrissey ao Brasil.

Ana Luiza Paff – Mogi das Cruzes, SP

The Smiths: *The Smiths* (1984); *Hatful Of Hollow* (1984); *Meat Is Murder* (1985); *The Queen Is Dead* (1986); *Louder Than Bombs* (1987); *Strangeways, Here We Come* (1987); *Rank* (1988); *Best I* (1992); *Best II* (1992); *Singles* (1995).

Morrissey: *Viva Hate* (1988); *Bona Drag* (1990); *Kill Uncle* (1991); *Your Arsenal* (1992); *Vauxhall And I* (1994); *World Of Morrissey* (1995); *Southpaw Grammar* (1995); *Maladjusted* (1997); *My Early Burglarly Years* (1998). O endereço da leitora é Rua Brasílio Maria, 144 – Mogi das Cruzes, SP – CEP 08715-620

Melancolia sublime

Desde *OK Computer*, um CD não me emocionava tanto. *Deserter's Songs*, do Mercury Rev, me deixou embasbacado. Gostaria de saber um pouco mais sobre a banda.

Gilvan Júnior – Recife, PE

Formado no final dos anos 80, em Buffalo, Estado de Nova York, o Mercury Rev despontou no underground americano junto com bandas consideradas esquisitas e barulhentas, como Flaming Lips e Butthole Surfers (o vocalista e guitarrista Jonathan Donahue tocava com o Flaming, enquanto o baixista Dave Fridmann era produtor de shows da banda de Gibby Haines).

A polêmica sempre acompanhou o grupo. Sua primeira demo foi registrada num filme magnético de 35 mm, usado para produções cinematográficas. Em 1991, lançaram *Yerself Is Steam*, que tem "Chasing A Bee" e "Car Wash Hair", cujos videoclipes, vira e mexe, passam no programa *Lado B*, da MTV Brasil. Reza a lenda que os integrantes do Mercury Rev venderam sangue para postos de saúde a fim de custear a produção do álbum. Depois de um perturbado período, a banda voltou em 1998 com o aclamado *Deserter's Songs* que tanto te emocionou, Gilvan. Bem mais melódico e suave, o disco não lembra nada do que a banda produziu anteriormente. Saiu no Brasil no início do ano e merece ser conferido por todo amante do melancólico e romântico rock americano.

Ficha: MISFITS

A pedido dos leitores **Bruno Borges** – Niterói, RJ, e **Thayse Soares** – Porto Alegre, RS

Os caricatos, cultuados e maquiados Misfits

Importância

"Apesar de eles terem sido pioneiros em aliar hardcore a rostos pintados, quadrinhos e filmes B, a coisa que mais impressiona nos Misfits são as melodias vocais. As bases das músicas são bem simples, um hardcore bagaceiro. Ninguém ouvia Misfits, a banda era superdesconhecida. Depois que o cara do Metallica apareceu usando a camiseta deles, a molecada começou a se interessar", palavras de João Gordo, vocalista do Ratos De Porão.

Biografia

Formado por Glenn Danzig, americano de New Jersey, em 1976, o grupo Misfits conseguiu criar uma mitificação inédita na história do hardcore/punk-rock. As letras de horror tinham, no fundo, algo de sarcástico. Nos instrumentos, músicos inegavelmente competentes. Doyle Wolfgang Von Frankenstein (guitarrista), Jerry Only (baixista) e Dr. Chud (baterista) são grandes responsáveis pela construção de proto-hits como "Mommy, Can I Go Out And Kill Tonight?", "Vampira", "Last Caress" e "Die Die My Darling" - as duas últimas gravadas pelo Metallica. A mística em torno do grupo continuou aumentando mesmo após a saída de Danzig, em 1983. O ex-líder formou o Samhain, grupo mais soturno, mais gótico. Em 1988, iniciou sua bem- sucedida carreira solo, emplacando sucessos como "Mother" e "Dirty Black Summer". Reformulado em 1998, o Samhain de Danzig saiu em nova turnê, além de lançar uma caixa de CDs. O Misfits também lançou uma caixa: preta e em formato de caixão (*Box Set*, de 1996). O trio restante arrumou um novo vocalista, o garoto Michale Graves, e voltou no ano seguinte com *American Psycho*. Os novos Misfits vieram ao Brasil neste ano para alguns shows promovendo o novo álbum, *Famous Monsters*, com um obscuro vocalista substituto. A mulher de Graves não deixou que o marido viesse ao país por medo de doenças sul-americanas.

Discografia

Misfits: *Beware The Misfits EP* (1979); *Walk Among Us* (1982); *Earth A.D./ Wolfsblood* (1983); *Legacy Of Brutality* (1985); *Misfits* (1986); *Evilive* (1987); *Die Die My Darling* (1987); *Earth A.D./Die Die My Darling* (1988); *Static Age* (1995); *Collection II* (1995); *Box Set* (1996); *American Psycho* (1997); *Famous Monsters* (1999). Danzig: *Danzig* (1988); *Danzig II: Lucifuge* (1990); *Danzig III: How The Gods Kill* (1992); *Thrall-Demonsweatlive* (1993); *Danzig 4* (1994); *Blackacidevil* (1994); *Satan's Child* (1999).

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

Laboratório pop

Consegui um CD da banda Stereolab chamado *Transient Random-Noise Bursts With Annoucements* e achei muito bom. Gostaria de saber um pouco mais sobre a banda, discografia e de que disco é "The Noise Of Carpet", som deles que costumava tocar nas FMs de rock aqui da Baixada Santista.

Francisco Carlos de Jesus – São Vicente, SP

O Stereolab atravessou a década fazendo um som que mistura o experimentalismo eletrônico do Kraftwerk, a bossa nova brasileira e todas as nuances do pop produzido na Europa durante os anos 60. A banda é baseada em Londres, mas a vocalista Laetitia Sadier nasceu na França. "The Noise Of Carpet" está em *Emperor Tomato Ketchup*, disco que figurou em nossa lista dos 100 melhores da década (para espanto de alguns integrantes da Redação). Discografia: *Super Electric EP* (1991); *Switched On* (1992); *Peng!* (1992); *Low Fi EP* (1992); *The Groop Played* (1993); *Jenny Ondioline EP* (1993); *Transient...* (1993); *Mars Audiac Quintet* (1994); *Refried Ectoplasm* (1995); *Cybele's Reverie EP* (1996); *Emperor...* (1996); *Dots & Loops* (1997); *Cobra & Phases* (1999).

Para suar a camiseta

Sou assinante e gostaria de saber a discografia completa do cantor de R&B Keith Sweat e do eterno rei do rap 2 Pac Shakur.

David Alves da Silva – São Gabriel, BA

Keith Sweat: *Make It Last Forever* (1988), um clássico absoluto do swingbeat, corrente mais criativa do R&B contemporâneo (na época chamado new jack swing); *I'll Give All My Love To You* (1990); *Keep It Comin'* (1991); *Get Up On It* (1994); *Keith Sweat* (1996); *Still In The Game* (1998).

2 Pac Shakur: *2Pacalypse Now* (1992); *Strictly 4 My N.I.G.G.A.Z.* (1993); *Me Against The World* (1995); *Volume 1* (1995); *All Eyez On Me* (1996); *Don Killuminati: The 7 Day Theory* (1996); *Death Row Greatest Hits* (1996); *Stop The Gun Fight* (1997); *R U Still Down? (Remember Me)* (1997); *Greatest Hits* (1998).

Observado por Josephine, Jim enforca as gêmeas Kim *(à esq.)* e Kelley *(à dir.)*, as cabeças do Breeders

Reprodutoras

Gostaria de saber se Breeders e Amps ainda existem, suas discografias e o que andam fazendo Kim e Kelley Deal.

Ligia Garófalo – São Paulo, SP

O que fazem atualmente as "irmãs Breeders", Kelley e Kim Deal?

Francisco Frutoso – Guarulhos, SP

Depois de *Pod* (1990), *Safari EP* (1992) e do consagrado *Last Splash* (1993), que trouxe o hit "Cannonball", muita expectativa envolve a volta do Breeders. A baixista Josephine Wiggs lançou *Bon Bon Lifestyle*, em 1996, sob o nome de The Josephine Wiggs Experience.

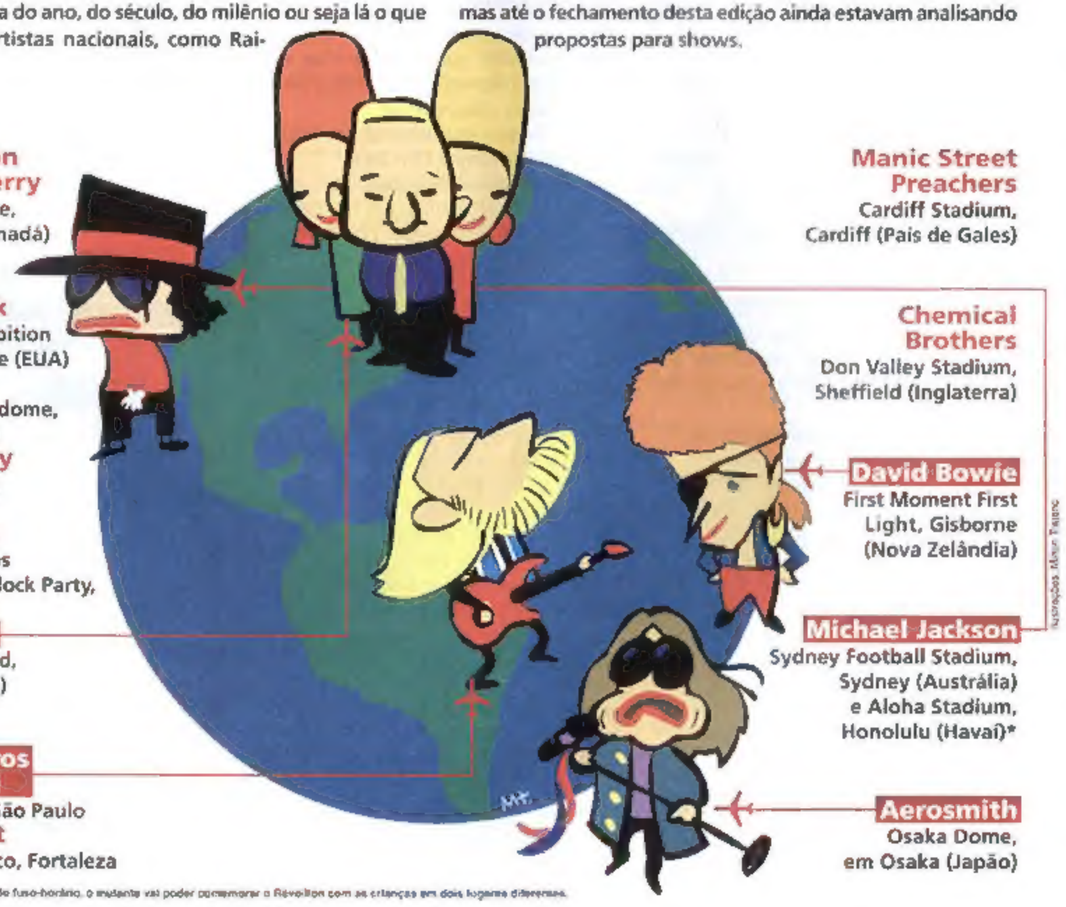
O batera Jim Macpherson entrou para o Guided By Voices, que expeliu um álbum mediano, *Do The Colapse*, há quatro meses. O Amps, projeto de Jim com Kim Deal, ficou só no álbum de estréia, *Pacer*, de 1995. Kelley Deal montou o Kelley Deal 6000 e soltou dois discos: *Go To The Sugar Altar* (1996) e *Boom! Boom! Boom!* (1997). Kim está há três anos tentando gravar um novo álbum do Breeders, com Steve Albini (Pixies, Nirvana, PJ Harvey, Bush) no comando. A gravadora 4AD garante que o disco, previsto para 1998, sai no início de 2000. Um aperitivo entitulado "Collage" foi incluído na trilha sonora do filme *Mod Squad*, estrelado por Claire Danes. A melhor novidade é que as irmãs Deal voltaram a se apresentar juntas em julho.

Bizzes

O réveillon das estrelas

Veja quem já está com tudo acertado para a meia-noite do dia 31 de dezembro

Titãs, Paralamas Do Sucesso e Sepultura já decidiram: como ninguém é de ferro, eles também vão estar de férias na virada do ano, do século, do milênio ou seja lá o que for. Outros artistas nacionais, como Raimundos, Skank, Pato Fu, Ultraje A Rigor, Ira!, Los Hermanos e Charlie Brown Jr., planejam se apresentar na fatídica data, mas até o fechamento desta edição ainda estavam analisando propostas para shows.



Celine Dion e Bryan Ferry
Molson Centre, Montreal (Canadá)

Chris Isaak
Stadium Exhibition Center, Seattle (EUA)

Metallica
Pontiac Silverdome, Pontiac (EUA)

Puff Daddy
Miami Arena, Miami (EUA)

Sugar Ray
Tempe Tostitos Fiesta Bowl Block Party, Tempe (EUA)

The B-52's
Pleasure Island, Orlando (EUA)

Engenheiros Do Hawaii
Av. Paulista, São Paulo

Jota Quest
Hotel Cumbuco, Fortaleza

Manic Street Preachers
Cardiff Stadium, Cardiff (País de Gales)

Chemical Brothers
Don Valley Stadium, Sheffield (Inglaterra)

David Bowie
First Moment First Light, Gisborne (Nova Zelândia)

Michael Jackson
Sydney Football Stadium, Sydney (Austrália) e Aloha Stadium, Honolulu (Havaí)*

Aerosmith
Osaka Dome, em Osaka (Japão)

Ilustrações Mauro Tateno

* Graças as maravilhas do fuso-horário, o mundante vai poder comemorar o Réveillon com as crianças em dois lugares diferentes.

Só faltava esta

Não satisfeito em ser unanimidade no universo feminino e ter muito dinheiro, **Brad Pitt** agora ataca de cantor. O primeiro single da trilha do filme *Clube da Luta*, que saiu no fim de novembro, traz a música "This Is Your Life", dos renomados produtores Dust Brothers (Hanson, Beastie Boys, Beck), com um tal de Tyler Durden – na verdade, ele, Brad Pitt.

Te cuida, Maurício Mattar!

Divulgação

Diplomatas do reggae

Campbell: finalmente, um disco com inéditas do UB40 na praça

Moira Stratton

Com mais de 20 anos de carreira, o UB40 consegue até hoje a proeza de reunir vários níveis de apreciadores de reggae em seus shows. Entre os admiradores do grupo, há desde fãs radicais, interessados em uma levada mais "raiz", até aqueles que somente agora estão dando seus primeiros passos dentro do ritmo jamaicano. Um dos fatores que contribuíram para essa aceitação maciça, com certeza, foi a série de álbuns *Labour Of Love* – discos de covers que catapultaram o UB40 para o topo das paradas e tornaram cada vez mais raras as estadas do líder Ali Campbell em sua cidade natal, Birmingham, na Inglaterra. SHOWBIZZ aproveitou que ele deu uma parada por lá para trabalhar no novo disco da banda e bateu um papo com Campbell.

Não te incomoda que as pessoas lembrem do UB40 por causa das covers e não das composições próprias?
Não, de maneira alguma. Nós nos lançamos numa missão para promover o reggae e é isso que estamos fazendo com o projeto *Labour Of Love*. Temos um disco prestes a sair que vai se chamar *The Fathers' Album* e vai ter gente das antigas, como John Holt e Ken Boothe, cantando músicas do UB40. Dennis Brown também estaria participando se estivesse vivo. É o outro lado da moeda, que mostra que nós também ganhamos o respeito desses músicos lendários.

Há pouco tempo vocês lançaram *Labour Of Love III*, terceiro disco de um projeto de álbuns só de covers. Como vocês escolhem as músicas para esses trabalhos?
Quando decidimos que iríamos fazer algumas regravações, todo mundo da banda começou a falar "temos de gravar essa", "temos de gravar aquela". Acho que tínhamos uma lista de 200 músicas. São os sons que nós escutávamos na infância na e adolescência. Sempre nos perguntam sobre nossas influências e esse projeto mostra de onde nós viemos. Temos músicas suficientes para chegar até o *Labour Of Love X* (risos).

Na sua opinião, o reggae está morrendo junto com seus grandes mitos?
Alguns grandes nomes do reggae, como John Holt e Ken Boothe, ainda estão conosco e espero que continuem por um longo tempo. Mas o reggae está crescendo, ele sempre cresce. Surgem novos estilos, as bandas se reciclam. As pessoas morrem, mas o reggae, não.

Só no forévis

Um papo-c*beça com Gabriel O Pensador

Foi a partir da reportagem "Menina Não Entra", sobre mulheres no pop brasileiro (publicada em SHOWBIZZ de maio), que o rapper teve a idéia de chamar Fernanda Abreu para fazer a música "Nádegas A Declarar", faixa-título de seu novo álbum. "A matéria falava sobre o papel das mulheres na música brasileira e a Fernanda disse coisas legais sobre o assunto. Eu queria ter a participação de uma mulher para não ficar uma visão muito machista. Sei que às vezes pego pesado...", admitiu. Em seu quarto disco, porém, Gabriel trabalhou para dosar melhor as coisas. "Acho que o equilíbrio entre diversão e crítica está mais bem resolvido", completou, antes de encarar este pingue-pongue ardido.

Quem é bundão?
Somos nós, que ficamos sentados assistindo às bundas rebolarem na TV.

Quem é cool?
Eu sou cool, mas não sou "coolzão"!

Quem você gostaria de ver pelas costas?
Os fabricantes de CDs piratas. Pau na bunda deles!

Que nota você dá para sua bunda?
Dez!

Já recebeu elogios?
Tem fã que gosta de beliscar a bunda... Uma fã, uma coroa doidona, pediu para beijar minha perna. Não deixei. Se quiser dar uma beliscada sem eu ver, tudo bem, mas beijar a perna, não!

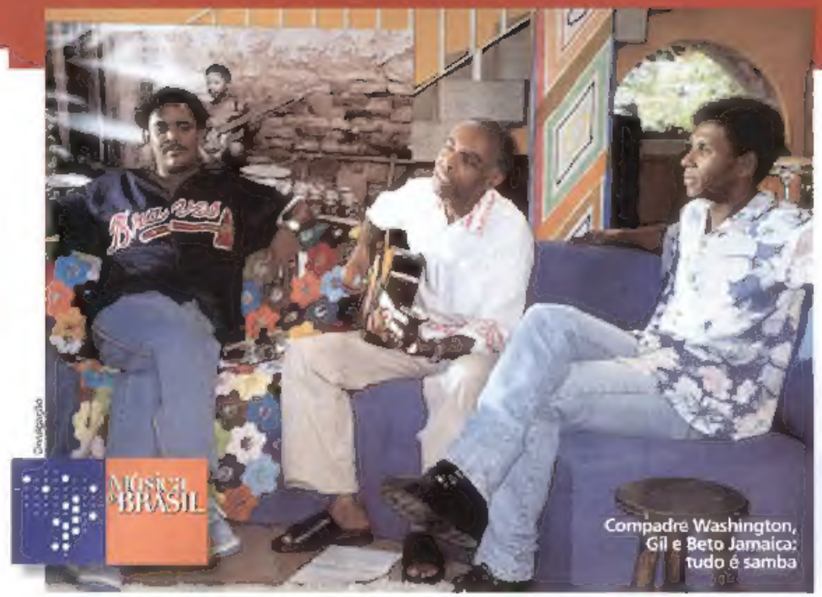
Qual foi a bunda-musa da sua adolescência?
Monique Evans, que eu conheci depois. Ela participou do clipe de "Rabo De Saia" e arrebentou!

Você escolheu a dedo as bundas que enfeitam o encarte do disco?
Quem teve esse trabalho duro foi o Luis Stein *(responsável pelo projeto gráfico e direção de arte do disco)*, marido da Fernanda Abreu. Eu só tive de ficar ali no meio...

Quem você gostaria que fizesse um *backing vocal* para você?
A minha mulher, Aninha. Ela faz muito bem... Estou satisfeito.

Você tem dinheiro na poupança?
Não, tô duro!

Foto Reuters



Divulgação

Compadre Washington, Gil e Beto Jamaica: tudo é samba

Boa música com tchans

Os preconceituosos vão ter de engolir. O histórico projeto Música Do Brasil, que radiografa os sons nacionais de norte a sul, vai mostrar supreendentes números musicais envolvendo Gilberto Gil, que atuou como mestre-de-cerimônias, e artistas como Caetano Veloso, Nação Zumbi, João Bosco, Dominguinhos, Martinho da Vila e Paulo Moura. Num desses encontros, Gilberto Gil e a dupla Compadre Washington e Beto Jamaica fazem um som de alto nível. Os integrantes do É O Tchan, que já possuíam uma trajetória artística respeitável muito antes do estouro do bumbum de Carla Perez, cantam com Gil "Desde Que O Samba É Samba" e outros belos batuques.

A estréia da série Música do Brasil está prevista para março, na MTV. Cada um dos quinze programas (dirigidos por Belisário Franca, com roteiro de Hermano Vianna) terá meia hora de duração. E, além de mostrar astros consagrados, deve revelar vários talentos de fama regional.

notas

O muro que não quer cair

Está saindo o CD duplo *Is There Anybody Out There – The Wall Live*, do Pink Floyd, com material gravado entre 1980 e 1981, em Londres, Nova York, Los Angeles e Dortmund (Alemanha). No embalo, a Columbia Records aproveita e lança o DVD do filme, que inclui um documentário sobre como *The Wall* foi feito, cenas adicionais e entrevistas com o baixista Roger Waters. Próxima turnê? "Não há planos, por enquanto. O Pink Floyd é uma empresa. A banda, eu nem sei se ainda existe", solta o guitarrista David Gilmour.

Tem culpa nossa

As criancinhas brasileiras nem sabem, mas foi por causa delas que Jimmy Page se aproximou dos Black Crowes, dando origem a uma eletrizante turnê de rock nos EUA. Casado com uma argentina radicada em nosso país, o guitarrista foi convidado para um show em benefício do Abandoned Brazilian Children's Trust, em Londres. Como estava sem banda, resolveu chamar os Crowes. A apresentação foi tão boa que a banda americana resolveu convidar Page para seguir com eles numa turnê. O resultado, segundo Timothy White, editor da revista *Billboard*, "vem sendo apontado como um dos melhores shows da década". O melhor da história: as duas últimas noites dos Crowes com Page em Los Angeles foram gravadas e devem virar disco.

Novidades no Oasis

O Oasis anunciou o nome e a lista de músicas de seu próximo disco. O álbum deve sair em fevereiro, vai se chamar *Standing On The Shoulders Of Giants* e trará a primeira música que Liam Gallagher compôs para a banda, "Little James". O primeiro single deve ser "Fuckin' In The Bushes". Para o lugar do baixista Paul McGuigan, foi chamado Andy Bell, ex-integrante do Ride e do Hurricane #1, dois grupos importantes no britpop. E o substituto do guitarrista Bonehead será Gem, da banda Heavy Stereo.

Noel Gallagher: mais dois empregados

Jorge Rosemberg

Mundo Livro S/A

Novidades que tocam na sua estante

PUNK: ANARQUIA PLANETÁRIA E A CENA BRASILEIRA
Silvio Essinger (Ed. 34)

O punk feito no Brasil ainda estava devendo um relato confiável aos aficionados. É o que Essinger faz, depois de abordar o movimento no exterior: só dá história bacana de Inocentes, Cólera, Olho Seco, Ratos De Porão, Coquetel Molotov, Replicantes etc. Uma bela sacada do autor foi identificar artistas que, independentemente da música, sempre tiveram um posicionamento punk, como Jards Macalé. Facinho de ler, o livro ainda tem a gentileza (e um baita serviço) de listar os discos básicos do gênero.

ASSALTO À CULTURA
Stewart Home
(Conrad Livros)

Sempre que a cultura ficou engomadinha, surgiu algum grupo de malucos para avacalhá-la. Este livro mostra a história desses movimentos, dos dadaístas aos neoístas, passando por outros "istas". Como frisa o autor, foram movimentos que, embora de oposição ao capitalismo consumista, nasceram em sociedades sob esse regime e, assim, não escapam da lógica de mercado. Qualquer semelhança com o punk – que também mereceu um capítulo à parte – não é mera coincidência.

NEW JAZZ – DE VOLTA PARA O FUTURO
Roberto Muggiati (Ed. 34)

Num trabalho primoroso e sem paralelo sequer nos EUA, o jornalista brasileiro Roberto Muggiati situa nomes e vertentes do jazz atual, que está, ao contrário do que se vê no Free Jazz, fervilhando de novos talentos. Com clareza e precisão nas análises, o texto ilumina de Wynton Marsalis a John Pizzarelli e Cherry Poppin' Daddies, passando por "clássicos" como Miles Davis, Ornette Coleman e Duke Ellington, acertadamente apontado como "o som do século".

VOCABULÁRIO DE MÚSICA POP
Roy Shuker (Hedra)

Dicionário com termos, estilos e mecanismos da indústria cultural. Cabeçudo.

Som a cabo

Sucessos da discoteca e bons rocks animam o seriado *That 70's Show*

Conheça o maravilhoso mundo dos seriados americaninhos e suas trilhas sonoras bem bacaninhas...

THAT 70's SHOW

Sony, terças, 21h30

Sapatos plataforma, Watergate, ressaca de Woodstock e Vietnã são pano de fundo para um dos melhores seriados atuais. Os personagens principais são o pacato Eric (Topher Grace), sua namorada Donna (Laura Preppon) e os amigos Kelso (Ashton Kutcher), um rapaz bonachão e um tanto burro, a estressada Jackie (Mila Kunis), o viajandão Hyde (Danny Masterson) e Fez (Wilder Valderrama), estudante estrangeiro que bebe doses cavalares de cultura americana.

That 70's Jammin' Album

That 70's Rockin' Album

(Volcano Records – IMPORTADOS)

A trilha saiu em dois CDs, ambos com hits da época. Em *Jammin'*, muito funk, soul e disco, com petardos como "Get Down Tonight" (KC & The Sunshine Band), "Jungle Boogie" (Kool & The Gang), "So Very Hard To Go" (Tower Of Power) e "Rock The Boat" (The Hues Corporation). Já *Rockin'* traz como destaques "Let It Ride" (Bachman-Turner Overdrive), "Under My Wheels" (Alice Cooper), "Cities On Flame" (Blue Oyster Cult), "In The Street", tema de abertura, infelizmente não aparece na gravação original com o grupo Big Star, mas num cover sem sal do Cheap Trick.

FELICITY

Sony , terças, 23 horas

Felicity (Keri Russell) é uma jovem interiorana que decide estudar em Nova York. Logo que chega à cidade, envolve-se com Ben, um rapaz emocionalmente instável, e passa a enfrentar uma série de problemas em função disso.

Felicity: Music From The Hit Television Series

(Hollywood/Roadrunner)

Rocks e baladas que tocam bastante nas *college radios* americanas, entre eles "Heart And Shoulder" (Heather Nova), "She Will Have Her Way" (Neil Finn) e "Good Enough" (Sarah McLachlan). Há ainda "Bridge Over Troubled Water", com Aretha Franklin, e o tema de abertura da série, escrito e interpretado por J. J. Abrans e Larry Klein.

Felicity, atormentada profissional ao som de pop *universotário*

Síndrome de Dawson: paixões complicadas e canções pop singelas

DAWSON'S CREEK

Sony, segundas, 22 horas

Quatro adolescentes enfrentam a dureza do início da vida adulta. Estrelada por James Van Der Beek (Dawson), Kathie Holmes (Josephine), Michelle Williams (Jennifer) e Joshua Jackson (Pacey), a série vem batendo recordes de audiência em vários países, inclusive o Brasil.

Songs From Dawson's Creek

(Columbia/Sony)

Traz algumas canções escritas especialmente para o seriado, como "I Don't Want To Wait" (Paula Cole) e "Shimmer" (Shawn Mullins). Mas o maior sucesso, "Kiss Me", com o grupo carola Sixpence None The Richer, teve outra inspiração.

FRIENDS

Sony, quartas, 20 horas

Amigos inseparáveis à procura da realização pessoal e profissional. Essa é a base de *Friends*, um dos maiores êxitos da atualidade. No elenco, Matt Le Blanc (Joey), Lisa Kudrow (Phoebe), Courteney Cox (Monica), Jennifer Aniston (Rachel), Matthew Perry (Chandler) e David Schwimmer (Ross).

Friends

(Warner Bros/WEA)

Este CD tem Rembrandts ("I'll Be There For You", tema de abertura da série), Hootie & The Blowfish ("I Go Blind"), R.E.M. ("It's A Free World, Baby") e Lou Reed ("You Know You Were Loved").

Friends Again

(Warner Bros/WEA)

Aqui, Smash Mouth ("Every Word Means No"), Semisonic ("Delicious") e até um dueto da atriz Lisa Kudrow com Chrissie Hynde, dos Pretenders ("Smelly Cat").

Trilhas de *Friends* têm de R.E.M. a Lou Reed

Canções de fossa e amores impossíveis em *Ally McBeal*

ALLY McBEAL

Fox, segundas, 21 horas

Ally (Calista Flockhart) é uma jovem e bem-sucedida advogada que enfrenta um sério problema: trabalha no escritório de Billy (Gil Bellows), o grande amor de sua vida, que, infelizmente, é casado. Com Georgia (Courtney Thorne-Smith), que, infelizmente, é colega de trabalho dos dois.

Songs From Ally McBeal

(550 Music/Sony – IMPORTADO)

A cantora e compositora Vonda Sheppard (que aparece em quase todos os episódios sempre cantando) apresenta músicas próprias e ótimos covers de clássicos pop das décadas de 60 e 70, como "The Shoop Shoop Song", "Hooked On A Feeling" e "You Belong To Me". Será lançado em breve um segundo volume, apenas com canções inéditas escritas por ela.

frases

"Um lugar onde eu conheça todo mundo."
Gene Simmons, do Kiss, dando sua definição particular de inferno

"Se não conseguirmos ajudar esses países, todos esses festejos do milênio vão ficar na História como os banquetes da Corte de Luís 14"
Bono, do U2, que conversou com Bill Clinton e outras autoridades americanas tentando convencê-los a apoiar o quixotesco projeto Jubillee 2000 e – rararará – perdoar a dívida externa de países pobres do Terceiro Mundo

"Eu quero estar com você e com sua irmã também."
Beck, imitando o Chef do South Park *em "Debra", música de seu novo CD*

"Eu sou a Sporty Spice."
Mel C, cantando "Anarchy In The UK" ao vivo, substituindo o verso "I am antichrist" ("eu sou um anticristo")

"No futuro, também haverá corações partidos."
David Bowie, explicando por que seu último disco deixou um pouco de lado os ritmos eletrônicos

"Elijah Bob Patricius Guggi Q Hewson."
Nome do novo filho de Bono. Mas pode chamá-lo de Boninho

Que país é esse? Itália

Reprodução

"Elas surgem sob a terra, e antigamente se usava porcos farejadores para encontrá-las."
Herbert Vianna, dos Paralamas, indicando a melhor maneira de se localizar trufas, na revista Caras

Outra deles

Smash Mouth volta a emplacar com o hit "All Star"

Depois de lançar um refrescante segundo álbum, *Astro Lounge*, o grupo californiano Smash Mouth domina as rádios do mundo inteiro com "All Star". Quem pensava que eles só tinham fôlego para um hit só, "Walkin' On The Sun" (do disco anterior, *Fush Yu Mang*), quebrou a cara. "F***-se as cobranças elitistas e esnobes do underground", cuspiu o baixista Paul De Lisle, em entrevista ao jornal inglês *Melody Maker*. O vocalista Steve Howell aproveitou uma folga da turnê com Lenny Kravitz para ligar para SHOWBIZZ e falar sobre o prazer de ser pop.

Onde foram parar os elementos punk do começo da carreira da banda?
Depois que saímos em turnê melhoramos muito como banda ao vivo, e nosso próprio estilo veio à tona. Pessoalmente, não gostei muito do nosso primeiro disco. Aquela sonoridade punk vinha muito de nosso primeiro baterista, Kevin. Estávamos escrevendo músicas que ele soubesse tocar. Antes de fazer *Astro Lounge*, eu, Greg e Paul conversamos sobre Kevin e chegamos à conclusão que, se quisássemos estourar, teríamos de tentar coisas diferentes. Compusemos músicas bem mais difíceis de tocar, muito melhores musicalmente e tivemos de arrumar um baterista que conseguisse tocá-las.

Então *Astro Lounge* já começou com a intenção de ser um disco pop?
Definitivamente. No primeiro disco, tínhamos "Walkin' On The Sun" e um monte de músicas punk que não representavam a banda. Eu curto muito mais o pop rock do novo disco. Queríamos mesmo ser mais populares, não ligamos para a tão falada "credibilidade". Eu só queria um disco melhor.

Vocês estão mesmo fazendo um desenho animado com a banda?
Sim. Já está quase pronto. É muito engraçado, nos mostra sendo perseguidos por uma velha que quer nos matar. Estamos negociando com uma rede de televisão.

Howell *(mão no queixo)*: disco melhor

Ataque Sonoro
Coletânea Punk Nacional

Hanx!
apresenta:

Skabadabadoo!
Coletânea Ska Internacional

Invasores de Cérebros
1º CD

Grinders
CD com faixas bônus

Distribuição Exclusiva
Aguarde novos lançamentos!

The Toasters
Hard Band For Dead

The Toasters
D.L.T.B.G.Y.D.

Visite nossa loja:
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 344 - São Paulo, SP - CEP: 01041-000 - Fone: (0XX11) 220 7705
Preços especiais para lojistas

GUNS N' ROSES
Eles estão de volta!
Todos os sucessos ao vivo e a inédita It's Alright
Sweet Child O'Mine
Welcome To The Jungle
Don't Cry
November Rain
Patience
Paradise City...
CD DUPLO

MAIS VIVOS DO QUE NUNCA

Metallica toca seus maiores sucessos com a Orquestra Sinfônica de São Francisco
Fuel, One,
Enter Sandman,
Master Of Puppets,
Nothing Else Matters
+ 2 inéditas
CD DUPLO

MÚSICA É UNIVERSAL

METALLICA

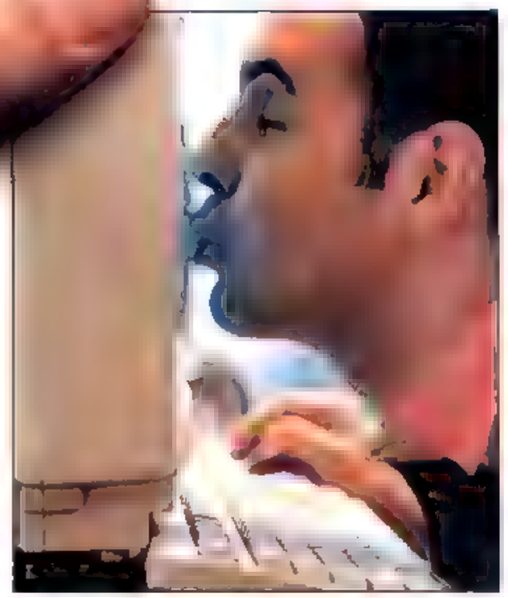
Todo brasileiro tem direi to a um e-mail grátis.

www.bol.com.br

Escolha um nome, uma senha e ganhe um endereço na Internet.

Aumente consideravelmente suas chances de receber um e-mail da Deborah Secco:

tenha um e-mail.



Os computadores já nos deram uma bela dor de cabeça chamada Bug do Milênio. Em compensação, também nos presentearam com este que é o meio de comunicação mais democrático que existe: o e-mail grátis do Brasil Online. Com ele, você pode se comunicar com quem quiser. E o que é melhor: quem quiser também pode se comunicar com você. Então, não perca tempo e tenha logo o seu e-mail grátis. Você não vai querer correr o risco de deixar a Deborah Secco esperando, vai? Veja, passo a passo, como é fácil ter o seu 1) Num computador ligado à Internet, digite www.bol.com.br na barra de endereços. Aperte a tecla Enter. 2) Clique em Inscreva-se Já. 3) Siga as instruções da tela. Digite seu nome e uma senha (se não quiser usar seu nome verdadeiro, use um apelido). Pronto. Você já tem um e-mail grátis e para sempre, válido em qualquer computador, em qualquer lugar do mundo, com qualquer provedor.

BOL
BRASIL ONLINE

Eternizando Renato

Começam os trabalhos para a organização, em Brasília, do memorial em homenagem ao líder da Legião Urbana

Por Felipe Zobaran

A [illegible] de Renato Russo [illegible] a entrada de um [illegible] grupo no edifício nº 37[illegible] da [illegible] em [illegible] Nesse [illegible] os dias [illegible] da O apartamento [illegible] desde sua morte, em 1996. Todos os objetos [illegible] como Renato os [illegible]

O grupo – composto por Fernando Artigas, produtor dos primeiros shows da Legião Urbana; Sonia Luísa, da Secretaria de Cultura do Distrito Federal; a atriz [illegible] Bandeira; Luiz [illegible] amigos íntimos de Renato – tem [illegible] objetos pessoais do cantor para formar o acervo do Memorial Renato Russo, que deve ser [illegible] ano [illegible] Brasília.

[illegible] Acústico MTV da Legião [illegible] campanha [illegible] do Brasil e o [illegible] por diversos artistas.

O governo de Brasília apoia a criação do memorial. A Secretaria de Cultura do Distrito Federal [illegible] do Espaço Cultural Renato Russo um conjunto de dois teatros [illegible] na Quadra 508 Sul. O memorial [illegible] nesse espaço. [illegible] em abril, a Capital Federal festeja 40 anos e a inauguração [illegible] fazer parte das comemorações. Renato [illegible] em março, também completaria 40 anos, começou a carreira em Brasília e cantou a cidade em muitas de suas músicas.

No apartamento de Ipanema, segundo Fernando Artigas, há cerca de 2.600 discos, 2 mil livros e 300 vídeos. Uma sofisticada salada de referências [illegible] Camões e John Lennon, ópera alemã e [illegible] cinema italiano. Renato tinha paixão por literatura e cinema. Chegou a fundar a ASA (Amantes da Sétima Arte) [illegible] depois [illegible] seus comentários em atas de [illegible]

Artigas espera que o memorial seja "um [illegible] as pessoas possam conhecer o [illegible] o método de trabalho de Renato [illegible] Amigos de Renato, [illegible] e jornalistas serão convidados a contribuir com material [illegible] a carreira do cantor [illegible] fotos e entrevistas.

A quantidade e [illegible] das canções de Renato Russo [illegible] a história da música brasileira [illegible] de milhares de fãs. Quando for inaugurado, o Memorial Renato Russo ajudará a entender por quê. ☐

Capital do rock

SHOWBIZZ publica, a partir da próxima edição, uma série de matérias sobre a história do rock em Brasília. Quem assina os textos é o jornalista Carlos Marcelo, editor do Caderno 2, suplemento cultural do jornal *Correio Braziliense*. Entre as descobertas de Marcelo, está a letra abaixo, do repertório do Aborto Elétrico.

CONSTRUÇÃO CIVIL
(Renato Russo)

O que você vai ser quando você crescer
É nas fotografias o que você vai ver
O tempo passa e você vê que existem coisas
Que você nunca imaginou que existissem
Eu tenho um primo
que trabalha na construção civil
Ele conta coisas e
diz que eu tenho que esperar
Entre uma cerveja e outra
se lembra do aluguel
Então me explica como é feito
Eu tento ver nos olhos se ele fala a verdade
Mas ele se esquiva e diz que é só cansaço
Que ainda tem muito pra viver
"Como vai a escola?
E a sua vida, o que é que vocês fazem?
Como é a sua turma?"
Eu tenho um primo
que trabalha na construção civil
É tão seguro trabalhar na construção civil
Senso de responsabilidade
Na construção civil
Pare de pensar na vida e vá trabalhar
Na construção civil

Papel velho? Nada disso. Relíquias da vida de Renato Russo ao seu alcance

O despertar da besta

Depois de seis anos recluso trabalhando num caos que dilacerou o Guns N' Roses, Axl Rose volta ao picadeiro para tentar retomar o seu lugar

por Emerson Gasperin

Uma espera que se arrastava por onze anos está chegando ao fim. Em outubro, os sortudos que vão ouvir os novos sons de Axl Rose e sua banda poderão conferir o material do tão aguardado *Chinese Democracy*. Agora, o CD já pode ser encontrado em algumas lojas do mundo inteiro. Os fãs pensam que levará a assinatura de Guns N' Roses, mas o cantor quer que o CD seja creditado somente a ele. Depois de anos sendo comparado com a banda e desafiado a lançar o disco, Axl vem intrigando fãs e críticos com o jogo de suspense. Só resta apreciar.

Em novembro de 1993, o Guns N' Roses parecia estar no auge. Depois de lançar os álbuns *Use Your Illusion I* e *II*, em 1991, a banda havia se tornado uma das maiores do mundo. Os discos, que traziam clássicos como "November Rain" e "Don't Cry", venderam mais de 30 milhões de cópias em todo o planeta. Mas, naquele ano, o grupo começou a se desfazer. Axl Rose, Slash, Duff McKagan, Matt Sorum e Gilby Clarke não conseguiam mais conviver em harmonia. Após uma turnê mundial, a banda se separou. Axl ficou com o nome Guns N' Roses e Slash, Duff, Matt e Gilby formaram o Velvet Revolver.

Desde então, Axl Rose tem sido alvo de piadas e críticas. Ele foi acusado de destruir a banda e de ser o único responsável pelo fim do grupo. Nesse período, o cantor também foi processado por ex-empresários e ex-integrantes do Guns N' Roses. Mas nada disso abalou Axl Rose. Ele continuou trabalhando em seu projeto mais ambicioso, o CD *Chinese Democracy*. Em 1999, o cantor anunciou que o disco estava pronto. Mas, como sempre, Axl Rose não estava satisfeito com o resultado final. Ele queria mais. Mais tempo, mais dinheiro, mais músicos. Mais tudo. Ao longo dos anos, o lançamento do CD foi adiado várias vezes. Em 2001, o disco foi marcado para ser lançado em novembro daquele ano, mas o cantor não ficou satisfeito com o resultado final. Em 2002, o CD foi marcado para ser lançado em novembro daquele ano, mas o cantor não ficou satisfeito com o resultado final. Em 2003, o CD foi marcado para ser lançado em novembro daquele ano, mas o cantor não ficou satisfeito com o resultado final. Em 2004, o CD foi marcado para ser lançado em novembro daquele ano, mas o cantor não ficou satisfeito com o resultado final. Em

Ressuscitando, Axl deve dispensar este visual – e este figurino cafona

importante na reabilitação do Aerosmith) mas está velho. Trent Reznor, do Nine Inch Nails, é esquisito demais e popular de menos. Noel Gallagher, do Oasis, prefere ser o rei só da Inglaterra. Parece que apenas um megastar reúne todos os quesitos necessários para a função. Ele.

Axl é rico, ostenta uma cara aceitável e, aos 37 anos, ainda está longe da aposentadoria. Em termos de rock, porém, sua idade é... difícil. Aos 37, Ozzy Osbourne já tinha gravado todos os clássicos do Black Sabbath e consolidado a carreira solo com três bons discos de estúdio; depois disso, teve apenas um momento de brilho com material inédito, *No More Tears*, de 1991.

Depois dos 37 anos, idade que Axl tem agora, Mick Jagger, Ozzy Osbourne e Robert Plant não conseguiram repetir o brilho do passado

Robert Plant lançou seu terceiro LP-solo o fracote *Shaken N'Stirred*, aos 37 anos. Conseguiu levantar a carreira, mas apenas revivendo o fantasma do Led Zeppelin ao lado de Jimmy Page. Mick Jagger fez 37 anos em 1980 e depois disso gravou muitos trabalhos elogiados, mas nada que se equiparasse às obras-primas anteriores dos Rolling Stones.

Claro, Ozzy é Ozzy, Plant é Plant, os Stones são os Stones. Mas Steven Tyler, provavelmente o nome mais adequado para comparações com Axl, tem uma bela história após os 37 anos: nessa idade, em 1985, ele ensaiava uma tímida volta do Aerosmith lançando *Done With Mirrors*, último álbum antes da parceria com o Run-DMC ("Walk This Way"), que começou a reerguer a banda (processo que se concretizou após *Pump*, em 1989). Se funcionou com Tyler, pode dar certo para Axl.

É certo que ele vai encontrar um panorama bem diferente do de 1993. Só que isso pode ser até vantajoso. Afinal, os nomes que dominam a cena rock americana atual soam como piadas quando ladeados a Axl. Marilyn Manson, Korn, Limp Bizkit, Kid Rock, nenhum deles tem sequer um terço de seu carisma, de sua força no palco. Nenhum deles compôs sequer uma razoável coleção de canções.

MARILYN MANSON VAI COPIAR

De 1987 até *The Spaghetti Incident?*, Axl foi o dono do mundo. Onde quer que chegasse, imediatamente atraía todas as atenções. Bastava fazer um sinal para ter sexo ou drogas. Sua banda vendia milhões de discos, dinheiro que não acabava mais. Se algo o desagradava, metia a boca ou, simplesmente, a porrada. Sua vida foi se transformando em um inferno, com muitos diabos – a maioria deles – alimentados ou criados por ele mesmo.

Não que antes disso Axl vivesse no paraíso. Sua capacidade para arrumar encrenca praticamente nasceu junto com o sucesso do Guns N' Roses – e cresceu na mesma medida. No início, o mau comportamento beneficiou o grupo. Histórias de drogas e de arruaças punham em evidência o quinteto. Viagem foi acreditar que seria fácil controlar tamanho apetite por destruição.

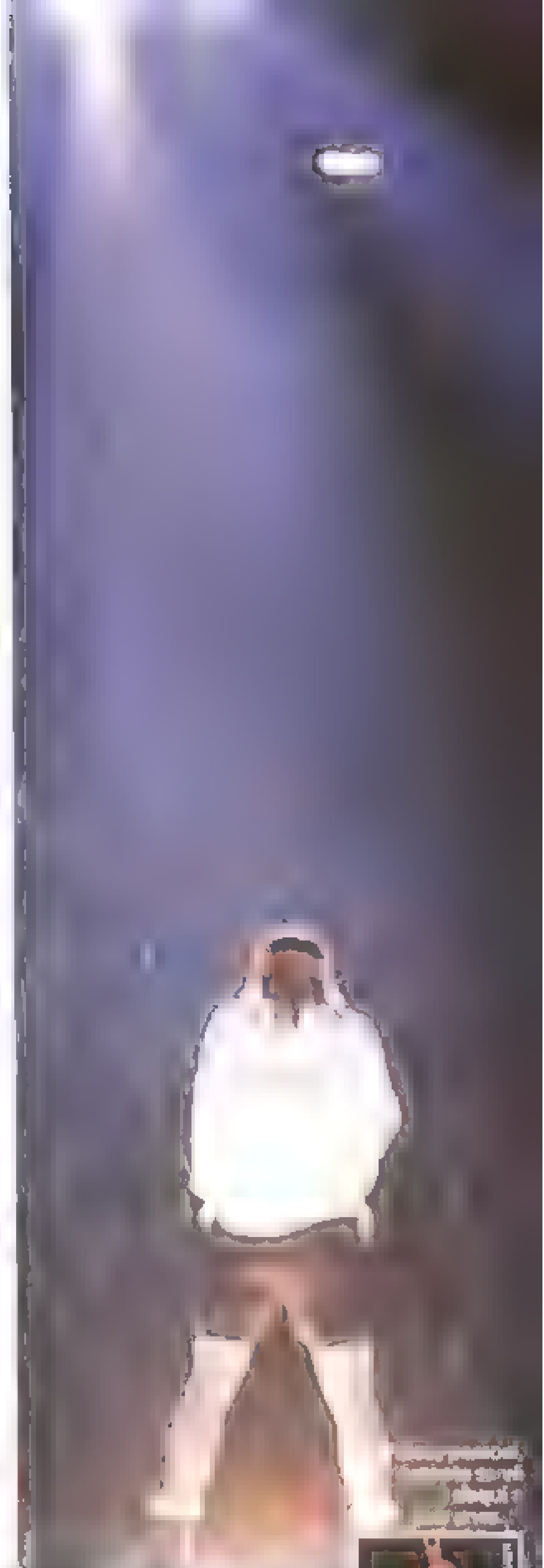
Axl sempre colecionou confusão. A música "One In A Million", do primeiro disco, insultava gays, negros e imigrantes [illegible] (ainda hoje, quando Marilyn Manson anuncia que vai regravá-la). Em 1990, o cantor foi preso por bater com uma garrafa de vinho na cabeça da vizinha que reclamara do barulho em seu apartamento. No ano seguinte, em uma apresentação da banda em Saint Louis (EUA), Axl irritou-se com um espectador que o fotografava e desceu o cacete para, em seguida, se retirar do palco. A interrupção provocou um tumulto envolvendo 2 mil pessoas.

No campo amoroso, sua vida também não era exatamente um mar de rosas. Em 1991, após muita pancadaria, anulou o casamento com a eterna namorada Erin Everly (filha de Don Everly, do Everly Brothers). No Guns, havia gente nova na bateria (Matt Sorum), na guitarra (Gilby Clarke) e um tecladista (Dizzy Reed). O baterista Steven Adler fora dispensado por estar na lama e o guitarrista Izzy Stradlin – que, junto com Axl, saiu das quebradas de Indiana de carona rumo a Los Angeles – pulou fora.

SENSAÇÃO NA MTV

Nada melhor que um disco de covers para baixar a(s) bola(s). Mas não adiantou nada. Axl continuou perdendo. Em 1994, depois de muita lavagem de roupa suja em público, perdeu a namorada, a modelo Stephanie Seymour. Até 1997, tratou de romper com os outros integrantes da banda. Pela ordem, Clarke, Slash, Duff McKagan [illegible] Sorum [illegible] [illegible]. Passaram pela história o guitarrista Zakk Wilde (ex da banda de Ozzy Osbourne), o baterista Dave Abruzzezze (ex Pearl Jam) e o programador Chris Vrenna (do Nine Inch Nails). De lá para cá, a banda já teve inúmeras formações, gravou e regravou um monte de músicas e... Nada. Do pior jeito, Axl aprendeu que ninguém lidera a banda de rock líder de mercado por determinado tempo e sai impune.

A obsessão (perfeccionismo?) de Axl com o próximo produto [illegible] mercado [illegible]. Para ele, não é apenas uma volta, é "a" volta, aquela que deve pavimentar seu futuro ou enterrar suas pretensões de recuperar o posto de dono do mundo. Afinal, havia muito [illegible] ▶



Enquanto Axl hibernava, o mundo pop deu voltas...

1994

• Aos 27 anos, Kurt Cobain, o artífice da revolução "alternativa", dá um tiro na cabeça.

• O Nine Inch Nails lança *The Downward Spiral* e a imprensa americana vê em Trent Reznor e no subgênero "industrial" o futuro do rock.

• Um baixinho magrela chamado Beck estoura com uma mistura de rap e folk, cujo refrão dizia: "Eu sou um perdedor, baby/ Então por que você não me mata?" ("Loser").

1995

• Blur e Oasis disputam o trono britânico com o lançamento, respectivamente, de *The Great Escape* e *What's The Story (Morning Glory)?* Nenhuma das duas bandas, contudo, consegue estourar nos EUA.

• A cantora canadense Alanis Morissette estoura com o feminismo adolescente de *Jagged Little Pill*. O disco se transforma no maior fenômeno comercial da década, vendendo um total de 27 milhões de cópias.

1996

• O rapper e ator 2 Pac, ídolo nos EUA, é assassinado, levando consigo o glamour do gangsta rap.

• *Mellon Collie & The Infinite Sadness*, do Smashing Pumpkins, consagra-se como um dos discos duplos mais vendidos na história.

• O Lollapalooza, maior festival alternativo da década, roda a América pela última vez, tendo o Metallica como banda principal.

1997

• O Prodigy abre a cabeça do mundo – e a machada das punks – para a música eletrônica. *The Fat Of The Land* vende conteúdo e imagem.

• O Soundgarden chega ao fim. O Pearl Jam, que havia lançado um trabalho tímido em 1996 (*No Code*), se retrai.

• A imprensa descobre o Radiohead. *OK Computer* é incensado como obra-prima e Thom Yorke passa a ser tratado como gênio angustiado.

"A música 'Oh My God' não serve como amostra do que vem por aí. O disco novo terá estilos e sons diferentes. É uma grande mistura"

o nome Guns N' Roses não aparecia sem estar acompanhado do novo chilique de Axl, da nova recusa de alguém em trabalhar com ele ou do novo adiamento do disco da grupo. Agora, pelo menos, a mídia comenta alguma coisa feita por Axl Rose no campo musical.

No começo de setembro, durante a cerimônia do MTV Video Music Awards, em Nova York, foi exibido o trailer do filme *End Of Days*, estrelado por Arnold Schwarzenegger. Os 15 segundos da música "Oh My God" na peça foram suficientes para ofuscar o fortão. Sim, aquilo era Guns. Finalmente, uma música nova.

No final do mesmo mês, o tratamento de choque para trazer Axl de volta à pauta do dia recebeu a segunda dose. Um comunicado seu chegou à imprensa explicando que a música nascera em 1997. "Um esboço foi escrito pelo guitarrista Paul Huge (chapa de Axl dos tempos duríssimos de Indiana), com o tecladista Dizzy Reed [único remanescente da fase áurea da banda] compondo o trecho do refrão", dizia.

Os fãs nem tiveram tempo para digerir direito o novo Guns que se insinua em "Oh My God": riffs pesados, programação [illegible] da voz filtrada de Axl Rose gerando as letras montam uma sonoridade [illegible] rock industrial do Nine Inch Nails. Em seguida, foi anunciado para dezembro um disco ao vivo da banda, *Live Era 87-93*. São 23 músicas extraídas de shows em Toquio, Las Vegas, Paris, Nova York e Cidade do México durante o período em que o grupo dominou o mundo.

O álbum é um velho anseio dos *gunners*. Nos últimos anos, os ex-companheiros Axl e Slash se encontraram para avaliar se alguns registros de shows tinham qualidade suficiente para ser lançados (outra historinha ruim de acreditar). O trabalho foi interrompido com a compra da gravadora Polygram pela Universal, transação que envolveu também a Geffen, dona do passe da banda. Tão logo o negócio assoalhou-se, o projeto foi retomado.

DEMOCRACIA CHINESA

Pouco depois na contabilidade, em um curto intervalo, saiu a primeira música inédita do grupo em oito anos e o primeiro disco desde 1993. Um representa o Guns envolvido com programações eletrônicas e ares de modernidade com a validade vencida, empréstimo do Nine Inch Nails, o outro mostra a banda executando seus maiores (e não são poucos) hits no palco. Enquanto o primeiro tenta desenhar o futuro ainda incerto, o segundo remonta ao passado glorioso do grupo.

Dizem que já é a terceira vez que Axl regrava o tal disco novo. O álbum (o último nome a ser divulgado foi *Chinese Democracy*) está previsto para sair no ano que vem ou quando Axl achar que está pronto. Vários dos cinquenta títulos cotados, como "Prostitute", "No Love Remains", "Hearts Always Get Killed", "Oh My God", "Silkworm", "Shackler's Revenge", "Better", "Catcher In The Rye", "Riad N' The Bedouins", "Sorry", "Madagascar", "Silkworm", "Scraped", "Bad Apples

Axl batia na vizinha e nas namoradas; os rappers dos anos 90 se matam a tiros

Axl é um artista que sempre atendeu aos pedidos do público

Axl vai precisar oferecer bem mais do que o hard rock que o consagrou se quiser realmente voltar a ser líder de mercado. A rebeldia de outrora periga deixá-lo parecido com o Dr. Evil, o inimigo de Austin Powers que ficou congelado dos anos 60 aos 90 e, no primeiro filme da série, exige 1 milhão de dólares para não destruir a Terra. Como o vilão, o dono do Guns também pode ter perdido os referenciais. Violência? Rappers trocam tiros entre si e espancam jornalistas. Sexo? Marilyn Manson jura que extirpou órgãos para fazer felação em si próprio. Má reputação? Kid Rock declara que foi traficante, hoje uma e prática bacanais.

Há caras e sons muito mais transgressores em qualquer esquina do pop. Porém, dificilmente algum deles é tão carismático quanto Axl. Tanto que o cantor segue sendo notícia mesmo ausente do universo pop. Mais que uma mama de milionário excêntrico, a adoção de um regime de discrição, clausura e silêncio evita novos problemas. Enquanto *Chinese Democracy* – ou seja lá que nome tiver o novo álbum – não chegar e fazer bonito, ele viverá no reino das possibilidades. Até lá, parodiando aquela famosa canção do grupo, tudo o que precisamos é de *muita calma* para nascer.

Tributo às avessas

Todo mundo está falando que o novo disco do Guns N' Roses penderá para o industrial, para a colisão de metal com eletrônica. O selo americano Cleopatra saiu na frente e, em setembro, lançou um álbum que traz simplesmente o que todo mundo está falando sobre o futuro do Guns: músicas da banda cantadas por vocalistas da cena metal angelena e remixadas por nomes eletrônicos e/ou industriais. Bem, se é isso que Axl Rose está planejando para sua volta triunfal, recomenda-se que ele não perca tempo.

O resultado beira o patético. Um monte de tiazinhas se esgoelando na tentativa de imitar Axl em canções alteradas de forma preguiçosa. No máximo, uma batidinha mais agitada aqui, uma mudança de andamento ali –, caso de "Welcome To The Jungle" e de "Paradise City". As versões mais "ousadas" também não evitam o mal-estar. Os remixes transformam "Think About You" em tecno-Pan e tiram toda a pegada de "It's So Easy", por exemplo.

A essas alturas, o ouvinte já está agonizando, temendo pelo que virá quando chegar a hora de "Sweet Child O' Mine". A música vem e basta dizer que imediatamente desperta uma vontade louca de ouvir a versão cometida por Sheryl Crow.

Também, dá uma sacada nos nomes responsáveis pelo disparate: Quiet Riot, Sheep On Drugs, Space Age Playboys, Die Krupps, Faster Pussycat, Ex-Voto, Love/Hate... Todos freqüentadores do segundo ou terceiro escalão dentro dos estilos que adotaram, sejam eles metal, eletrônica ou industrial. Axl Rose tem a obrigação de ser mais criativo que esses caras.

EXTRA! INÉDITO!

FINALMENTE LIBERADO PARA O BRASIL

Quinta-feira, 21 de outubro de [illegible] Ano 32

O DISCO PROIBIDO DE JOHN BON GIOVI

Incluindo o sucesso: "Stringin' a Line"

Abril Music

$ucesso Seguro

Com as covers do novo disco As Dez Mais, os Titãs homenageiam alguns de seus ídolos e tentam segurar as altas vendagens

por Andréa Estevam
Fotos Rui Mendes

Depois de *Acústico* e *Volume Dois*, dois imensos sucessos (venderam, respectivamente, 1,7 milhão e 700 mil cópias) que traziam poucas composições inéditas, os Titãs evitaram maiores riscos. Lançaram um novo álbum só de covers. *As Dez Mais* recheado com hits de enorme apelo popular, como "Um Certo Alguém", de Lulu Santos (e Ronaldo Bastos), "Querem Acabar Comigo", de Roberto e Erasmo Carlos, "Gostava Tanto De Você", do repertório de Tim Maia (escrita por Edson Trindade). Antes mesmo de publicadas as primeiras críticas sobre o trabalho, a banda filmou um clipe para "Pelados Em Santos" (dos Mamonas Assassinas) em que, na base do humor e parodiando os comerciais da Bombril, se defende como produto pop.

Falando à SHOWBIZZ, Branco Mello, Charles Gavin, Marcelo Fromer, Nando Reis, Paulo Miklos, Sergio Brito e Tony Belotto explicaram a opção pelo projeto *As Dez Mais*, lembrando as limitações de tempo que tinham, e deixaram claro que o disco fecha um ciclo. No ano que vem, depois de um tempinho para atividades solo, os Titãs finalmente vão gravar um álbum com inéditas. "Já está na hora, né?", admite Tony Belotto.

Vocês já partiram pensando em fazer um disco com apenas dez músicas?

Sérgio: No começo a gente pensou em gravar 12 ou 15 faixas. Depois, achamos melhor reduzir o número por questão de tempo. Tivemos só 15 dias de estúdio em Seattle e queríamos trabalhar bem os arranjos.

Por que vocês resolveram lançar o disco, mesmo tendo pouco tempo?

Marcelo: Temos o projeto de parar daqui a um tempo para cada um poder fazer suas coisas. Considerando todos os projetos solos e conversando com a gravadora, achamos por bem lançar mais um disco antes da parada. A gente tem esse compromisso com a gravadora e com nós mesmos.

Paulo: Estamos vendo esse disco como o desfecho de uma trilogia, que começou no *Acústico*. É a idéia de retomar o que já fizemos, atualizar arranjos e, dentro desse espírito, incorporar mais dez clássicos ao nosso repertório.

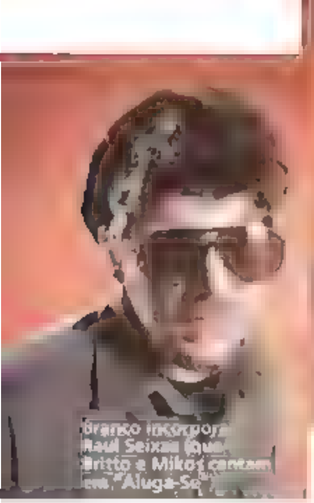
Que músicas ficaram de fora na seleção do repertório de *As Dez Mais*?

Sérgio: Foram principalmente as de MPB, por terem uma linguagem musical muito distante da dos Titãs. Teve uma do Luiz Melodia ("Salve Linda Canção Sem Esperança"), uma do Chico Buarque ("Brejo Da Cruz") e uma do Milton Nascimento ("Morro Velho").

Vocês acham que o novo CD fala para o mesmo público do *Acústico*?

Brito: Atualmente temos um público muito eclético, em grande parte por causa do *Acústico*. Quando a gente toca em feiras agropecuárias, por exemplo, tem caras

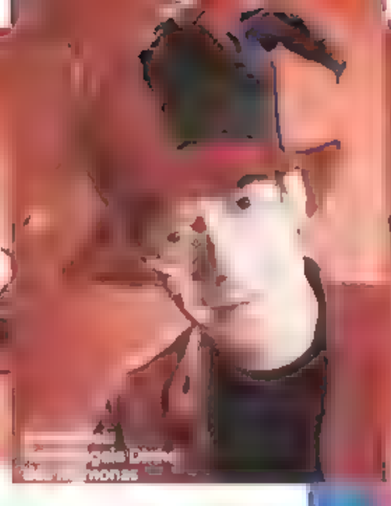
Os Titãs homenagearam alguns de seus artistas favoritos em *As Dez Mais*


Branco incorpora Raul Seixas (que, Brito e Miklos cantam em "Aluga-Se")

Tony Bellotto com o cachimbo ao estilo de Roberto Carlos na Jovem Guarda

Paulo Miklos: Tim Maia depois de um spa radical

Charles Gavin em disfarce de Mutantes



com camisa do Sepultura, gente com chapéu de vaqueiro, senhoras. Não há um público diferente a ser atingido, porque já atingimos todos. Mas não sei se *As Dez Mais* vai ter a mesma repercussão

Paulo: No nosso disco, Roberto Carlos convive com Inocentes. Fui num show do Katinguelê, fiz uma participação num show do Chitãozinho & Xororó. Sem preconceitos, sem fronteiras. O público, assim como nós, é eclético. Ele gosta dos Titãs e gosta do É O Tchan!

Como o Jack Endino reagiu quando vocês apareceram com esse disco, bem mais pop do que *Titanomaquia* e *Domingo*, que ele produziu?

Charles: Eu expliquei muito bem para o Jack o que queríamos fazer. Quando ele ouviu a fita, gostou e pediu para ouvir as gravações originais. Algumas pessoas da banda não queriam que isso acontecesse com medo de ele ficar influenciado. Mas ele gostou das músicas e achou que a gente tinha feito boas versões. No encarte o Jack agradece a oportunidade de fazer um disco pop, porque ele é um produtor conhecido só pelo trabalho com bandas pesadas, alternativas. A gente sabia que ele tinha competência para fazer um disco como esse, com cordas, orquestra, muito mais que uma banda numa garagem.

Por que regravar uma música do grupo português Xutos & Pontapés?

Brito: Há dez anos, fizemos shows em Portugal, abrindo para eles. Voltamos para lá recentemente para lançar nossos dois últimos discos e surgiu a idéia.

Marcelo: A música dos Xutos ("Circo De Feras") é, para os brasileiros, uma música inédita. Foi uma viagem nossa dentro de um projeto comercial.

Tony: A música dos Mutantes ("Fuga Nº 2") também não é muito conhecida.

Marcelo: Tocamos em Belo Horizonte, num tributo à Legião Urbana. E a gente foi cantar "Sete Cidades", que não é um hit. A Legião Urbana está associada a sucesso, mas optamos por uma música que não é "Será", nem "Que País É Esse?", que tocaram mais.

Marcelo Fromer, é verdade que você está se mudando para Portugal?

Marcelo: Quero ir por questões pessoais. Meus filhos e minha mulher estão lá.

Branco: Só queria esclarecer uma coisa: o caminho que a gente está tentando trilhar em Portugal é diferente do caminho do axé music. Tocamos num festival de rock, com os Pretenders.

As bandas do axé estão caindo?

Marcelo: As bandas caem e bandas sobem.

Tony: Eu tenho medo de entrar nessa de "o rock voltou, caíram as bandas" porque daqui a um ano pode ser "subiram as bandas, o rock caiu". Acho que as bandas continuam firmes, fortes.

Marcelo: A minha, não...

(todos falam ao mesmo tempo)

Marcelo: Gente, pera! Estamos falando aqui de uma tendência que para nós é ótima. Temos de ajoelhar e agradecer a Deus.

Tony: Estou superfeliz, mas sou gato escaldado. Temos 17 anos de carreira e sempre vendemos bem e sempre fizemos show mesmo com a moda do sertanejo e do axé e do não-sei-o-que. Se o pop-rock é a bola da vez ou não. Mas a gente não precisa disso para ter relevância. Acho lindo que as bandas caiam, mas quem tem um trabalho sólido sobrevive mesmo quando a música que ele faz não é a do momento.

Marcelo: As pessoas querem qualidade. O pagode estourou porque o Zeca Pagodinho, o Katinguelê e o Só Pra Contrariar estavam fazendo um puta pagode legal. Por isso estava segurando. Na hora que diluiu, começou a ir pelo ralo.

Branco: O lance do *boom* do pagode.

Paulo: Bundopagode? *(risos)*

Para quando ficaram as tão anunciadas e tão adiadas férias de vocês?

Tony: Nossas férias são como aquela senhorinha na frente do cavalo, não chegam nunca.

Marcelo: Se Deus quiser, não vão chegar *(risos)*.

Tony: A idéia é trabalhar esse disco, dar um tempo para cada um fazer o que quiser e depois retornar para um disco de inéditas. Já está na hora, né?

O empresário da banda, Manoel Poladian, é um profissional polêmico promove bem os artistas, mas é acusado de sugá-los até a superexposição. Como é a relação com ele?

Tony: É muito boa, principalmente porque a gente sabe lidar com ele. A gente trabalha porque quer e o quanto quer. Quando estamos a fim, paramos – tanto que temos essas tais férias já programadas. O Poladian é um ótimo empresário, mas ele não fabrica artistas. O nosso sucesso nem o sucesso do RPM *(com quem o empresário trabalhou quando o banda estava no auge)* não se devem ao Poladian. Alguns artistas que ele empresaria não estouram. Depende mais do artista do que do empresário.

Vocês têm muito material engavetado para lançar?

Charles: Temos curiosidades, demos inéditas, um monte de gravações ao vivo. Talvez a gente faça alguma coisa com isso. Algumas reedições em CD não tiveram a arte da capa respeitada, talvez a gente as relance com a capa original. Talvez agora a gente consiga uma qualidade de som melhor com a remasterização e talvez a gente inclua tudo isso nessa caixa...

Paulo: A caixa vai acabar se chamando *Talvez (risos)*.

Que projetos vocês estarão fazendo no ano 2000?

Paulo: Tenho pronto um disco solo, de intérprete, com composições minhas e outras. Já tenho contrato com a gravadora, já está tudo meio programado.

Charles: Vou finalizar o curso de Engenharia de Estúdio em Londres. É um curso de um ano e eu só fiz um semestre. Também estou me dedicando ao arquivo da gravadora, a dar uma olhada no que está fora de catálogo e no que vale a pena ser relançado.

Tony: Quero escrever um livro em paz, sem essa loucura de Titãs. Tem também o filme com o Beilini *(personagem dos dois romances policiais que Tony escreveu)*. Vamos filmar ano que vem e todos os Titãs farão pontas.

Nando: Quero gravar outro disco solo e ter mais tempo disponível para compor com outras pessoas, produzir.

Brito: Gostaria de fazer um disco solo, espero que a gravadora tenha interesse.

Marcelo: Eu pretendo ficar de férias. Quero aproveitar esse tempo para realizar projetos meus, mas que não têm nada a ver com disco, com livro. Os Titãs ocupam muito o nosso tempo.

Branco: Pretendo fazer meu primeiro disco solo, diferente do meu último projeto paralelo *(Cleiderman, com Sérgio Brito e Roberto Parisi)*. Quero também dar continuidade a uma peça que eu estou escrevendo. Quero produzir, fazer a direção musical e o roteiro.

Vocês já estão entrando nos 40. Como quem vocês querem envelhecer dentro do rock?

Tony: Mick Jagger é um exemplo. Um exemplo espetacular.

Marcelo: Se eu ficar como o Zeca Pagodinho, tô feliz. *(risos)*

Nando: Neil Young.

Branco: Iggy Pop. Ou Paul McCartney.

Brito: Isso é meio complicado. Acho que tem um lado patético envolvendo fazendo rock, com discurso meio juvenil. Algumas pessoas resolvem isso bem, mas não tenho um modelo. Talvez Dorival Caymmi.

Paulo: Também fico com o Dorival.

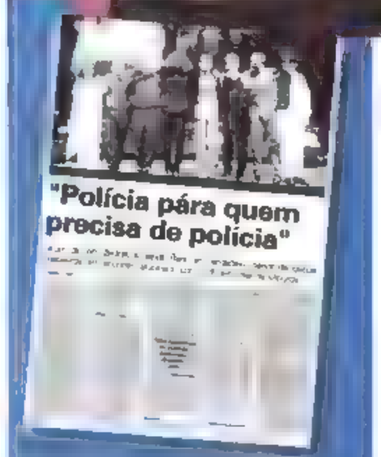
Charles: Uma coisa que me preocupa é saber se eu vou conseguir passar a minha vida inteira tocando bateria. Eu gostaria que isso acontecesse. Charlie Watts *(baterista dos Rolling Stones)* é decentíssimo, é uma referência para todo mundo e é um dos meus bateristas prediletos.

Qual foi a maior cagada da carreira dos Titãs?

Nando: Entregamos um disco, *Go Back*, de graça para a gravadora. O álbum vendeu 600 mil cópias e não ganhamos nada.

Tony: Essa é a cagada.

Branco: Teve uma cagada geográfica: se a gente tivesse nascido nos Estados Unidos ou na Inglaterra, seríamos muito milionários.


"Polícia pára quem precisa de polícia"

Deu em Portugal

Em setembro, o *Jornal de Notícias*, do Porto, em Portugal, estampou um artigo que criticava a fase atual dos Titãs, dizendo literalmente que eles "cheiram muito e estão cada vez mais fora da órbita normal". Em outro trecho, foi publicado que, após um show, Nando Reis estava "completamente alucinado, a ponto de trocar a mão da comida com a que tinha o isqueiro que ardeu na boca" e que "Paulo Miklenes (*sic*) bebeu toda a cerveja, especialmente de hemeno". Contactado por SHOWBIZZ, o jornalista José Manuel Simões, autor do texto, defendeu seu ponto de vista: "Os Titãs são uma referência da música brasileira, mas seu atual momento é menos interessante. Reconheço que avancei no ponto do que é privacidade e do que é público, mas, se o consumo de drogas e o estado alterado fossem algo que preocupa os Titãs, eles não deveriam assumir essa postura ao ser livre, e que me deixou mais à vontade para escrever sobre o fato."

André Forastieri

O baião foi uma das principais influências do maestro nos anos 60

O bem Amado

Por Toninho Spessoto
Fotos: Marcos Hermes

Querido de tradicionalistas e roqueiros, Burt Bacharach fala de sua paixão pelo baião, da parceria com Elvis Costello, do entrosamento com Jimmy Page e de outras histórias de sua luminosa carreira

Elegante, refinado, popular, brega. Todos esses rótulos já foram aplicados em Burt Bacharach. Mas o fato é que, aos 71 anos e em plena forma, o baixinho (1,67 metro) continua sendo uma das figuras mais importantes da história da música popular do planeta. Na estrada há mais de 40 anos, já teve canções gravadas nos quatro cantos do mundo e continua produzindo bem; que o digam as parcerias com Elvis Costello. No final de outubro, Bacharach esteve no Brasil para um único – e emocionante – concerto no Rio de Janeiro. Em 90 minutos, as cerca de 3 mil pessoas que estiveram no Metropolitan presenciaram nada menos que 40 canções, quase todas reunidas em saborosos medleys e lindos arranjos para uma banda de sete músicos e três vocalistas.

SHOWBIZZ: Suas primeiras composições têm um estilo bem diferente daquele que o popularizou. Quando você efetivamente descobriu o seu som?
Burt Bacharach: Na verdade, tinha essa concepção musical desde o início, mas só a partir de 1961, quando comecei a produzir discos de artistas como as Shirelles e Chuck Jackson, e que pude trabalhar livremente. A época em que escrevi "The Story Of My Life" e "Magic Moments", meus dois primeiros hits, respectivamente em 1957 e 1958, tive que fazê-los de acordo com a estética pop que imperava, que corria paralela ao rock. Era uma exigência das gravadoras.

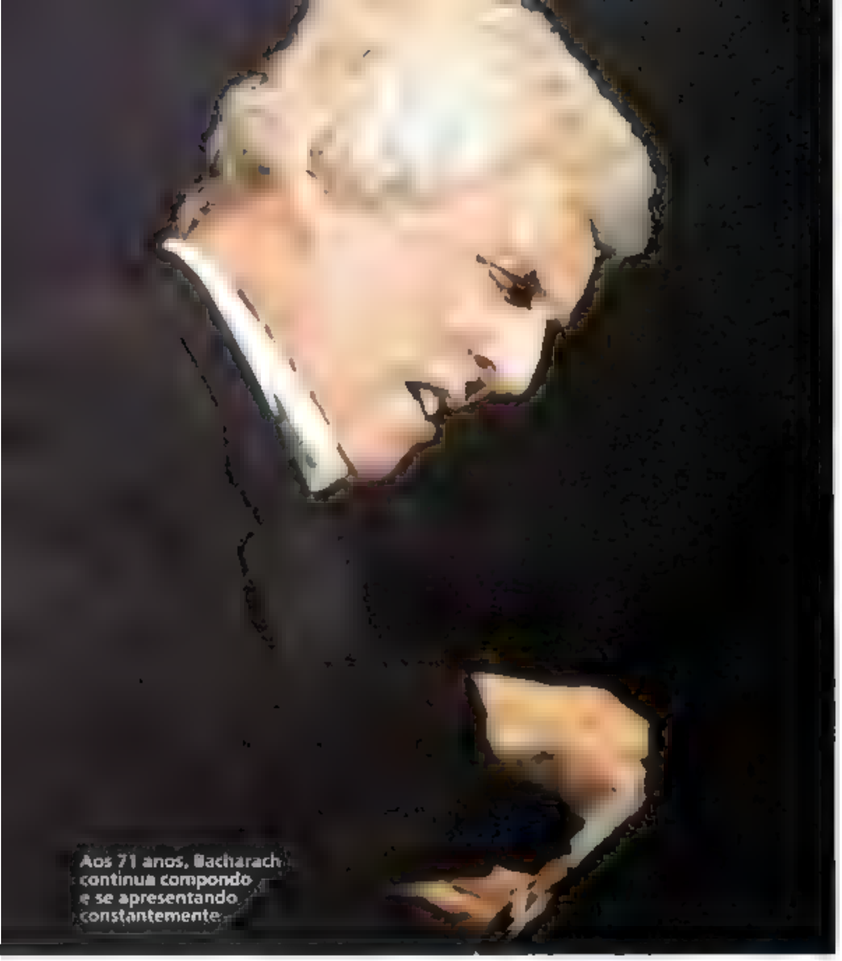
No início dos anos 60, você trabalhava sob pressão, com a obrigação de produzir hits de um dia para o outro. Como era compor assim?
Era uma loucura. Eu e meus parceiros – os letristas Bob Hilliard e Hal David – recebíamos a encomenda de uma canção pela manhã e tínhamos que entregá-la pronta à tarde, para que fosse gravada à noite. Nessa fase, de 1962 a 1965, aprendi a me disciplinar, a me organizar.

Foi numa das sessões de gravação dessa fase que você descobriu Dionne Warwick, não?
Exatamente. Foi em 1962. Eu estava acompanhando a gravação de "Mexican Divorce", minha e de Bob Hilliard, que estava sendo produzida para os Drifters por Jerry Leiber e Mike Stoller. Uma das *backing vocals* me chamou a atenção pela força e beleza da voz. Era Dionne. Imediatamente a convidei para gravar comigo. Quando apresentei a demo de "Make It Easy On Yourself" a Florence Greenberg, dona da gravadora Scepter, ela disse: "A canção é uma porcaria, mas a cantora é maravilhosa".

Seu primeiro disco, lançado em 1965 pela Kapp Records, tinha arranjos que tendiam para o jazz. Quando você foi para a gravadora A&M, dois anos depois, as orquestrações tornaram-se mais delicadas, com cordas e intervenções de flugelhorns e saxofones. Qual o motivo da mudança?
Minhas concepções musicais foram se transformando. Quando gravei para a Kapp, estava conhecendo um universo novo, ouvia muito jazz, principalmente Miles Davis, Gerry Mulligan e Stan Getz. Apesar de já ter obtido sucesso como compositor, com "Walk On By", ainda estava descobrindo novos timbres, novas harmonias. A música brasileira, aliás, me influenciou muito. Quando cheguei à A&M, já dava prioridade às cordas.

A bossa nova está presente em canções como "The Look Of Love" e "Something Big". Sua maior influência em termos de música popular brasileira foi Tom Jobim?
Na verdade, foi uma das influências. Quando vim ao Brasil pela primeira vez há 40 anos, como diretor musical de Marlena Dietrich, visitei uma favela e conheci instrumentos de percussão incríveis, como tamborim e cuíca. Ouvi também outro ritmo que me marcou, o baião. Ele é a base de músicas como "(There's) Always Something There To Remind Me" e "My Little Red Book". E tive algumas canções gravadas por Sérgio Mendes, casos de "The Look Of Love" e "What The World Needs Now".

Mas você gravou música brasileira, com o grupo Burt & His Backbeats...
É verdade! *(risos)* Mas foi algo despretensioso. Gravei "A Felicidade", de Tom ▶



Aos 71 anos, Bacharach continua compondo e se apresentando constantemente

"Gosto muito do que bandas como Ben Folds Five e Manic Street Preachers estão fazendo com minhas músicas. Sempre fui favorável ao novo"

Jobim e Vinicius De Moraes, e uma marchinha de Carnaval, "Brigitte Bardot", de Miguel Gustavo, com vocais de Joe Grey *(ator famoso pelo trabalho no musical* Cabaret*)*. Tinha me esquecido disso.

Você ouve música brasileira hoje?
Hoje e sempre. Admiro principalmente Djavan, Milton Nascimento, Ivan Lins, Gilberto Gil e João Gilberto.

É verdade que para explicar a Elvis Costello o jeito certo de interpretar as canções do álbum *Painted From Memory*, você deu a ele o CD *Getz/Gilberto*, gravado pelo cantor ao lado do saxofonista Stan Getz?
Sim! *(risos)* Disse a ele: "Cante quase sussurrando, faça como João Gilberto". O resultado é fantástico!

Como foi trabalhar com Costello?
Extremamente gratificante. Ele é disciplinado como eu, isso facilitou muito. Nossa primeira parceria – "God Give Me Strength", tema do filme *Grace of My Heart (no Brasil,* A Voz do Meu Coração, *lançado apenas em vídeo)* – foi complicada. Eu estava em Los Angeles, ele em Dublin, Irlanda. Trocávamos partituras por fax, mostrávamos partes da melodia via secretária eletrônica. Fomos nos conhecer em Nova York, na hora da gravação. As coisas deram tão certo que decidimos fazer um disco juntos, *Painted From Memory*, lançado em 1998, que nos deu um Grammy como melhor parceria, pela canção "I Still Have That Other Girl". Outro detalhe: Costello já havia gravado anteriormente outras canções minhas, como "Please Stay" e "I Just Don't Know What To Do With Myself".

Nos anos 80, seus arranjos abusavam dos sintetizadores, mas em *Painted From Memory* você voltou ao som da década de 60. Qual o motivo desse retorno às velhas fórmulas?
As canções que fiz com Costello são dramáticas, extremamente emocionais. Não comportavam, portanto, teclados como os dos anos 80. Jamais poderia escrever um arranjo igual ao de "On My Own" *(gravada por Patti LaBelle e Michael McDonald em 1986 e que chegou ao topo do hit parade americano)*. Outra coisa: Elvis não é fã da música eletrônica.

É verdade que "Raindrops Keep Fallin' On My Head" *(Oscar de melhor canção no filme* Butch Cassidy*)* foi feita para Bob Dylan gravar?
Ele foi cogitado, mas eu e Hal David queríamos que Ray Stevens a gravasse. Só que ele recusou e o pessoal da gravadora Scepter sugeriu B. J. Thomas. A escolha acabou sendo mais que acertada.

Para fazer uma trilha, você se baseia no argumento ou no filme pronto?
Depende. No caso de *Isn't She Great*, esperei o filme ficar pronto. Já em *What's New Pussycat (O que É que I Há, Cotinha?)*, me inspirei nas loucuras de Peter Sellers nas filmagens para escrever a canção-tema *(gravada por Tom Jones)*. "The Look Of Love", de *Casino Royale*, nasceu depois de observar o corpo escultural da atriz Ursula Andress no filme. A trilha de *Butch Cassidy* foi concebida com base no roteiro, à exceção de "Raindrops Keep Fallin' On My Head", feita depois que a cena do passeio de bicicleta de Robert Redford e Katherine Ross estava filmada.

Você sempre exagerou no perfeccionismo, não?
De certa forma. Quando gravei "Alfie" com Cilla Black em 1966, fizemos 34 *takes*. George Martin, que produzia o disco, perguntou: "O que você está procurando?". Disse que era "aquele toque mágico". Ele respondeu: "Temos isso no terceiro *take*". Continuo perfeccionista, mas as novas técnicas permitem mais rapidez.

O ex-guitarrista do Led Zeppelin Jimmy Page trabalhou com você no disco *Hit Maker*, em 1965. Que lembranças tem dele?
É um dos músicos mais completos com quem já trabalhei. Sabe tudo do seu instrumento e é criativo e disciplinado. Pena não termos trabalhado mais.

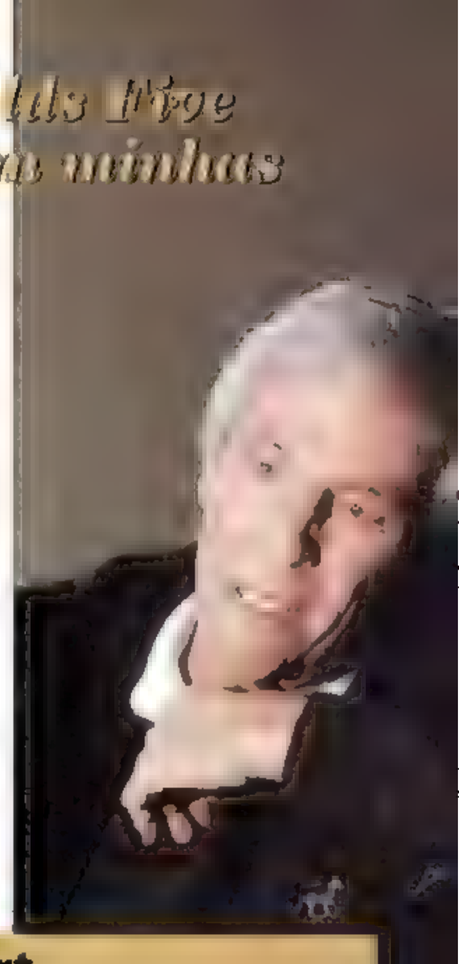
Como foi ser redescoberto nos anos 90?
Me surpreendi quando o Oasis me colocou na capa do álbum *Definitely Maybe*. A partir daí, canções minhas foram incluídas na trilha de *O Casamento do Meu Melhor Amigo*; "I Say A Little Prayer" voltou às paradas, veio o convite para trabalhar com Costello.

E as novas versões de suas músicas?
Sempre fui favorável ao novo. Trabalhei com Jimmy Page, produzi a gravação de "My Little Red Book" para o grupo de Manfred Mann. No especial de TV *One Amazing Night*, bandas como Ben Folds Five e Barenaked Ladies recriaram "Raindrops Keep Fallin' On My Head" e "Close To You". O Manic Street Preachers também regravou "Raindrops..." para um disco beneficente. Há ainda uma coletânea com artistas do selo independente Big Deal e outra produzida por John Zorn.

Reza a lenda que você detestou a versão do Love de "My Little Red Book"...
Arthur Lee deu umas modificadas na harmonia que me deixaram muito chateado. Mas essa versão não é tão ruim assim.

Com quem você trabalha hoje?
Acabei de fazer com Hal David a trilha do *Isn't She Great*, com Bette Midler no papel central. Escrevi com Tim Rice a canção-tema do desenho *Stuart Little* gravada pelo cantor country Lyle Lovett. E estou começando a me preparar para a direção musical da festa do Oscar, em março.

Tem contrato com alguma gravadora?
Não, e quero continuar assim. Hoje está difícil trabalhar preso a uma gravadora, elas surgem e desaparecem do dia para a noite, deixam os artistas sem apoio, um ano de trabalho cai por terra em instantes. O sucesso também é efêmero. É a descartabilidade. Restaurantes abrem, fazem sucesso, de repente fecham. Boates também. Com a música não é diferente.



Eles querem estar... perto de Burt

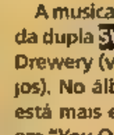
Desde 1962, **DIONNE WARWICK** é a "voz oficial" das canções de Bacharach. Já gravou mais de uma centena delas, incluindo "Don't Make Me Over" (a primeirona), "Walk On By", "I'll Never Fall In Love Again" e "I Say A Little Prayer".

Os galeses do **MANIC STREET PREACHERS** gravaram uma versão matadora de "Raindrops Keep Fallin' On My Head" para o álbum beneficente *Help*, cujos direitos foram destinados a entidades que combatem o câncer infantil. O CD saiu aqui via PolyGram, mas está fora de catálogo.

A dupla japonesa **PIZZICATO FIVE** – Yasuharu Konishi, arranjador, produtor e DJ, e Nomyia Maki, cantora – deixa claras suas influências e já gravou duas canções do mestre: "Me Japanese Boy" e "What's New, Pussycat".

O texano **B. J. THOMAS** gravou "Raindrops Keep Fallin' On My Head" para a trilha de *Butch Cassidy* depois que Ray Stevens a recusou. Mais tarde fez sucesso com outra canção de Burt, "Everybody's Out Of Town".

A música de Burt é uma das principais inspirações da dupla **SWING OUT SISTER**, formada por Corinne Drewery (vocais) e Andy Connell (teclados e arranjos). No álbum *Kaleidoscope World*, de 1990, isso está mais evidente do que nunca, principalmente em "You On My Mind" e "Masquerade".



Bacharach começou a ser "descoberto" pelas novas gerações a partir de uma homenagem feita pelo **OASIS**, que colocou um pôster dele na capa do álbum *Definetely Maybe*, de 1994. Em 1996, Noel Gallagher participou de um show de Bacharach no Royal Albert Hall, em Londres, cantando "This Guy's In Love With You". Essa gravação está disponível no CD pirata *The Acoustic Session Vol. 2*, do Oasis.

O trio americano **BEN FOLDS FIVE** participou do tributo *One Amazing Night*, que está saindo no Brasil, com uma versão de "Raindrops Keep Fallin' On My Head", com direito à participação do próprio Burt Bacharach ao piano e regendo a orquestra.

Passado e futuro da nação

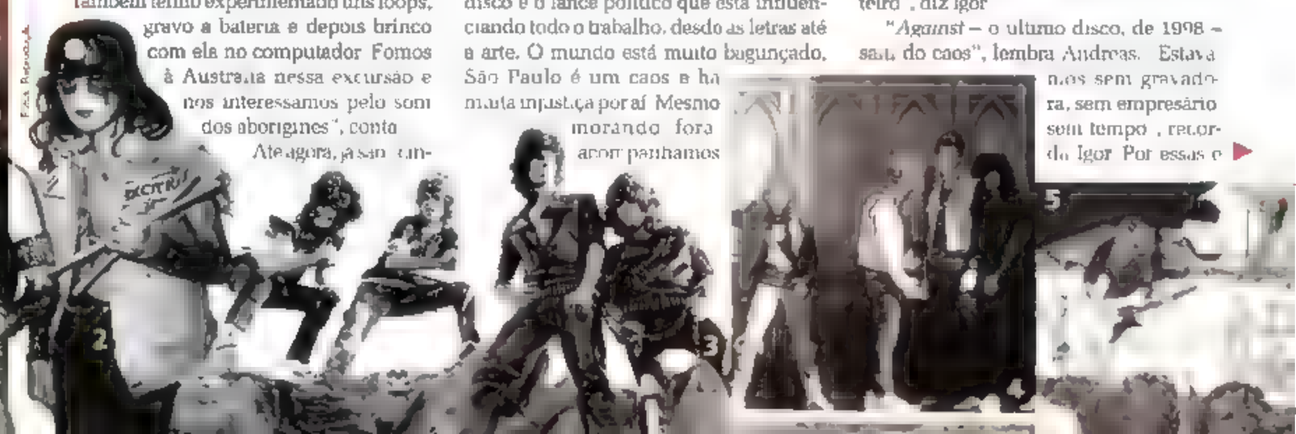
Preparando um disco político e revoltado, o Sepultura tem sua trajetória contada numa saborosa biografia

por Andréa Estevam

Depois de uma turnê mundial com 150 shows, o Sepultura prepara uma nova ofensiva. Terminando a fase de composição do repertório num estúdio da Vila Madalena, em São Paulo, Igor dá as pistas sobre o disco que vem suceder *Against*. "Ando escutando maluquices antigas, coisas latinas, como Willie Bobo, um dos primeiros percussionistas do Santana. Também tenho experimentado uns loops, gravo a bateria e depois brinco com ela no computador. Fomos à Austrália nessa excursão e nos interessamos pelo som dos aborígines", conta.

Até agora, já são um[illegible]to ou seis" músicas prontas – uma delas, provisoriamente intitulada "My Acceptance", foi mostrada em primeira mão no show que a banda fez em [illegible] em São Paulo. O conceito também já foi definido: criar uma "sepulnation", uma "nação Sepultura". "Ainda não temos um nome, mas queremos criar um país com bandeira e tudo", explica Andreas. "O *Roots* foi um lance musical sobre o Brasil, no próximo disco é o lance político que está influenciando todo o trabalho, desde as letras até a arte. O mundo está muito bagunçado, São Paulo é um caos e há muita injustiça por aí. Mesmo morando fora acompanhamos o que acontece no Brasil e ficamos revoltados", atesta Igor. A idéia de fazer uma bandeira surgiu num dos inúmeros festivais que a banda sempre participa no exterior. "A gente vê muita bandeira do Sepultura improvisada. Algumas são a bandeira do Brasil com um "s" no meio, outras têm fotos da gente. Queremos algo universal, que não represente só o Brasil. A tribo do Sepultura é igual no mundo inteiro", diz Igor.

"*Against* – o último disco, de 1998 – saiu do caos", lembra Andreas. Estava [illegible]nos sem gravadora, sem empresário [illegible] sem tempo", recorda Igor. Por essas e ▶



1. Derrick, Andreas, Paulo e Igor hoje • 2. Max, Wagner Lamounier (vocalista que saiu para formar o Sarcófago) e Igor na primeira sessão de fotos do Sepultura (1984) • 3. Paulo, Igor, Jairo Guedes (ex-guitarrista) e Max na época do LP *Bestial Devastation* (1985) • 4. Igor, Max, Jairo e Paulo posam para promover o LP *Morbid Visions* (1986) • 5. A estréia de Andreas Kisser (1984)

por outras, os quatro afirmam que não dá para considerar *Against* um parâmetro para o trabalho que vem aí. Confiante no futuro, a banda parece olhar o passado com certa amargura, reservando secos comentários sobre o recém-lançado livro *Sepultura* (Editora 34 Letras) e esclarecendo que não se trata de uma biografia oficial. Escrita pelo jornalista André Barcinski e por Silvio Gomes – amigo de Paulo, Andreas e dos irmãos Cavalera desde a adolescência em Belo Horizonte e fiel escudeiro da banda (um misto de técnico, produtor e faz-tudo) desde então –, a obra relata "a improvável história de quatro meninos que saem de BH e ganham o mundo fazendo metal", como resume Barcinski.

A narrativa vai até a saída de Max e o novo começo". "Fizemos 60 entrevistas. Só o Max não quis falar, mas respeito a decisão dele", diz Barcinski. O silêncio do ex-vocalista foi compensado por uma grande pesquisa em entrevistas anteriores dadas por ele e uma revistada nos completíssimos arquivos mantidos pela mãe do baixista Paulo Jr. "Queríamos contar a história sem assumir uma posição. Contamos o que investigamos", diz Barcinski. "A história contada no nosso livro é a mais fiel mesmo", concorda Silvio Gomes. "Acho que ficou imparcial."

MAX, NUNCA MAIS

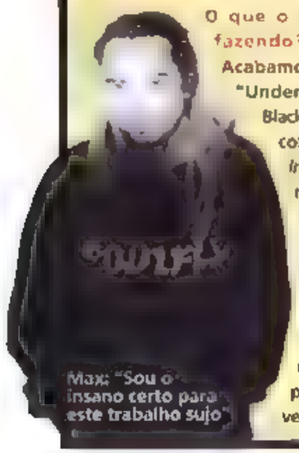
No entanto, Barcinski e Silvio não se furtam a dar opinião sobre a saída de Max. "O Sepultura estava se partindo. Foi melhor assim", acredita Barcinski. "O Max se isolou de nós. Depois da saída dele, a Gloria *(mulher de Max)* trocou até o número do telefone do casal. Ela é do mal", torpedeia Silvio. Mas o grande atrativo do *Sepultura* – o livro – não é o relato da separação. Gostoso mesmo é saber como Max e Igor levaram a sorveteria da mãe à falência ao usar como música ambiente Venom *(leia trechos no boxe)*. Ou como o Sepultura perdeu um concurso e, com isso, a oportunidade de gravar seu primeiro disco, graças a uma cusparada certeira de Max na testa de uma das juradas. A dureza dos primeiros shows, as excursões pela Europa e pelos EUA, as farras – está tudo ali, ilustrado com centenas de fotos.

O próximo passo da banda é definir quem produzirá o novo disco. Estão no pareo Andy Wallace (que mixou *Arise*, *Chaos A.D.* e *Roots*), Rick Rubin (AC/DC) e Toby Wright (Alice In Chains), nomes também mencionados por Max como prováveis produtores do próximo trabalho do Soulfly. "Não dá para fugir desses caras, é um mercado muito restrito", justifica Paulo. Mas é possível que os dois álbuns tenham o mesmo produtor? "Não", responde, categórico, Andreas. Em janeiro – mês também escolhido por Max para as gravações com o Soulfly –, o Sepultura volta aos EUA para gravar.

Turnê, só no meio de 2000. "Esperamos topar com o Iron Maiden", anuncia Igor. Desafiamos os caras para uma pelada. E se, em vez do Iron, eles dessem com o Soulfly e com um Max arrependido, pedindo para voltar? "Isso é impossível, não dá nem para responder", diz Andreas.

Revolução anunciada

Enquanto isso, numa nação irmã, Max Cavalera diz que a música atual anda "uma bosta" e que pretende recriar "tudo" no próximo disco do Soulfly.



Max: "Sou o insano certo para este trabalho sujo"

O que o Soulfly anda fazendo?
Acabamos de gravar "Under The Sun", do Black Sabbath, para a coletânea *Nativity In Black II*. Mandamos a fita para o Ozzy e ele nos escreveu dizendo que gostou muito, o que para nós é muito mais gratificante do que fazer música pasteurizada que vende milhões. Estamos também fazendo testes com baterista. Quero sangue novo. Desencanei de trabalhar com gente conhecida, porque lidar com ego é muito chato.

É difícil substituir Igor?
Não tem substituição. Meu irmão é o melhor baterista de hardcore hoje em dia. Se eu for procurar um novo Igor, não vou achar nunca. Melhor arrumar um que dê conta do recado. Não quero um virtuoso. Banda com músicos muito bons acaba ficando uma bosta porque todo mundo quer aparecer.

Como está o próximo disco do Soulfly?
Escrevi muita coisa durante a turnê, agora é só escolher. Pretendemos entrar em estúdio em janeiro e lançar o disco em março. Esse próximo trabalho vai ser mais hardcore, mais escroto. Vou arregaçar o vocal, ferrar mais a gravação, foder o berimbau, arregaçar ainda mais a bateria, deixar tudo bem sujo.

E as letras, vão falar de quê?
O tema vai ser "pau no c* da música", que está uma bosta hoje em dia. Os músicos em geral estão muito cuzões, todos muito bem preparados, mas sem nenhuma atitude. Está na hora de recriar tudo, derrubar o que está aí. Acho que sou o insano certo para fazer esse trabalho sujo.

Você acompanha o Sepultura?
Nunca acompanhei, nem mesmo quando estava na banda. Nunca parei para ouvir um disco nosso. O *Roots*, eu fui ouvir só um ano depois que saiu. Ouvi cinco músicas e depois desencanei. Não gosto de ouvir meu próprio trabalho.

Quando teremos Soulfly no Brasil?
Recebemos um convite para tocar no Abril Pro Rock do ano que vem e estamos querendo muito ir. Se rolar, com certeza iremos para outros Estados do Brasil. Cruzem os dedos!

Assim nasceu o Sepultura

Trechos do primeiro capítulo da biografia escrita por André Barcinski e Silvio Gomes

"Nem todos os moradores do bairro de Santa Teresa, em Belo Horizonte, curtiam a música bucólica e sensível do Clube da Esquina. Os irmãos Max e Igor Cavalera, por exemplo, queriam vomitar só de ouvir falar em rodinhas de violão. Lá por 1982, os dois andavam pelo bairro em camisetas de bandas como Black Sabbath, Van Halen e AC/DC. Max tinha, então, 13 anos, e Igor, 12. (...)

†

Max e Igor já estavam fisgados pelo rock. Eles tinham um primo, Sinval, que curtia som pesado e os apresentou à Black Sabbath e Led Zeppelin. Certo dia, Sinval chegou todo animado na casa dos Cavalera. Havia comprado ingressos para o show do Queen no Morumbi (...). "Esse show mudou nossas vidas. Quando voltamos para casa, Max e eu só falávamos em montar uma banda", lembra Igor.

†

Quando a família mudou para Belo Horizonte, Max e Igor já eram metaleiros de carteirinha (...). Só andavam de óculos escuros – mesmo à noite –, camiseta preta e jeans rasgados. A avó, Dona Helena, sem saber que os rasgos eram uma opção estética, costumava remendar os furos, para desespero dos dois. Que ninguém pense, no entanto, que Max e Igor foram rebeldes inveterados. Muito pelo contrário: Vânia jura que os filhos eram meninos educados e respeitosos. Costumavam até acompanhá-la à missa de domingo, na Igreja de Santa Teresa. Mas ela sabia que dificilmente seguiriam uma carreira normal, já que não tinham muita paciência para os estudos. (...) Depois da morte do pai, Max e Igor começaram a se interessar também por música. Max ganhou um violão e logo começou a arranhar seus primeiros acordes. Certo dia, conheceram um vizinho, Cássio, que também curtia som heavy e tocava violão.

†

(...) Surgia ali a primeira formação da banda que, tempos depois, seria o Sepultura: Max e Cássio nos violões e Igor na bateria. Ou melhor, no tambor, já que ele só tinha uma peça de percussão. (...) O grupo não deu certo e Cássio pulou fora. Max e Igor conheceram Wagner Lamounier, que se candidatou ao posto de vocalista. Depois foram apresentados ao guitarrista Roberto UFO e fizeram amizade com o baixista Roberto "Gato" Raffan. (...) A banda já tinha nome. Sepultura, tirado de uma das músicas prediletas de Max e Igor, "Dancing On Your Grave" (Dançando na sua sepultura), do Motörhead. (...)

†

As letras eram em português. Os títulos davam uma medida do refinamento: "Filhos De Hitler", "Cavaleiros Da Morte" e "Anticristo". A letra mais bizarra era de "Adote Um Rato": "adote um rato/ adote um rato/ nem que seja/ rato de esgoto".

O gosto musical de Max e Igor estava mudando. Se no início dos anos 80 o heavy metal estava dominado por veteranos como Scorpions e Judas Priest e pela chamada Nova Onda do Heavy Metal Britânico, com o passar dos anos a coisa foi ficando cada vez mais pesada, culminando, no meio da década de 80, com o surgimento do black metal – ou death metal –, uma vertente satanista do metal. (...)

†

Max e Igor haviam demonstrado desde cedo uma fascinação pelo oculto. Tanto que insistiam em acompanhar Vânia a terreiros de candomblé depois que ela se converteu à umbanda, por volta de 1984. A casa dos Cavalera era repleta de imagens de santos e exus. Max e Igor misturaram essa religiosidade às mensagens infantis das bandas death e se converteram à "música do demo". Chegaram a pichar no quarto: "Templo de Satã".

†

Depois de algumas semanas de ensaio, Gato brigou com Wagner e resolveu sair. O Sepultura perdeu não apenas o baixista, mas também o local de ensaio e os únicos amplificadores de que dispunham, o que obrigou a banda a ensaiar com as guitarras desligadas. Foi aí que um conhecido, Sapão, indicou um amigo que tocava baixo. Era Paulinho Kiss, ou Lili para os íntimos. Paulo Xisto Pinto Júnior, nascido em Belo Horizonte em 30 de abril de 1969, ganhara o apelido de Kiss porque tinha uma cabeleira igual a de Paul Stanley. (...)

†

No fim de 1984, o Sepultura foi convidado para fazer um show no Barroliche, um salão de festas no bairro da Barroca, junto com os grupos Overdose e Tropa De Choque. (...) No dia 4 de dezembro de 1984, o Sepultura fez sua estréia. Ou melhor, metade do Sepultura, já que Paulo e Roberto UFO não compareceram. O primeiro viajou com a família de férias, e o segundo acabou furando na última hora, depois que a mãe ameaçou lhe dar uma surra caso chegasse em casa depois das 10 da noite. A formação naquela noite histórica foi, portanto, Max na guitarra, Wagner no vocal e Igor na bateria (...). O show foi um desastre: Max tocou com a guitarra totalmente desafinada, Wagner errou todas as letras e Igor (de capacete nazista e peruca) espancou a bateria como se o mundo estivesse prestes a acabar. (...) A maioria dos espectadores caiu na gargalhada. Dos cento e poucos metaleiros que estavam na platéia, apenas um, Carlos Sabbath, veio elogiar a banda no fim do show: "Foi uma merda, mas eu adorei!"

6. Sepultura e Ratos do Porão em Santa Teresa, BH (1986) 7. Igor, Paulo, Max, Lemmy (do Motörhead) e Andreas enchem a cara num pub londrino (1989) 8. Igor na Indonésia (1992) 9. Confraternização com Tony Iommi e Geezer Butler após show do Black Sabbath (1993) • 10. Gloria e Zyon: a nova família de Max (1994)

Ei, internauta: você é um homem ou uma lesma?

Revista da Web

Finalmente você vai encontrar aquele site que você demora... demora... demora... demora... para encontrar. Revista da Web!. Dicas, reportagens, novidades e a seleção dos melhores sites. Com ela, enquanto os outros navegam na Internet, você voa.

www.revistadaweb.com.br

Reerguido com um belo disco, o Ira! repassa sua trajetória marcada por uma sinceridade kamikaze e muito idealismo

Por Ricardo Alexandre*

Uma questão de princípios

Na noite de Natal de 1975, o menino Edgard ganhou uma bicicleta dos pais. No dia seguinte, saiu em carreira descontrolada pelas ruas do bairro onde morava, Vila Mariana, Zona Sul de São Paulo, para se testar ao guidom. Numa ladeira, enroscou o pescoço no fio de uma pipa, perdeu a direção e bateu de frente em um carro estacionado. Em segundos, sentiu o corpo se distanciando do chão e depois se aproximando, pesado, de volta ao solo. Desmaiou, vomitou e aspirou o suco gástrico para o pulmão. Na UTI, adquiriu uma pneumonia dupla, que o deixou acamado por semanas e com o pulmão comprometido para sempre. Durante a convalescência, o menino passou a receber visitas diárias de parentes e amigos. Um colega de classe de seu irmão foi visitá-lo e deixou uma fita cassete, sem identificação, com o álbum duplo *Quadrophenia* inteirinho gravado, o que passou a ouvir sem parar. E essa foi a história de como Edgard Scandurra Pereira, no fulgor de seus 13 anos, descobriu, sem saber, um dos principais trabalhos do The Who. E isso mudaria toda a sua vida.

Paul Weller

Entre 1982 e 1984, o hoje titã Charles Gavin *(de perfil)* e o baixista Dino *(primeiro à direita)* completavam a formação do Ira!

Dois anos depois, Edgard descobriu um mundo novo no disco *Revista Pop Apresenta O Punk Rock*. Imediatamente, domou os instintos de virtuose da guitarra e montou o trio Subúrbio. Como se não tocasse Jimi Hendrix e Santana, nota por nota, desde os 8 anos, foi atrás do som das bandas inglesas, como The Jam. "Punk era algo imaginário naquela época", lembra Edgard, se referindo às informações escassas que chegavam ao país. Os shows tinham solos de bateria. Suas primeiras composições, "Pobre Paulista" e "Minha Mente Ainda É A Mesma" e "Não Pague Pra Ver", foram surgindo com instrumental agressivo e letras de ingênua rebeldia.

Rui Mendes

1985, arrogantes e românticos

A identificação com o rock mais moderno aproximou de Edgard um gordinho que estudava no mesmo colégio, Marcos Valadão, o popular Nasi (o apelido era referência aos vilões da série de TV *Hotel Hotel*) e teve a grafia modificada para evitar confusões). "Todo mundo gostava de Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath", lembra Nasi. "Nós ouvíamos Clash, Sex Pistols e Jam, que os roqueiros achavam mal tocado." Nasi e Edgard passavam horas matando aula e tocando, ao violão, os recentes sons ingleses.

Em 1981, Edgard já era um jovem de 16 anos e foi servir no Exército. No fim do ano, o civil Nasi o encontrou num ponto de ônibus e propôs montar uma banda para tocar num festival punk na PUC. O nome Ira surgiu fazendo trocadilho com o Exército Republicano Irlandês (Ireland Republican Army) e o ódio punk. Completando a formação havia Adilson, que tocava baixo com uma moeda, e um colega de carteira de Edgard, o baterista Fábio Scatonni, logo substituído por Victor Leite.

O Subúrbio era um trio. Nessa postura no palco era compenetrada", rememora Edgard. "Com a entrada de um vocalista, a atitude punk ficou mais exposta." O primeiro show do Ira, em outubro de 1981, era basicamente de covers. Mas sem as versões de Hendrix e Cream que o Subúrbio insistia em fazer. Ou você não tocava nada e só tinha discurso punk, ou era músico de "sonzeira" cabeludo. A gente nunca foi nem uma coisa nem outra", lembra Nasi. "Éramos sofisticados para o punk, as músicas tinham primeira, segunda, terceira parte."

No final de 1982, o Ira se assumiria "pós-punk verdadeiro, com antiguitarra, ruídos, bateria econômica", como lembra Edgard.

Àquela altura, já tinham saído Adilson, para a entrada de Dino (ex-baixista do Subúrbio), e Victor Leite, substituído por Charles Gavin, ex Sarcófago Gang. A formação se estabilizaria com Charles e Dino até o fim de 1984.

Edgard dividia-se entre Ira, Smack, Cabine C, Mercenárias (como baterista) e Ultraje A Rigor. Nasi cantava também no Voluntários Da Pátria e todo mundo, nas horas vagas, mantinha uma banda cover chamada KGB. Assim, não foi difícil para o produtor Pena Schmidt, diretor-artístico da WEA, cruzar com a banda, no final de 1983. "A cena era muito diversa, com bandas como Agentss, Azul 29, Titãs, Ultraje mas o Ira surpreendia pela sinceridade. Sabia se expressar melhor", define Pena. Em 1983, o grupo gravou um compacto com "Pobre Paulista" e "Gritos Na Multidão", mas o disco ficou engavetado.

Edgard, Nasi, André e Gaspa em 1986: vivendo e não aprendendo

R. Mendes

Fascistas para os críticos, "menudos" para os punks

RACISMO INOCENTE

Quando finalmente foi lançado, um ano depois, veio a primeira polêmica. Em um programa de TV comandado pelo crítico "jovem" Maurício Kubrusly, o crítico "ortodoxo" José Ramos Tinhorão detectou fascismo nos versos "não quero ver mais essa gente feia/ não quero ver mais os ignorantes/ eu quero ver gente da minha terra/ eu quero ver gente do meu sangue" de "Pobre Paulista". "Era um negócio inocente, feito quando Edgard tinha 17 anos", explica Nasi. "Um hino juvenil contra a opressão da cidade grande. Mas, associado ao meu apelido e ao bracolote com a bandeira de São Paulo que Edgard usava, nos fez ser tachados de racistas."

A banda era cotidianamente convidada a se apresentar em festivais nazistas. "Meu bairrismo dizia respeito a meu bairro, Vila Mariana. 'Gente feia' eram as pessoas que infernizavam meu mundo pequeno de estudante. 'Ignorantes' eram meus pais, os professores", defende Edgard. A fixação pela bandeira de São Paulo era inspirada na arte pop inglesa e também uma manifestação contra a hegemonia carioca no pop nacional de então.

A [illegible]

Foi no Carbono 14, uma das mecas do underground paulistano da época, que Edgard assistiu ao longa-metragem inglês *Quadrophenia* *(veja boxe na página 35)*. Reconheceu os sons do disco que conhecera no remoto Natal de 1975. Era tudo que precisava para canalizar a revolta, o idealismo e o romantismo. Imediatamente, as influências de bandas *mods (veja boxe)* batizaram. A mais melódica delas, "Toices", foi apresentada na 'Sessão Maldita' do Teatro Lira Paulistano sob gritos inclementes de "menudos!" dos punks. Sentindo os ventos, Charles Gavin deixou o Ira, convidado a tocar no então embrionário RPM. Dino também saiu: sua namorada não o deixava viajar com a banda.

Nasi convidou André Jung, expulso dos Titãs no Réveillon de 1985. Edgard convidou outro amigo, Ricardo Gaspa, que tocava com ele no Cabine C e com Nasi nos Voluntários Da Pátria. "Com a nova formação, passamos a sair muito juntos", lembra Edgard. "Aí viramos uma turma, uma *gangue mod*. O Gaspa comprou uma lambreta, passamos a ouvir Easybeats e

Hoje, em 1985; e aos 9 anos: passando por cima de tudo

Adonyo Perissé

Adonyo Perissé

Cartaz do show que marcou a virada *mod*, em 1984: os punks odiaram "Toices"

Começaram a brigar com Liminha quando ele apresentou os arranjos de andamento num disco do grupo inglês The Jam

Iroges, iamos juntos aos brechós comprar ternos. As letras passaram a falar sobre nossa turma, nossa vida noturna.

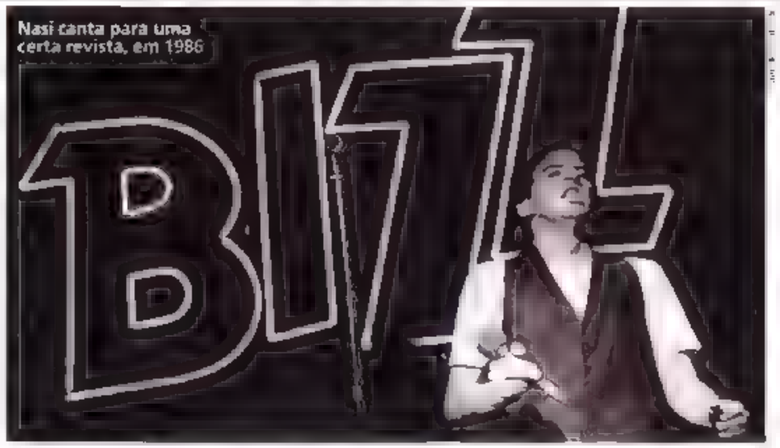
Nos primeiros ensaios, em janeiro de 1985, as alterações ficaram evidentes. A primeira composição foi "Longe De Tudo". "Mudança De Comportamento" era o emblema do momento. Para demarcar os novos tempos, a banda acrescentou um ponto de exclamação ao nome: nascia o Ira!

IRA! VERSUS O MUNDO

Um mês após firmada a nova formação, o Ira! começou a gravar o primeiro LP, *Mudança De Comportamento*. "Infelizmente, nossa fase pós-punk não foi registrada em disco, mas as pessoas que nos conheciam estranharam o LP", lembra Nasi. "Nosso público queria a gente cuspindo e gritando. Mas havíamos mudado – era nossa viagem *mod*."

Gravado e mixado em doze dias, *Mudança* saiu em maio, emplacando um sucesso, o hino anti-militar "Núcleo Base" e os semi-hits "Longe De Tudo" e "Tolices". As letras retratavam o espírito Ira!: insegurança pessoal e idealismo coletivo, amores platônicos, inconformismo.

O resultado animador – 60 mil cópias vendidas – fez a banda adquirir ares arrogantes. "Chegávamos à gravadora supermotivados, tratando opiniões diferentes da nossa com um desdém incrível. Um ep



sodito na *Discoteca do Chacrinha* marcou. Nos camarins de um especial de Natal todos os artistas foram avisados: deveriam subir ao palco com gorrinhos de Papai Noel. O Ira! se recusou, brigou com a produção e nunca mais tocou no programa. "Éramos puristas e ingênuos – só gostávamos de tocar ao vivo", completa Nasi.

O segundo disco seria marcado por mais confusões. A começar com o produtor, Liminha. "Ele ouvia os discos do Jam que levávamos como referência e gozava, dizendo que estava desafinado, que eles erravam o andamento... Aquilo era um sacrilégio pra nós", recorda Gaspa. "Éramos muito turrões. E o Liminha, um cara de técnica apurada querendo empregar seus conhecimentos para explorar os timbres modernos que o estúdio novinho dele (o *Nas Nuvens, no Rio de Janeiro*) podia oferecer. Nós buscávamos um som que prescindia totalmente daquilo. Foi conflito o tempo todo", resume André.

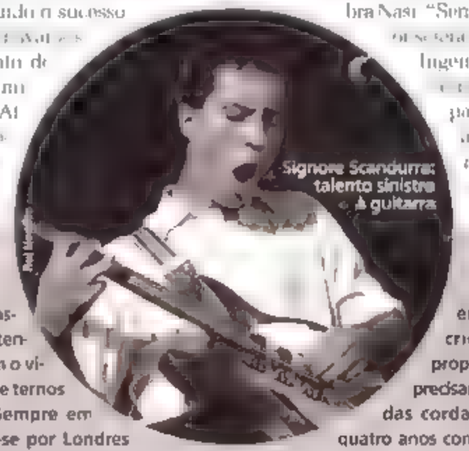
A banda abandonou as gravações no Rio e se transferiu, tapes embaixo do braço para São Paulo, onde se juntou ao produtor português Paulo Junqueiro. "Sentei ao lado dele na mixagem e ninguém me tirava de lá", lembra Edgard. "Tirava reverb, tirava eco, tirava equalização", conta.

Antes que tudo terminasse bem, mais confusão. "Queriam que a gente regravasse 'Pobre Paulista' e 'Gritos Na Multidão' para usarem como faixas de trabalho", conta Edgard. "Voltamos às gravadoras para dizer-lhes ao vivo para depois argumentar que não seria possível fazer playback na TV de músicas com a platéia cantando. Deu certo – espanta-se

O segundo LP, *Vivendo e Não Aprendendo*, foi lançado em 11 de outubro de 1986 com um histórico show gratuito na Praça do Relógio, na USP para 40 mil pessoas. Algumas rádios já tocavam "Envelheço Na Cidade". O disco chegou rápido a 100 mil cópias vendidas, mas o pulo do gato veio com a inclusão de "Flores Em Você" na abertura da novela *O Outro*. "Estávamos no auge do nosso radicalismo, mas uma música abriu todas as portas da mídia para nós", lembra Edgard.

Éramos uns encrenqueiros", resume André. "Poderíamos ter feito milhares de shows aproveitando o sucesso [illegible] com equipamento de voz próprio, caminhão próprio. [illegible] Ao longo dessas [illegible] ofensas. Antes

se refere a um show patrocinado pela rádio jovem Pan em que Nasi agradeceu, do palco, às rádios roqueiras, como a 97FM de São Paulo. "Recusamo-nos a tocar no *Globo de Ouro* porque não havia quarteto de cordas para acompanhar a banda", lembra Nasi. "Sem a menor dor no [illegible] Ingênuos, idealistas [illegible] parece ter [illegible] algumas [illegible] acreditar [illegible] todo [illegible]



O pequeno mod

Livro do escritor húngaro Ferenc Molnár publicado originalmente em 1907. É um clássico universal sobre lealdade, idealismo, coragem e bravura que influenciou jovens do mundo todo, incluindo a turma do Ira!. Conta a história de uma gangue de meninos de um bairro de Budapeste que luta com todas as forças pela posse de um terreno baldio na vizinhança, onde costumavam brincar.

Surgiu na Inglaterra no início dos anos 60, após crise econômica que barateou a mão-de-obra dos jovens. O *mod* padrão era da classe operária, mas tentava se impor com o visual, impecável, de ternos bem cortados. Sempre em grupos, moviam-se por Londres sobre suas lambretas. Ouviam a soul music de artistas obscuros, como The Cavaliers, The Metros, e artistas locais, como The Who, Small Faces, Creation e Smoke. Odiavam os roqueiros e suas jaquetas de couro.

Principal músico de sua geração, Edgard Scandurra começou a tocar guitarra aos 6 anos, com o instrumento do irmão, destro. Como era canhoto e a guitarra era emprestada, criou um método próprio de tocar sem precisar inverter a ordem das cordas. Ganhou, por quatro anos consecutivos, o prêmio BIZZ de melhor guitarrista do Brasil. Em 1995, A Fender Brasil criou uma linha especial de guitarras com seu nome, especialmente projetada para canhotos.

A terceira maior cidade do mundo, pretensamente cosmopolita, não tem tradição em grandes bandas pop – exceção feita aos Mutantes. Em sua primeira fase, o Ira! decidiu levantar a bandeira paulistana (literalmente) em canções, shows, camisetas. "São Paulo pensa virar só um grande centro consumidor de cultura, sem produzir nada", lamenta Edgard. "Os cariocas falam do Rio, os recifenses falam do mangue, os baianos falam da Bahia, a gente consome. Mas quando alguém fala sobre São Paulo é tido como bairrista."

Lançado em 1979, o longa-de estréia do inglês Franc Roddam tinha Sting no papel de um líder *mod*. Baseado na ópera-rock de Pete Townshend, Roddam filmou a epopéia de Jimmy (Phil Daniels) e sua gangue *mod* em guerra contra os *rockers*, na Inglaterra do começo dos anos 60.

tista do rock. Hoje não há muito espaço para bandas assim. "Sorte das bandas de hoje", brinca Nasi. Edgard ri, mas não perde a deixa: "Sorte delas, porque se dão bem. Azar do rock, porque o jovem hoje se mira em bandas cujos integrantes estão de pernas abertas para o que dar e vier", completa num misto de sabedoria e tristeza.

O jeito indomável de ser rendia os hits começaram a vir sem passar pelo esquema do rádio e TV. "Ninguém Entende Um Mod", "Nasci Em 62", "Vitrine Viva", "Nas Ruas", todas viraram clássicos a partir dos shows. O público fiel entendia o grupo e os 180 mil exemplares vendidos de *Vivendo E Não Aprendendo* deram liberdade para criar o disco seguinte.

Nasi e Edgard na virada para os anos 90: clandestinos

Antes do lançamento, porém, veio a participação no Hollywood Rock inaugural, em janeiro de 1988. Pela primeira vez, o espírito Ira! se viu neutralizado. "Nos sentíamos grandes", lembra Edgard. "Tínhamos apoio da mídia, da gravadora, fazíamos tudo do jeito que queríamos. Mas parece que uma força superior nos travou no festival. Os Titãs 'invadiram' o estúdio onde estávamos ensaiando e nos sentimos desprotegidos, indefesos. Depois, a produção interrompeu nosso show no Rio antes do combinado. Fiquei puto, quebrei a guitarra no palco, depois destruímos tudo no camarim", lembra. "Antes do show em São Paulo, denunciamos que as bandas brasileiras não recebiam cachê e eram maltratadas." Aquele seria o último grande evento de que o Ira! participaria. "Viramos os patinhos feios, os rebeldes. Fomos muito ingênuos ao tratar dessa forma pessoas tão poderosas", admite.

No Hollywood Rock, em 1988, denunciaram que as bandas brasileiras tocavam de graça e quebraram tudo nos camarins

O derradeiro chute na ingenuidade foi o próprio Ira! quem deu – no disco seguinte *Psicoacústica*. Nasi e André se engajaram no nascente hip-hop paulista chegando a produzir Thaíde & DJ Hum, Fábrica Pagus e outros. "Eu só ouvia rap", lembra Nasi. "O dia inteiro era Run DMC, Grandmaster Flash..." A obsessão deixava Edgard "transtornado", mas acabou influenciando as novas composições.

"*O Vivendo E Não Aprendendo* foi o auge da nossa maneira juvenil de encarar a vida", acredita André. "Uma forma debochada de falar das coisas, diferente do que se fazia – que era falar de amor de um jeito sacana. Todo dia o Edgard vinha com um hino diferente, só pela letra a gente se emocionava. Depois, não houve mais 'hinos', apenas grandes músicas. Já éramos adultos, pagando contas, filhos chegando, casamentos começando, casamentos acabando. Não poderíamos mais compor com aquela sinceridade. Era outro desafio."

UM DISCO DA LATA

Psicoacústica foi criticado por misturar rock e hip-hop (coisa que hoje garante o ganha-pão de Planet Hemp e Charlie Brown Jr.) e trazer influências brasileiras. Era um disco pretensioso, no melhor dos sentidos, com camadas de guitarras, efeitos e ruídos. A capa, dupla, trazia encartado um óculos 3D para que o ouvinte visualizasse a arte tridimensional.

Nasi passava os dias no estúdio assistindo ao vídeo de *O Bandido da Luz Vermelha*, de Rogério Sganzerla. Colaborou para o clima uma enorme lata da famosa maconha despejada no mar pelo navio Solano Star. O disco, com apenas oito longas faixas, ia do rock pesado de "Farto Do Rock'n'Roll" à dolicadoza de "Mesmo Distante", do samba-hip-hop de "O Advogado Do Diabo" à disergia de "Pegue Sua Arma". Tudo soava como o Ira!, só que mais ousado. "A gravadora só tomou conhecimento do que era quando entregamos os masters. Procuraram uma música de trabalho e não havia música de trabalho", lembra Nasi. Foi um fracasso.

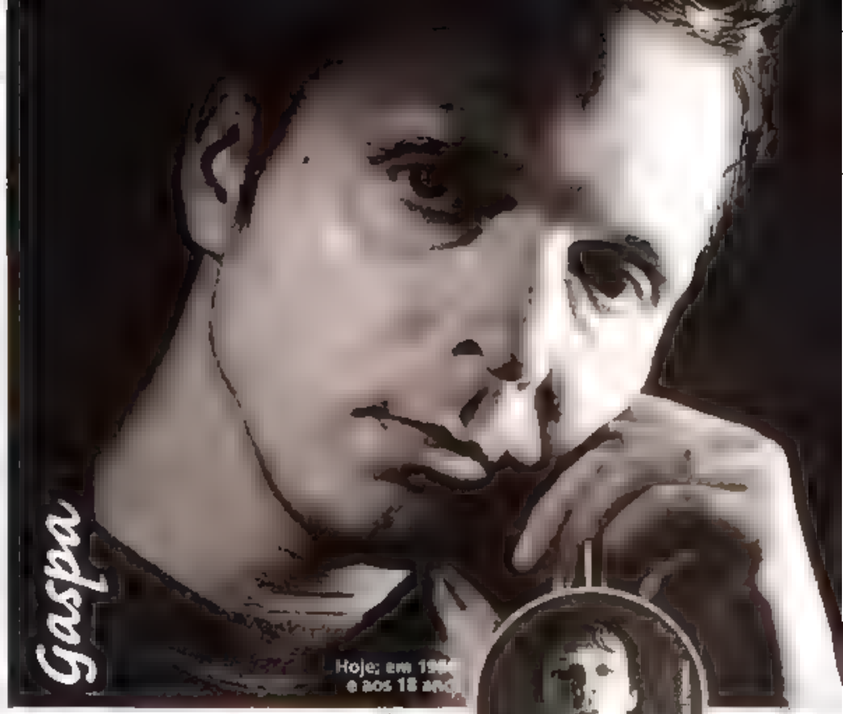
O Ira! viu-se acossado com seu idealismo. Uma última cartada foi o disco solo *Amigos Invisíveis*, que Edgard conseguiu convencer a WEA a lançar no final de 1989. Nele, o guitarrista tocava tudo. "Eu ainda pensava como músico fã: via o Ira! como uma banda cujos integrantes pegam disco solo, como o Kiss, o Queen ou o Who." O efeito disso acabou sendo a escassez de material para o álbum seguinte da banda, *Clandestino*. Composições antigas como "Nasci Em 62" e "O Dia, A Semana, O Mês" foram ressuscitadas para completar o repertório pouco inspirado. "Foi um disco burocrático, gravado por uma banda aos pedaços", sepulta Edgard.

SEM APELAÇÃO

O álbum seguinte, lançado em 1991, não mudou o quadro. *Meninos Da Rua Paula* evocava o velho idealismo, mas encontrou uma banda desestruturada interna e externamente. "Já éramos carta fora do baralho na WEA. *Rua Paula* trouxe mais uma decepção. "Desse disco eu esperava um grande sucesso", lembra Nasi. Para se garantir, a banda resolveu sair divulgando uma regravação de "Você Ainda Pode Sonhar", versão de "Lucy In The Sky With Diamonds". "Era prato cheio: versão do Raul Seixas para uma música dos Beatles com sua pler de 'We Will Rock You', do Queen!", lembra Edgard. Mas o sucesso não veio. Talvez tenha sido lição do destino, quando o Ira! tentou encarar o pragmatismo da indústria, se deu mal.

O ápice do baixo-astral foi a participação num tributo a Raul Seixas no *Som Brasil*. Há anos não tínhamos a oportunidade

Nos tempos de mesa farta: pragmatismo da indústria chocou-se com o idealismo *mod*



Cartaz de show em templo do rock da época

IRA!

1985 (WEA)
Tradição e modernidade oitentista, romantismo e rebeldia. Tem "Núcleo Base", "Tolices", "Coração" e outras pepitas.

1986 (WEA)
O mais romântico e bem-sucedido disco da banda, ponto alto de uma fase que não volta mais. Traz "Envelheço Na Cidade".

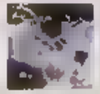
1988 (WEA)
Elo perdido do psicodelismo nacional e grande antecipador de tendências, inclui "Rubro Zorro", "Farto Do Rock'N'Roll" e "Advogado Do Diabo".

1989 (WEA)
A ressaca. Uma banda em crise num cenário (o do rock nacional) em crise. Altos: "Tarde Vazia", "Boneca De Cera", "Cabeças Quentes".

1999 (Deckdisc/ Abril Music)
"Entramos no estúdio com os arranjos na cabeça e gravamos tudo em três semanas", conta André Jung. Entre várias pérolas, o repertório inclui "Bebendo Vinho", de Wander Wildner, e "O Que Me Importa", de Tim Maia.

1991 (WEA)
Lirismo e guitarras pesadas em um disco sem rumo definido, mas com um punhado de grandes canções.

1993 (WEA)
Trabalho feito para cumprir contrato. Traz "Balada Triste", mas nem a banda gosta...


1996 (Paradoxx)
Disco básico de rock garageiro. Nada de parar o trânsito, mas um atestado (para o público e para a banda) de que ainda corria sangue nas veias do Ira!

1998 (Paradoxx)
A mais arrojada experiência eletrônica de um grupo pop feito no Brasil. Exercício louvável de resultado desnorteador

Na maré baixa dos anos 90, drogas e porradaria "Toda noite era uma treta, tirar um da delegacia, *nterna: correr da polícia"*

de participar de um evento na TV Globo ensaiamos até de madrugada e, em cima da hora, a direção do programa ligou pra gente vetando a versão dos Beatles. Oferecemos então "Pai Nosso Da Terra", um poema inédito do Raul que o Gaspa musicou. Recusaram dizendo que inédita não vinha, e sugeriram 'Mosca Na Sopa' ", lembra André. Edgard assume o vexame.

A gente não conseguiu tocar essa que é a música mais fácil do mundo. No dia da gravação no Pacaembu, com estádio lotado, tocamos uma vez e ficou horrível. Pediram para que a gente tocasse de novo e cruzamos outra vez. Na terceira tentativa, o público de 50 mil pessoas começou a vaiar furiosamente. Pensei que a banda acabaria ali", recorda Edgard. "Ninguém tinha coragem de olhar para a cara do outro, eu saí pelo lado do Pacaembu como se fosse o goleiro batendo um pênalti na final."

O CD seguinte, *Musica Calma Para Pessoas Nervosas*, foi lançado apenas para honrar o contrato. Edgard é taxativo: "Eu não gosto desse disco. Composto, arranjado e gravado a toque de caixa, o clima de desinteresse era tão grande na banda que o produtor Paulo Junqueiro puxou o carro no meio das sessões. A banda sabia também que sua carreira na WEA terminara ali e que o futuro era incerto.

INTERNAÇÕES

Sem gravadora, restaram os frutos da integridade. "Quando estava tudo errado sempre aconteciam shows absurdos de bons", conta Edgard. "O que segurava a onda era o nosso público. As plateias percebiam que não estávamos muito bem e nos davam uma puta força, gritando 'Ira! Ira! Ira!', cantando as músicas. Se a banda trabalhasse, dávamos bons com algo engasgado, achando que ainda tínhamos muito a dar." Nasi concorda: "Sempre acompanhou a gente uma sensação de que o Ira! ainda vai ter o sucesso que merece. Junto com o lado bom da vida *on the road* veio o mal mais cruel, num da estrada.

As drogas começaram a criar um clima de gangsterismo na banda e na equipe, revela Edgard. "Era briga o tempo todo, todo mundo machinho. O álcool, o fumo e a cocaína potencializavam os problemas. De madrugada, loucaço, bebum, rec[illegible] ensaio da delegacia por causa de brigas, qualquer faísca fazia pegar fogo no ônibus." A relação da banda com as "drogas do mal", conforme define Edgard, começou na época do *Rua Paulo* e estendeu-se pelo período de baixa do rock nacional na primeira metade dos anos 90. "Toda noite era uma treta, tirar um da delegacia, correr da polícia", lembra Gaspa. Loucos, os quatro brigavam entre si, contra seguranças, contra policiais... "Uma noite, dentro do ônibus, o Nasi e o Edgard começaram a discutir por causa de caixa de retorno de palco. E eu no meio. Da outra ponta, o Edgard sacou uma lata de cerveja, cheia, jogou [illegible] e recebi a lata na cabeça. Nem reclamei, porque sabia que se pegasse no Nasi iria ser difícil apartar a briga. Nessa noite eu salvei o Ira!", lembra André.

Já em 1992, Nasi foi colocado contra a parede. "Ou eu me internava ou estava fora. Eu não estava a fim de me internar, então dei uma enrolada, prometi não brigar mais, maneirar. Por um certo tempo até eles esquecerem. Dois anos depois, cheguei ao meu limite de decadência. Não estava a fim de ser o Bukowski do rock. Com 25 anos, você detona e não pega nada. Com 30, você tem de optar entre continuar vivendo ou se matar. É uma doença e eu senti que precisava me curar". A partir de 1996, Nasi abandonou todas as drogas, legais ou ilegais, e o Ira! experimentou um lento e doloroso renascimento – primeiro pessoal, depois profissional.

Uma turnê no Japão, em agosto de 1995, foi o início desse processo. A despeito de uma séria crise de abstinência de Nasi, o grupo saiu de lá revigorado. Depois viram um show no Memorial da América Latina, em São Paulo, comemorando os 15 anos da banda e uma apresentação acústica no pequeno Teatro Mars. A banda passou a resgatar canções de seus primórdios, como que voltando ao início para poder renascer. Uma fita demo com pérolas garageiras – "Me Perco Nesse Tempo", cover das Mercenárias, "Não Serve Pra Mim", de Roberto Carlos, e a inédita "Certeza" – foi recebida pela Paradoxx logo após a turnê japonesa. A banda assinava novo contrato. "As grandes gravadoras estavam totalmente fechadas para o rock", lembra Nasi, que desde 1991 desenvolveu carreira paralela (Nasi & Os Irmãos Do Blues, que lançou dois albuns *Uma Noite Com...* e *Os Brutos Também Amam*). O disco seguinte do Ira., *7*, incorporou o espírito de garagem.

O Ira! atual: revendo o pop brasileiro de Ritchie e Wander Wildner a Lobão e Gang 90.

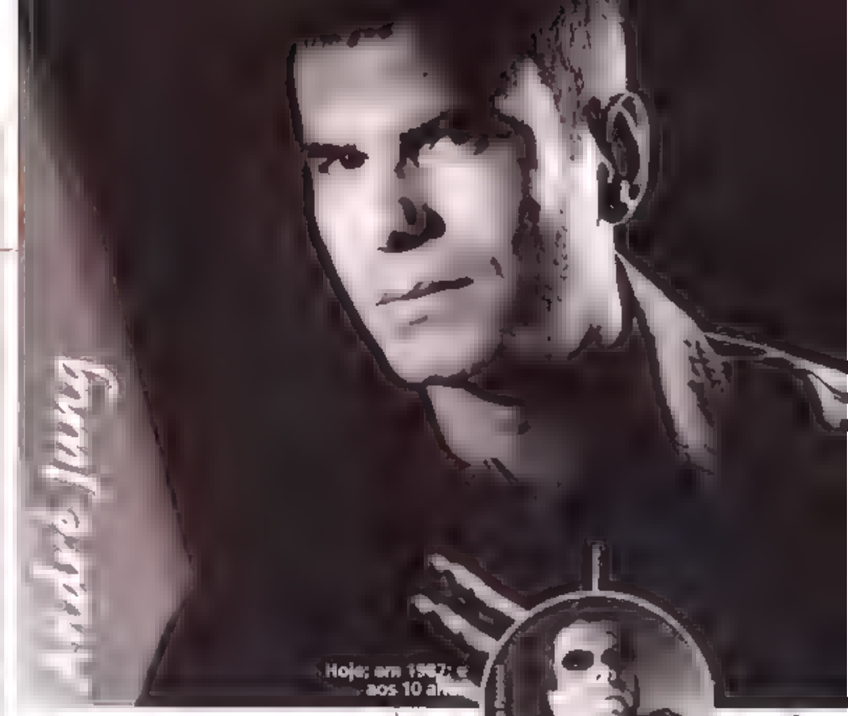
RESSAMELDA

Certa noite, num show do Planet Hemp, Edgard viu cinco rapazes assediando grosseiramente e bolinando uma garota. "Como o rock está manjado", pensou o guitarrista. E mergulhou fundo na música eletrônica, lançando um segundo disco solo, *Beziza*, com big beats e drum'n'bass.

Edgard e Gaspa no palco: shows salvaram a banda

Com Nasi em fase de desintoxicação, foi esse novo Edgard quem assumiu a direção do oitavo disco. *Você Não Sabe Quem Eu Sou* nasceu após mais de três meses de "composições na base da edição", como define André, e de exaustivas pesquisas no estúdio. O disco frustrou os fãs pela ausência de material mais melódico. "Hoje acho que uma guinada tão radical foi um erro", admite Edgard. "Não seria a banda do 'Flores Em Você' que iria empunhar a bandeira da eletrônica no Brasil."

Ciente de seus predicados e de contratempos, o jornalista Ricardo Alexandre* é editor da Som Livre Loja Virtual (www.somlivre.com.br)



Cartaz da turnê japonesa e convite do show no Teatro Mars: marcos da ressurreição

Mais nada a perder

Depois de trocar de guitarrista (de novo) e de gravadora, o Foo Fighters se internou na casa de Dave Grohl para gravar seu novo disco no sossego

Ricardo Bairos, de Nova York

O Foo Fighters está mais simples e focalizado do que nunca em *There Is Nothing Left To Lose*, o terceiro disco da banda. O som do novo trabalho mistura algumas coisas pesadas com outras mais elaboradas, mas é tudo "good old rock'n roll", garante o guitarrista Dave Grohl – ex-baterista de você sabe quem. O líder do grupo, que tem fama de difícil, diz que o Foo Fighters é uma democracia, mas a última palavra é sempre dele. "Todos nós temos a mesma visão, então não é difícil", explica Grohl do hotel SoHo Grand, em Manhattan, onde recebeu a SHOWBIZZ para esta entrevista.

Quais são as diferenças entre esse disco e os anteriores?

Dave Grohl: Bem, para esse disco eu me mudei para a Virgínia, perto de Washington, D.C., onde cresci. Lá, comprei uma casa e construí um estúdio no porão. Também comprei um monte de equipamento bacana usado, uma mesa de mixagem velha, microfones e gravadores velhos, nada de computadores, nada *high tech*. Moramos na minha casa vários meses, gravando sozinhos. Nosso amigo Adam Casper produziu tudo. Ele é de Seattle, já trabalhou com Soundgarden, Nirvana, R.E.M. A gente gravou sem a menor pressa, porque não tinha um prazo final. Quando eu ouço o disco agora, não tenho vontade de mudar nada – porque todas as idéias eram nossas, coisas que a gente ouviu nas nossas cabeças. Depois que a gente terminou, fomos atrás das gravadoras e perguntamos: "Quem quer lançar isso?"

Que som você buscou nesse trabalho?

É estranho porque o disco anterior (*The Colour And The Shape*) tinha muito baixo, era muito pesado, tinha muitas guitarras distorcidas. Talvez houvesse uma balada, uma canção mais lenta no meio do disco, mas o resto era pesado, pesado, pesado, rápido, rápido, rápido. Com esse álbum, tentamos tocar as canções de uma maneira diferente. Quando a gente tem uma melodia que é interessante, que pode ser uma canção ótima, dá para fazer qualquer coisa com ela. Dá para tocar ela distorcida ou em um violão acústico. Ou mais rápido, mais devagar. O importante em encontrar novas maneiras de fazer as coisas. A gente não queria que esse disco soasse como o último.

Por que o guitarrista Franz Stahl saiu?

Ele deixou o grupo quando a gente tinha começado a ensaiar, a gravar coisas para o disco novo. Nate (*Mendel, baixo*) e eu somos assim (*ele junta as mãos*) conectados. Ele é um baterista incrediável. O jeito como ele toca complementa a maneira como eu componho, como toco guitarra. Taylor (*Hawkins, bateria*) é um baterista excelente. Ele também é como um irmão. Somos grandes amigos. Nós três temos um grande conhecimento um do outro. Franz não estava muito estável nesse processo todo. E, e é um ótimo guitarrista, um sujeito muito legal – e eu conheço ele há muito, muito tempo. Mas no final de tudo, no fim do dia, o mais importante é a música. E a música de nós três caminhava nessa direção, enquanto ele estava do outro lado.

Stanley foi o segundo guitarrista a deixar a banda e, em dois anos, o terceiro integrante a ser trocado. Por que essa rotatividade?

A maioria das bandas passa pelo que a gente passou antes mesmo de lançar seu primeiro álbum. O primeiro disco dos Foo Fighters não era para ser um álbum, era uma fita demo feita por uma pessoa. Minha banda, o Nirvana, tinha acabado. A banda de William (*Goldsmith, ex-baterista do Foo Fighters*) e Nate, o Sunny Day Real Estate, tinha acabado. Então, pensamos: F*-se! Vamos tocar essas canções, escrever outras e sair em turnê. O último disco foi mais ou menos nosso primeiro como banda. Tivemos de amadurecer sob os refletores, na frente de todo mundo.

Vocês testaram muitos guitarristas antes de escolher Chris Shiflett?

Uns 40. Quando a gente estava atrás de um guitarrista, queríamos alguém como Chris. No primeiro show com a banda, eu olhei para ele no palco e o sujeito estava com o maior sorriso do mundo.

Você assistiu ao documentário *Kurt And Courtney*?

Eu não posso assistir a isso, porque tenho um monte de lembranças maravilhosas da época do Nirvana. As pessoas não lembram muito dessa parte, apenas da tragédia. A gente se divertiu muito, fez shows ótimos, em que achava que o que fazíamos era mais do que... Eu não sei, parecia que éramos transportados para outro lugar, espiritualmente. A gente transcendia alguma coisa que não dá para explicar.

Nate, Dave (no centro), Taylor: amadurecendo na frente do público

faixas exclusivas!
sepultura
ao vivo

dog eat dog
soulfly
tin star
sepultura
fear factory & gary numan
jesse camp
simon says
six by seven
buffalo tom
machine head
sprung monkey
the cramps

Lançamento nosso de cada dia

BRASIL 2000 107,3

Saraiva MEGA STORE

ROADRUNNER

ROADRUNNER BRASIL TEL> (011) 5507-4937 FAX> (011) 5507-4938

LORE CRUCCIA

www.mtv.com.br

Barão Vermelho na intimidade

Balada MTV

CD já nas lojas

Discos independentes, CDs e fitas demo
Envie para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Fácil, cafonamente fácil

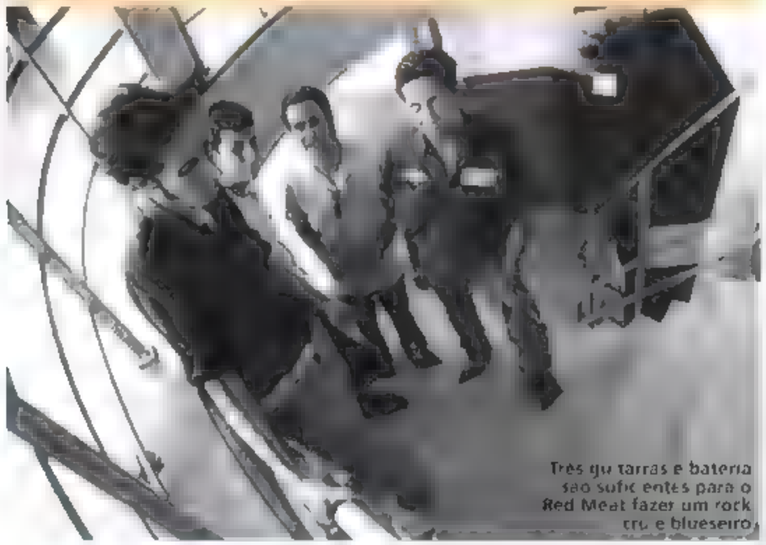
Após duas aventuras estereofônicas, os paulistanos do Sala Especial traçam novos planos para seu som *easy listening*

Depois de manter uma media de três apresentações por semana e emplacar shows no Museu de Arte Moderna de São Paulo e abertura para o Man Or Astroman? a banda Sala Especial está dando uma paradinha. Consagrados no circuito alternativo da capital paulista, os rapazes do Sala entraram em recesso para criar novo repertório e traçar planos mais audaciosos. Desde 1997 seu som *easy listening* (ou *lounge*, influenciado pelo pop dos anos 60 vem conquistando um publico fiel. "Não tinha ninguém em atividade que soasse como a gente", explica o baixista Mauro Cunha. Versões de clássicos de Roberto Carlos, Booker T And The MG's, conjunto Lafayette, Serge Gainsbourg e Burt Bacharach complementadas por projeções de slides de carros, mulheres de biquini e velhos retratos de família constroem o universo kitsch da banda. Pululam referências a filmes B e programas de TV – *Sala Especial* era o nome de uma sessão de pornochanchadas brasileiras dos anos 70 exibida pela Rede Record no começo da década seguinte – no órgão de churrascaria" de André Cunha, membro fundador. Prometem voltar em janeiro do ano 2000 com um compacto de 7 polegadas só de inéditas. Serão quatro canções, uma prévia do CD sucessor de *Aventuras Estereofônicas Volume II* (de 1998), que pretendem lançar no fim de fevereiro, com showzinhos fora de São Paulo.
Contatos: tels. (11) 5929-2834 e (11) 9241-0036; e-mail. salaespecial@zipmail.com.br

O tecladista André Cunha dá o sabor churrasco no som do Sala Especial

Carne crua

Eles não gostam de comparações com a Jon Spencer Blues Explosion, mas é difícil não fazer isso após assistir à performance e ouvir uma demo do **Red Meat**. Criada por Marquinho, ex-baterista do Pin Ups, a banda tem a mesma busca pelo blues primitivo, pelo rock de garagem dos anos 60 e pelo soul americano que o trio nova-iorquino. Mais: não tem baixista na formação. Duas das três guitarras são afinadas um tom abaixo e plugadas em amplificadores de baixo, causando uma pulsação grave, que supre a ausência do instrumento de quatro cordas. Dois integrantes do Red Meat faziam parte do Helien Bisker, extinto e bem conceituado grupo paranaense de guitar rock. Marquinho, que abandonou as baquetas e agora canta e toca guitarra, calcula que a banda já tem por volta de 200 músicas compostas. Quatorze delas estão registradas na recente demo *Buster 4 Tracks*, onde fica claro que o quarteto anda ouvindo muito Bo Diddley, John Lee Hooker, Wilson Pickett, Gories e Cramps. "Pra fazer boa música, tem de ir na essência", sentencia Marquinho. **Contatos: tel. (11) 6692-0970; site: http://www.ordinary.somewhere.net**



Três guitarras e bateria são suficientes para o Red Meat fazer um rock cru e blueseiro

Madeixas: guitarra rock bem cotado

Camila, Camila...

Quem gosta de power pop e de guitar bands contemporâneas precisa conhecer o som de **Madeixas**. Nascido em Balneário Camboriú (SC), o grupo está com boa fama no concorrido *underground* paulistano. Desde que o videoclipe de "The Spring Dream" começou a ser veiculado na MTV muitas coisas aconteceram. "Antes disso, a gente tinha de enfiar umas covers de Prodigy e Cranberries no repertório se quisesse tocar na nossa região". lembra o vocalista e guitarrista James. Sua irmã Camila, uma graciosa colegial de 17 anos, divide os vocais e deixa os marmanjos babando. "No início, me senti inútil na banda", relembra Camila, que hoje já sacode um pandeirinho meia lua e atua como relações-públicas do Madeixas.
Contatos: tels. (47)980-7360 e (47) 336-3574, site: http://madeixas.tripod.com

Raio-D Um exame nas demos mais interessantes do mês

Angel Sight

Som: pop rock
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "Nossa intenção é fazer um som próximo ao que as bandas de rock All About Eve, J2, The Mission e Marillion fizeram na década de 80"
Resumo crítico: As três canções de *End Of The Begin (A Mature World)*, CD demo do Angel Sight, indicam que Douglas (baixo), Marcos (guitarra) e a versátil Cláudia (vocal e bateria) têm uma boa noção melódica e muito a oferecer. Para voltar à saudosa década passada
Produção: Regular
Contatos: tel. (11) 9121-5061; e-mail. asight@hotmail.com

Cyber Jack

Som: hard rock industrial
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "Nossa praia é um som pesado, mas com grandes influências punk. Nine Inch Nails, Marilyn Manson, Sex Pistols, Alice In Chains e Korn são importantes referências para o som que procuramos fazer"
Resumo crítico: A Cyber Jack nasceu na Zona Norte de Sampa, fruto da junção das bandas Cyber Sex e Dr. Jack. Fazem um som bastante peculiar, com passagens que lembram a banda de Seattle Mudhoney com efeitos eletrônicos
Produção: Boa
Contatos: tel. (11) 204-5358; site: www.cyber-jack.com

CPM 22

Som: Punk rock/hardcore
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "Fazemos um hardcore com letras não-fúticas, sempre em português, aliando adrenalina a sentimento. Já fomos mais pesados, agora, mandamos um som caindo para o melódico"
Resumo crítico: O diferencial do CPM 22 está na coragem de compor letras de amor em português, coisa rara entre as bandas de hardcore brasileiras. Vão no mesmo tom que Guttermouth, Pennywise e Descendents
Produção: Boa
Contatos: tel. (11) 7283-2716; e-mail verde@tavola.com.br

Conscientização? Que conscientização?

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Revoltados da endinheirada California são mais fortes no som do que na mensagem

RAGE AGAINST THE MACHINE 7
The Battle Of Los Angeles
Epic/Sony

Há algo de estranho no ar quando é anunciado o novo álbum de uma banda e a curiosidade geral não é a respeito de como ele vai soar e sim sobre que assuntos serão abordados. Com o Rage Against The Machine é assim – e é melhor que seja, mesmo. *The Battle Of Los Angeles*, terceiro disco do grupo, traz poucas variações em torno do mix de rap e metal que colocou o quarteto entre os prediletos da moçada.

A batalha que batiza o disco não se refere a nenhum conflito acontecendo na capital comportamental da Costa Leste americana. As causas abraçadas pela banda (zapatistas presos políticos, discurso contra o "sistema") vão muito além dos problemas de uma Califórnia endinheirada que só se preocupa com a chegada do derradeiro terremoto que vai riscá-la do mapa. Só a ladainha sobre a periferia não sensibiliza a metrópole babau. Essa é a batalha.

Há fãs do RATM aos montes por aí, mas é praticamente impossível achar algum sujeito que criou uma organização não-governamental, armou um boicote a uma grande marca ou parou de jogar lixo no meio da rua por causa dos versos do vocalista Zack De La Rocha. Toda a retórica do discurso da banda esbarra na total letargia dos kids – que podem comprar disco para tudo, menos para escutar alguém lhes dizendo o que fazer. Ainda mais se as bandeiras erguidas não mudaram muito desde a estréia do RATM, em 1993. Os rebeldes mexicanos continuam em Chiapas. O detento da vez é o ex-ativista do Panteras Negras Mumia Abu-Jamal, no corredor da morte por ter assassinado um policial (no primeiro disco, era Leonard Peltier, homenageado em "Freedom"). E o sistema bem, o sistema é o sistema, responsável por atos que vão desde a desigualdade social até o lançamento dos trabalhos da banda.

Com todo esse nhenhenhém (dizem que De La Rocha levou um ano aperfeiçoando as letras), sobra pouco espaço para incrementar a musicalidade do RATM. A grata surpresa ou confirmação, é a destreza do guitarrista Tom Morello, cada vez mais afiado e tirando o som que quer de seu instrumento. Sob toneladas de efeitos, reproduz scratchins de rap, muita rajadas de metralhadoras aqui e ali e cruza e corta para cabecear em "Calm Like A Bomb", "Maria", "Mic Check" ou "Born As Ghosts".

São as seis cordas de Morello – e não a gritaria de "Guerrilla Radio", o primeiro single ou o gravezão de "War Within A Breath" – que identificam *The Battle* como um disco de 1999, caso contrário poderia se dizer que foram sobras dos dois primeiros álbuns da banda. Sugestão para De La Rocha: deixe o futuro nas mãos de Morello e dê um pulinho ao Brasil, onde não falta assunto para renovar as letras.

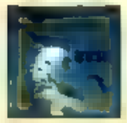
Emerson Gasperin

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

Ricos e famosos, mas rebeldes

Gavin (à frente), o atormentado namorar Gwen Stefani e ganhar ...elos de dinheiro doi

BUSH
The Science Of Things (8)
Universal



Pode parecer paradoxal o bonitão Gavin Rossdale, líder do Bush, desfilar um rosário de lamentações no terceiro e mais novo disco do grupo, *The Science Of Things*. Soa estranho ouvir coisas como "estou queimando na sua cama/ com sua coroa de espinhos, e minha coroa de chumbo" ("English Fire"). Ele ataca o desrespeito à natureza em "The Disease Of The Dancing Cats" e faz observações poeticamente surreais em várias outras faixas, sempre com fechos pouco otimistas. Outras faixas de destaque são "The Chemical Between Us", "Warm Machine" e "Space Travel". Do ponto de vista sonoro, o disco segue a linha dos trabalhos anteriores do Bush, com vocais arrastados e melódicos e guitarras pesadas à frente, e traz como inovações a presença de ruídos e interferências eletrônicas, que reproduzem o clima pesado das apresentações da banda. Original ou não, pelo menos o Bush apresenta a noção do rebelde sem causa para uma geração que pensa que estar na mídia é só alegria.
Roberto Maia

EVERYTHING BUT THE GIRL
Temperamental
Virgin (7)
Dupla pop adere de vez às tendências eletrônicas

O Everything But The Girl surpreendeu boa parte de seus fãs ao trocar a bossa nova (à inglesa, claro) e o pop suave pelos ritmos eletrônicos em seu álbum *Walking Wounded* de 1996. Mas o novo disco do grupo formado pelo multinstrumentista Ben Watt e pela cantora Tracey Thorn vai chocar ainda mais seus admiradores, principalmente aqueles que usavam os discos deles como trilha sonora para suas *happy hours*.

Temperamental é essencialmente um CD de música eletrônica. Há fartas batidas de drum n bass e do acid house – aquele ritmo que, diziam, iria tomar o lugar do rock no final dos anos 80. Em algumas faixas ouve-se pouco ou quase nada dos vocais de Tracey Thorn, uma das cantoras mais celebradas do pop inglês dos anos 80.

O resultado, apesar de desigual, não tira os méritos do Everything But The Girl. *Temperamental* é bem melhor do que os projetos eletrônicos tocados pela maioria dos artistas brasileiros que puxam o rabelo de loiro e ficam despejando conceitos e teorias vazias a respeito do techno e do "cyberfuturo" da música. E aquele velho admirador yuppie tem pelo menos uma bela faixa para se esbaldar na *happy hour*: "Low Tide Of The Night".
Sérgio Martins

LONG BEACH DUB ALLSTARS
Right Back (7)
DreamWorks/Universal
Estréia competente do espólio do Sublime

Sol da Califórnia e a mais vasta gama de drogas na cabeça. Reggae, hip-hop, hardcore e outros filhos temporões da cena punk local. Dessa mistura explosiva nasceu em 1986 o Sublime. Liderado por Brad Nowell, o grupo lançou dois discos. O último, que leva o nome da banda e contém o hit "Santeria", saiu pouco depois da morte de Nowell, em 1996, por overdose de heroína.

Os sobreviventes Eric Wilson (baixo) e Bud Gaugh (bateria) se juntaram com figurinhas carimbadas do underground local e formaram o Long Beach Dub All-Stars. Logo na primeira audição fica claro que não se trata de uma outra "encarnação" do Sublime: é uma banda totalmente nova.

O som está mais calmo, sem as antigas incursões pelo hardcore e nunca fica cansativo graças à boa produção e aos diferentes vocais. Opie Ortiz (tatuador, responsável pelas capas do Sublime) e Ras-1 (originalmente guitarrista) se revezam no microfone. HR, ex-vocalista do Bad Brains, e os jamaicanos Barrington Levy e Half Pint fazem participações muito bem-vindas. Em um CD que serve como trilha mais que perfeita para aquele final de semana na praia, o destaque são as faixas "Rosarito" e "Trailer Ras".
Gabriel Galarsa

VÁRIOS
Saturday Night Live 25 – The Musical Performances Vols. 1 & 2 (7)
DreamWorks – IMPORTADO
Clássicos do pop/rock em singulares versões ao vivo

Nenhum programa de TV americano está há tanto tempo no ar quanto *Saturday Night Live*. Sua fórmula é simples: ótimos comediantes e memoráveis performances musicais. Para quem prefere o som às risadas, estes dois CDs são uma grande pedida. No volume 1 estão as músicas mais tranqüilas, com destaque para "If I Ever Lose My Faith In You", de Sting, e "Radio, Radio", de Elvis Costello, em gravação histórica (ele começou a apresentação tocando "Alison", exigência de sua gravadora, mas mudou de idéia no meio do caminho). Essas e outras pérolas compensam coisas chatinhas, como "Secret O' Life" (com James Taylor) e "Round Here" (do grupo Counting Crows).

No volume dois, com músicas mais vigorosas, a peteca se mantém no alto o tempo todo. Há ótimas contribuições de Nirvana ("Rape Me"), R.E.M. ("Losing My Religion"), Arrested Development ("Tennessee"), Oasis ("Acquiesce") e Mary J. Blige ("Reminisce"). Tocando ao vivo, sem frescuras e sem grandes produções, esses artistas fizeram versões viscerais, capazes de fazer rir – de prazer e de emoção – como os melhores episódios do *Saturday Night Live*.
Andrea Estevan

NINE INCH NAILS
The Fragile (9)
Interscope/Universal
Álbum duplo que vale por uma obra prima deprimida

Cinco anos de espera, e os EUA não esqueceram o NIN. Ao contrário, as tragédias com armas e adolescentes americanos só têm feito avivar a memória do homem-da-capa-preta que transformou a violência em fenômeno pop – na trilha de *Assassinos por Natureza* ou no videogame *Quake*.

Gravado numa velha casa funerária de New Orleans, o novo álbum encontrou eco na forte onda gótica que varre os EUA, estreou em primeiro lugar na parada da Billboard e já vendeu mais de 400 mil cópias.

Com uma profusão de referências que vão de harmonias dos Beatles a climas de trilha de filme de terror, *The Fragile* alimenta a fama de maluquete de Trent Reznor, líder do NIN. Tudo isso, claro, sem esquecer das batidas dançantes (Trent costuma ser apontado como pioneiro da mistura de rock e techno que foi dar no Prodigy). Mas o disco é menos profano e blasfemo que se poderia imaginar. Reznor mostra o que mais lhe assusta: ele mesmo, o frágil do título. Ao longo de faixas como "Somewhat Damaged" e "The Wretched", amigos, amores e fé revelam-se fragilizados e desabando. A forma visceral com que a depressão é abordada soa sincera. Parece que a temporada no inferno rendeu uma obra-prima.
Marcel Plasse

Do carajo!

CYPRESS HILL
Los Grandes Exitos En Español (7)
Ruffhouse/Sony

O Cypress Hill ia lançar um disco novo, chamado *Skull & Bones* e blablablá. Daí, vem o tal disco novo. Ah, não é o disco novo: são os grandes sucessos do grupo em espanhol. Tirando o fato de que lançar coletânea de um artista com apenas quatro álbuns inéditos em catálogo é forçar a barra, tudo bem. Até que a idéia de traduzir os raps para a língua nativa de Ricky Martin trouxe um pouco de diversão para a empreitada. Afinal, não é todo dia que se pode escutar novamente "Insane In The Brain" – pomposamente rebatizada como "Loco En El Coco" – sem receio de parecer prejudicado. E, melhor ainda, relembrar bons sons do primeiro álbum do grupo, nunca lançado no país, como "Puercos (Pigs)", "No Entiendes La Onda (How I Could Just Kill A Man)" ou "Tres Equis" em versões porreta. No meio disso tudo, a única inédita, "Siempre Pel'groso", passa batida. O disco novo? Fica para depois. Claro, os caras são maconheiros, mas não são trouxas. Se há alguém viajando aqui, seguramente não são eles.
Emerson Gasperin

Sen Dog, B Real e DJ Muggs: *locos en el coco*

Luzidios

JORGE VEIGA ⑨
ROBERTO SILVA ⑨

Coleção Raízes Do Samba
EMI

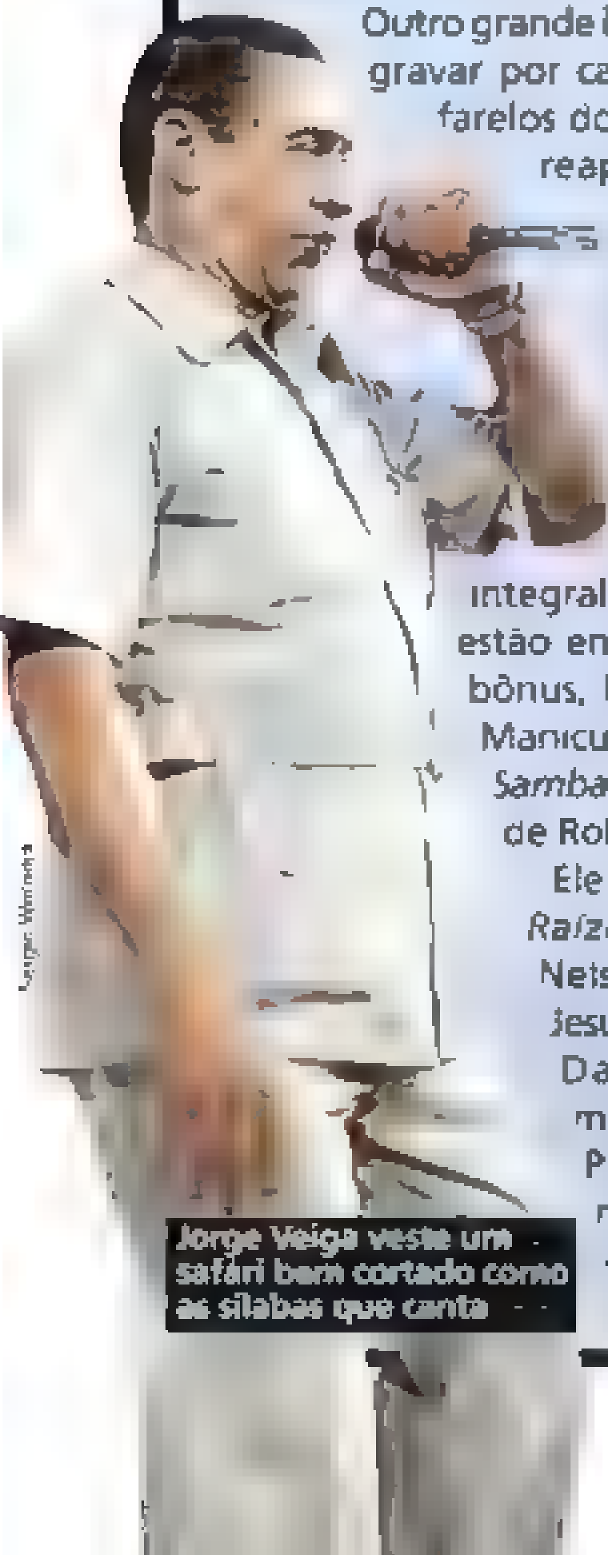
Não se pode querer tudo na vida. A despeito dos encartes sem informações nem fichas técnicas, a série *Raízes Do Samba*, da EMI, é uma maravilha. Graças a ela podemos ouvir em CD as divisões malandras de Jorge Veiga (1910-1979), membro luzidio do seleto clube dos grandes intérpretes do samba.

Duas faixas são do impagável Gordurinha (autor de "Chiclete Com Banana"): as atualíssimas "Quando O Divórcio Chegar" ("casou, não prestou, cai fora/ vamos sair pra outra feito jogo de bilhar") e "Quem Sou Eu", mais contundente do que 99% dos raps atuais. Escorregadio e malicioso, fatiando as palavras de acordo com seu convir, Jorge encara sambas anedóticos ("é meia-noite na Boate Trá Lá Lá, aniversário do Marquês de Picolé, dança um grã-fino com a duquesa de Xaxá", como compôs Miguel Gustavo, dando seqüência a "Café Soçaite"), sambas de breque e até um samba lounge, se for considerado o órgão sobre a qual desliza narrando as baixarias de "Faustina (Encrencas De Família").

Outro grande intérprete, Roberto Silva, vivo e sem gravar por causa da ganância que explora os farelos da MPB (mercado pobre brasileiro), reaparece numa antologia com fonogramas raríssimos. São quase todos clássicos, como "Errei, Erramos", de Ataulfo Alves, e "Mãe Solteira", de Wilson Batista, incluídos, respectivamente, no terceiro e no quarto LPs da histórica série *Descendo O Morro* (que bem merecem uma reedição integral, visto que poucas de suas faixas estão entre as 20 desta antologia). Como bônus, brejeirices obscuras como "Linda Manicure", extraída do LP *O Príncipe Do Samba*, e até hoje fulgindo no repertório de Roberto.

Ele e Jorge Veiga não são os únicos. *Raízes Do Samba* recupera também Nelson Cavaquinho, Clementina De Jesus, o saudoso Roberto Ribeiro, João Da Bahiana (num disco com Clementina centrado no repertório de Pixinguinha), Dona Ivone Lara, um raríssimo Partido Em 5 (com Candeia) e outras belezuras.

Pedro Só



Jorge Veiga veste um safári bem cortado como as sílabas que canta

VIOLETA DE OUTONO

Mulher Na Montanha ⑧
Voice Print

Psicodelia brasileira em duas fases

Mulher Na Montanha é, na verdade, um apanhado de material gravado pelo Violeta De Outono entre 1986 e 1995, devidamente recuperado e remasterizado. Levando-se em conta que muitas faixas são de gravações demo, a qualidade é até boa. As três primeiras, "Mulher Na Montanha", "Line Di Vidro" e "Outro Lado", foram produzidas no final de 1995. "Trópico" e "Reflexos Da Noite" são de um raro EP de 1986, e as demais canções foram gravadas no decorrer de 1995 para a demotape de um álbum inédito. A exuberância do grupo está presente desde os ornamentalismos psicodélicos até o pop progressista, não faltando, é claro, a célebre cover de "Astronomy Domine", do Pink Floyd de Syd Barrett. Um disco histórico, que revela a um novo público uma das mais interessantes bandas surgidas na cena roqueira nacional.

Sérgio Barbo

JOSÉ ALBERTO "EL CANARIO"

Herido ⑦
RykoLatino/Roadrunner

Ritmos latinos para animar qualquer festa

A junção de salsa, merengue e bachata em um só disco resulta em algo irresistível se a interpretação ficar a cargo de José Alberto "El Canario", um dominicano radicado em Nova York e tido como o maior representante da música de seu país depois de Juan Luis Guerra. Neste álbum, canções românticas ("Amor Improvisado", "Déjate Querer") dividem espaço com outras de cunho social ("Enamorado De Mi País"), tudo costurado por uma base rítmica arrebatadora e um naipe de sopros de primeira linha. Para seduzir até os quadris mais duros.

Toninho Spessoto

LES RYTHMES DIGITALES

Darkdancer ⑧
Wall Of Sound/Virgin

Fuleiragem dançante de primeira linha

Durante parte dos anos 80, o eletropop reinou nas paradas. Era um som dançante, à base de sintetizadores, com cara de pasteurizado e renegado pelos seres pensantes da década. O Les Rythmes Digitales — na verdade, Jacques Lu Cont, que só é francês porque nasceu prematuro, quando seus pais ingleses estavam de férias em Paris — não está nem aí para isso e trata de ressuscitar justamente essa "estética". Da capa ao tipo de letra usado nela, passando pelos hits "Jacques Your Body" e "(Hey You) What's The Sound", tudo remete àquele tempo de timbres fuleiros e loops picaretas, mas com uma pequena atualização nas batidas. É música que gruda à primeira audição. Em plena véspera do ano 2000, com o vale-tudo em que se transformou o pop, o som do cara desce redondinho.

Emerson Gasperin

PETE TOWNSHEND

Live ⑦
Platinum · IMPORTADO

Líder do Who mantém acesa a velha chama do rock

O Who, um dos mais importantes grupos ingleses dos anos 60, tornou-se na década de 80 o "vovô Caldas do rock" ao realizar incontáveis shows de despedida. A partir do início dos anos 90, esses concertos tornaram-se simples reuniões de seus integrantes. Ou seja, a banda assumiu de vez que não queria parar, chegando a fazer temporadas em Londres e Nova York com uma remontagem da ópera-rock *Tommy*. Tudo isso nada mais é do que uma demonstração da inquietude do compositor e guitarrista Pete Townshend, líder do Who e um dos maiores pensadores do rock, que mantém uma carreira-solo paralela desde 1970. Temos aqui seu primeiro trabalho gravado ao vivo, um álbum duplo que não só agradará aos velhos fãs como também poderá recrutar novos admiradores, reunindo antigos sucessos do próprio Who ("I'm A Boy", "Anyway Anyhow Anywhere", "Magic Bus", "You Better You Bet") e da fase solo ("Let My Love Open The Door", "Heart To Hang Onto", este em dueto com Eddie Vedder, do Pearl Jam), além de "On The Road Again", aquela do grupo de blues-rock Canned Heat. Mesmo o tempo tendo passado fisicamente para Townshend, este CD mantém o pique do melhor rock and roll.

Ayrton Mugnaini Jr.

CAETANO VELOSO

Singles ⑨
Philips Japan/Universal · IMPORTADO

Raridades de Caetano em seleção saborosa

Alguma coisa está fora da ordem mundial quando é preciso importar do Japão um disco com raridades de Caetano nunca editadas por aqui em CD. Sorte do japonês Jin Nakahara, que fez um negócio da China ao produzir esta coletânea. Como o título entrega, trata-se de uma compilação de compactos. A maioria deles gravada nas décadas de 60 e 70, para o Carnaval. Muitos desses fonogramas se achavam perdidos, mas Jin mergulhou no baú do cantor e editou este disco, por ora disponível apenas via Internet (no site www.dustygroove.com, por exemplo) ou nas seções de importados. Entre as raridades recuperadas, há um cover ao vivo, de 1968, de "Let It Bleed", dos Rolling Stones, a versão de estúdio de "É Proibido Proibir", música de protesto que gerou um bate-boca de Caetano com o público num festival, gravada com a guitarra dos Mutantes. No espírito da estética tropicalista comparecem tanto a regravação de "Yes, Nós Temos Bananas" como um dos clássicos frevos de Moraes e Galvão, "Pula Pula (Salto De Sapato)". Na seara carnavalesca, o disco recupera ainda "O Bater Do Tambor" (pioneiro axé de 1978) e o "Frevo Do Trio Elétrico", de Dodô e Osmar. Em qualquer tom (ou ausência de), Caetano dá seu recado.

Mauro Ferreira

Nos conformes

ALANIS MORISSETTE

MTV Unplugged ⑧
Maverick/WEA

Depois dos resultados apenas regulares do álbum *Supposed Former Infatuation Junkie* — 7 milhões de cópias vendidas contra 27 do disco anterior, *Jagged Little Pill* —, Alanis Morissette desligou a rebeldia da tomada e decidiu fazer um *Unplugged* simples e sem maiores encanações.

No disco, gravado em Nova York, Alanis desfilou os esperados hits e algumas novidades, acompanhada por uma banda de cinco músicos. Do material antigo, reciclou "You Learn" (com um toque jazzístico no arranjo), "That I Would Be Good" (onde se arriscou na flauta, sem comprometer), "Head Over Feet", "You Oughta Know", "Joining You". Em "Ironic", alterou levemente a melodia e economizou nos agudos.

As surpresas ficam por conta das inéditas "These R The Thoughts" e "No Pressure Over Cappuccino", que são ótimas canções que dão espaço para os dotes vocais da canadense. O melhor de tudo, no entanto, é a cover de "King Of Pain", do Police. Sem inventar, Alanis acerta na mosca, trazendo a excelente canção para seu jeito despojado de interpretar.

Toninho Spessoto

Alanis: interpretações corretas, rebeldia domada

Spice alternativa

MELANIE C
Northern Star (8)
Virgin

Quem espera do trabalho solo de uma spice girl algo no estilo baba e pseudolibertário que caracterizou o grupo vai quebrar a cara. No caso de Melnie Chisholm, o buraco é mais embaixo. A moça pega pesado, falando quase o tempo todo de desesperança, barra-pesada e sexo.

As letras, valorizadas pela voa boz, são diretas, sem meias-palavras, casos de "Goin' Down" (em cujo clipe Mel C não poupa olhares lângu dos e gestos quase obscenos), "Never Be The Same Again" (uma balada hip-hop que trata de ruptura com velhos hábitos: "Não é mais segredo/ jamais serei a mesma novamente") e "Go!". OK, há algumas concessõezinhas em "I Turn To You", "If That Were Me" e "Northern Star", um melzinho aqui e ali. Mas, no geral, o bicho pega. Nos seus momentos de "farra" – que é como define o que faz com Emma, Victoria e Mel B (ou G, dependendo das pancadarias com o mando) –, ela é a Sporty Spice, sempre de moletom e ténis. Nessa estréia solo, surge com estética alternativóide. Segundo Melanie, o novo *look* condiz com o "estado de espírito das canções". Seja como for, *Northern Star* surpreende pela qualidade e pela ousadia.
Toninho Spessoto

Melanie C: dependendo do dia, ela muda sua preferência sexual

Sexualidade maleável

Northern Star é totalmente diferente de tudo o que você fez até agora com as Spice Girls. Qual é a verdadeira Mel C?
Mel C: A verdadeira é esta aqui. Num disco solo, posso expressar exatamente o que sinto, sem ficar presa a uma determinada estética que deu certo com o grupo. As Spice Girls são para mim um enorme fazer. Trabalho duro, mas com muita descontração.

A mudança de visual se baseia nessa "conquista de liberdade"?
Esse negócio de usar moletom o tempo todo enche o saco. Resolvi dar uma mudada. No próximo trabalho com as Spice Girls, serei um mix das duas Melanies.

A imprensa britânica faz muita especulação sobre suas preferências sexuais. Algo a declarar?
Sou o que meu humor manda. Se acordo a fim de um determinado tipo de relacionamento, vou atrás. Se minha onda é outra, caminho em outra direção. Depende do dia. Mas convivo com isso numa boa...

ASH
Nuclear Sound (7)
Dreamworks – IMPORTADO

Rock com genuína energia moleque

Você não sente falta de uma banda com adolescentes de verdade tocando rocks simples com melodias assobiáveis e refrãos grudentos, sem flertes com modernices? É o princípio básico do rock n'roll, não é? Pois seria que existem umas irlandesas que podem salvar a humanidade dos grupelhos sem talento e dos vovôs sem vitalidade. É o Ash, formado por Tim, Mark, Rick e pela novata Charlotte, que chega ao terceiro disco botando o pop punk no lugar em que ele merece estar: ao lado da diversão. Numa época em que o nefasto gênero intitulado "emmocore" (supostamente uma vertente mais emocional do desgastado hardcore) começa a ganhar espaço em revistas especializadas, nada mais saudável do que ouvir "Wild Surf", faixa mais empolgante de *Nuclear Sounds*. Rock De bom ainda tem", sim, "Burn", "Enemy", "Aphrodite". A versão americana do CD traz uma boa canção "A Life Less Ordinary", trilha do filme *Por uma Vida Menos Ordinária*.
José Flávio Júnior

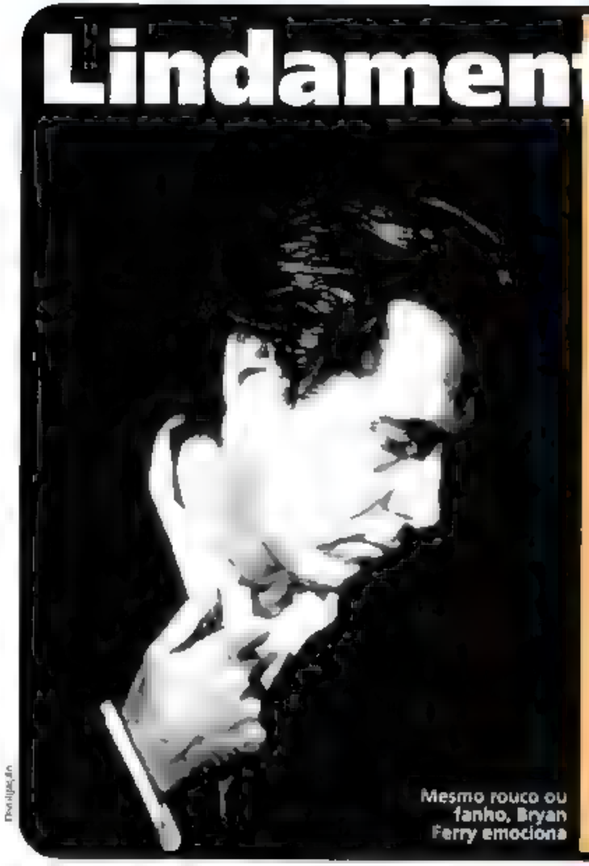
PATO FU
Isopor (9)
Plug/BMG

Talento raro no pop nacional

O sucesso de *Televisão De Cachorro* ampliou o público do Pato Fu e mostrou que a afinadíssima Fernanda Takai é a mais séria candidata à musa do pop brasileiro atual. Em *Isopor*, a banda repete a parceria com o produtor Dudu Marote e atualiza a formação básica de rock'n'roll, sem esquecer o gosto pela new wave e pelo rock inglês dos 80.

Por vezes, as influências beiram o decalque, como a sombra de Bork, Pizzicato Five e Radiohead sobrevoando, respectivamente, as canções "Isopor" e "Made In Japan" (new wave anos 80 cantada em japonês, e a dramática "Um Ponto Oito". As letras, porém, são sempre pontos a favor, mesmo com achados do tipo "as brigas que ganhei/ nenhum troféu/ como lembrança pra casa eu levei/ as brigas que perdi/ estas, sim/ eu nunca esqueci" ("Perdendo Dentes"). Isso sem falar no feminismo sem bobagem de "O Fundo Predileto Do Rajneesh (do Sexo Explícito)". Um verdadeiro tratado da boa música pop.
Hagamenon Brito

Lindamente grupado



Mesmo rouco ou fanho, Bryan Ferry emociona

BRYAN FERRY
As Time Goes By (8)
Virgin

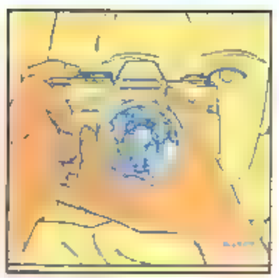
Reduzido pelo jornalismo preguiçoso a ícone do romantismo yuppie nos anos 80 ("Slave To Love" foi trilha de *9 1/2 Semanas de Amor*), Bryan passou a década de 90 praticamente toda na janela. Ex-vocalista do Roxy Music – uma banda única que soube fimar a pretensão e a competência musical do progressivo com a diversão do glam rock –, ele lançou apenas dois álbuns depois de 1987. Um deles, *Taxi* (1993), só de covers, foi feito às pressas para substituir um projeto autoral recusado pela gravadora.

Com este novo disco dedicado a clássicos da canção americana dos anos 30, Bryan mais uma vez sublima sua energia criativa. Não arrisca nenhuma recriação ousada como a que fez para a faixa-título de *These Foolish Things*, seu primeiro e magistral trabalho solo, de 1973. Em *As Time Goes By*, os arranjos são quase todos de época, valorizando o swing em clarinetes, trompetes em surdina e pianos manhosamente acariciados. A voz de Bryan, 54 anos, dá sinais de decadência e aparece frágil, delicada. Mas o *crooner* sabe descer o tom sem baixar o nível, exibindo com charme uma rouquidão aqui, uma tom fanhoso ali. Ninguém jamais soou tão maravilhosamente gripado quanto ele em "Where Or When" (Rodgers & Hart). E, a despeito da falta de humor em "Miss Otis Regrets", de Cole Porter, a trip Billie Holiday emociona.
Pedro Só

MARY J BLIGE
Mary (8)
MCA/Universal

Enfim, uma mulher madura no R&B

Não é qualquer um que consegue reunir num disco Lauryn Hill, Elton John, Aretha Franklin, Eric Clapton, Babyface, K-Ci Hailey (da dupla K-Ci & JoJo) e os rappers Nas e DMX. Nem qualquer mulher. Mas Mary J Blige quer ser conhecida daqui para frente apenas como Mary. É o que ela anuncia já na faixa "Deep Inside" e mostra no título de seu sexto álbum. *Mary*, o CD, é essencialmente uma longa balada soul, em que a cantora alterna contos de amor sem esperança com pregações sobre o poder feminino. A faixa de maior destaque, "Your Child", deixa claro que Mary J não é nenhuma spice girl, ao trazer o confronto entre a cantora e a amante de seu namorado, que secretamente deu à luz um filho. O tema é complexo e em vez de render bravatas e retaliações típicas do gueto, traz Mary lidando com a mãe solteira. Assumindo a simplicidade, ela aproxima-se mais de suas fãs traduzindo os insultos do cotidiano romântico numa arte passional.
Marcel Plasse



CLINTON
Disco & The Half Way To Discontent (9)
Meccico/Hut – IMPORTADO

O Cornershop à luz estroboscópica

Este Clinton não é de George Clinton mas tem tanto suingue quanto o próprio. O grupo paralelo que Talvin Singh e Ben Ayres, o núcleo do Cornershop, montaram para fazer música dançante dá uma direção ao que era meio difuso nos trabalhos da banda asiático-londrina. Aqui tudo um elenco de referências aparece com a única e exclusiva finalidade de transportar o ouvinte à fase dourada das boates. Uma era que, durante o curto período no qual driblou as regras no universo pop (fim dos anos 70, começo dos 80), botou na moda efeitos eletrônicos de quinta categoria com batidas ordinárias e eficazes. O Clinton vai por aí, barulhos de fliperama, teclados datalões, vocoder sujeira, levadas de hip-hop e linhas de baixo quebradas e nacos de funk nas mais variadas roupagens. Até Madonna fase "Material Girl", entra no bolo. Em *Disco*, qualquer música que faça alusão à discoteca eletrificada, dança, som – e não são poucas – vale a pena.
Emerson Gasperin

VÁRIOS
Progressive 1 (7)
Sambaloco/Trama

As muitas faces do som eletrônico nacional

O mote desta coletânea são as batidas quebradas – ou, em bom português, *breakbeats* – em algumas de suas mais agitadas variantes. Para pilotar o projeto foi chamado o produtor Mad Zoo, que já trabalhou com grupos de rap (Doctor MCs, Código 13) e emplacou um remix para a música "Trigger Hippie", dos ingleses do Morcheeba. Aqui, os múltiplos alter egos de Mad Zoo enveredam cada um por uma trilha. Bass Bombastics traz big beats ("Boot Land"), MZ é drum'n'bass ("Paranoia"). O destaque fica com as três versões do Technozoide para "Sucker Mc's", batidão com rap no estilo chama-e-responde que já é um dos clássicos da cena.

Emerson Gasperin

FABULOSOS CADILLACS
La Marcha Del Golazo Solitario (9)
BMG Latin IMPORTADO

Tango do portenho doido (com ska, pop, salsa...)

Os Fabulosos Cadillacs têm mais de dez anos de estrada e não param de evoluir. Este *La Marcha Del Golazo Solitario* consolida o amadurecimento que *Fabulosos Calavera*, lindo álbum de 1998, já apontava. Misturando reggae/pop, rock, salsa, tango e jazz, dentre outras *cositas*, o FC transpira vitalidade. "La Vida" é uma canção estruturalmente canhestra com a letra mais animada do ano. Em "Cebolla El Nadador", fica claro que o octeto conhece nosso samba (o som de cuíca pode ser ouvido em várias faixas). Já "La Rosca" é a mais argentina de todas, com um bandônion sendo estraçalhado. E tente achar um ponto em comum entre "Roble" e "Mind Gumus", de John Lennon. A cada progressão, o álbum paquera novos ritmos. O ápice se dá na faixa-título, parceria com os amigos argentinos do Fishbone, que une tanto de loucura a um ska alegre e cita a jazzística "Rhythm-a-ning", de Thelonious Monk.

José Flávio Junior

EURYTHMICS
Peace (8)
RCA/BMG

Dupla dos anos 80 volta direitinho dez anos depois

Depois do fim do Eurythmics, o produtor Dave Stewart tentou os grupos Spiritual Cowboys e Vegas. Ficou devendo. A cantora Annie Lennox lançou *Diva* (1992) e *Medusa* (1994). Mas parece que o hiato de uma década fez bem à dupla. A voz sempre quente de Annie não sofreu alteração de tempo e enriquece faixas como "Power To The Meek" e a melodiosa "17 Again".

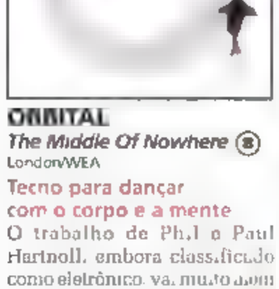
Fabian Chacur

ORBITAL
The Middle Of Nowhere (8)
London/WEA

Techno para dançar com o corpo e a mente

O trabalho de Phil e Paul Hartnoll, embora classificado como eletrônico, vai muito além dos clichês do gênero. Desde 1990, os irmãos vêm divulgando seu respeito com ambiências que antes do corpo, tratam de pôr a mente para dançar. Em *The Middle*, os nomes das canções não passam de formalidade. Três duram entre seis e dez minutos e são costuradas de forma imperceptível. Quando você se dá conta, o clima tranqüilo de "Way Out" já ganhou toques mais agressivos: na verdade, é "Spare Parts Express" que está rolando há um bom tempo. O ritmo, crescendo sem parar, atinge níveis estratosféricos em "I Don't Know You People" – e o fim do disco é longe... Música sem rosto, mas com cérebro.

E.G



APPLE GABRIEL
Another Moses (a)
Ras IMPORTADO

Primeiro disco solo do ex-Israel Vibration

Albert Craig saiu do Israel Vibration e mudou de nome, passando a se chamar Apple Gabriel. O motivo da briga não foi revelado, mas o cantor dá algumas pistas na letra de "Power Struggle": "O olho do diabo tentou me cortar o pescoço/ Dois escorpiões bem peçonhentos/ Eles entraram numa viagem demoníaca". Além das letras fortes, brilha o gogó de Gabriel. Criativo, inventa variações nas últimas sílabas de cada frase e repete a tática com as vozes de apoio, que parecem vir do além. Mas nada é perfeito: alguns tecladinhos imitando instrumentos de sopro desvirtuam a boa tradição musical jamaicana.

Otávio Rodrigues

VÁRIOS
Sociedade Da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão Das 10 (8)
Epic/Sony

A declaração de independência de Raul

Este disco de 1971 marcou o início da transformação do produtor/compositor Raulzito, fabricante de hits para a Sony (então CBS), em Raul Seixas. Ao lado do compositor capixaba Sérgio Sampaio, da sambista paulistana Miriam Batucada e de Edy Star, pioneiro baiano do gay rock, Raul fez um disco anti-convencional e inteligente, escalhambando desde a vida pequeno-burguesa até o movimento hippie. Há boas surpresas, como o sambão "Aos Trancos E Barrancos", a psicodélica "Dr. Paxeco", o forró-brega "Eu Vou Botar Pra Ferver", o samba-choro "Sessão Das 10" e o samba-rock "Soul Tabaroa", talvez a melhor composição de Antonio Carlos e Jocáfi, indispensável para rauliseixofilos, pesquisadores e fãs do bom humor musical.

Ayrton Mugnaini Jr.

Jon brigou para não deixar seu primo lançar este disco: *"tutti mala gente"*

Caipirinha brejeiro

JOHN BONGIOVI
The Power Station Years 1980-1983 (8)
Abril Music

Enquanto *Sex Sells*, o próximo disco do Bon Jovi, não vem, os fãs podem degustar este aperitivo. *The Power Station Years* é possivelmente o mais famoso disco pirata de Jon, que, após muito brigar na Justiça com seu primo Tony Bongovi, permitiu que o CD fosse para as lojas, desde que mantivesse a grafia original de seu nome. Esta edição tem só quatro músicas em comum com a encontrável nos melhores bucaneiros do ramo: "Stringin' A Line", "More Than We Bargained For", "Who Said It Would Last Forever" e "Talkin' In Your Sleep".

O adolescente Jon (em 1980 ele tinha 18 anos) já cantava bem. Algumas das músicas bem que poderiam ter entrado nos primeiros discos do Bon Jovi, como "More Than We Bargained For" e "Who Said It Would Last Forever". Outras têm uma sonoridade oitentista, mais ingênua, como "Don't Do That Anymore" e "All Talk No Action". Algumas poucas ("Bobby's Girl", entre elas), enfim, não passam de trilha sonora de sarau e só servem como documento. Na essência, entretanto, Jon era claramente menos roqueiro e mais caipira do que o popstar que conhecemos hoje. E se levava bem menos a sério...

Bernardo Araujo

Divulgação

Blues tributários

B.B. KING
Let The Good Times Roll – The Music Of Louis Jordan (8)
MCA/Universal

SCUTTLE BUTTIN'
Tribute To Stevie Ray Vaughan (6)
Universal

Em seu novo disco, B.B. King se debruça sobre a obra de Louis Jordan, cantor/compositor/saxofonista que se projetou na cena jazzística nova-iorquina dos anos 30 e 40 com canções sempre pautadas por ritmos contagiantes e letras extremamente bem-humoradas. Jordan é um dos pontos de referência para a criação do rock'n'roll.

A homenagem de King tem uma abordagem um tanto tradicional, reverenciando os arranjos originais, com fartas intervenções de metais que acentuam o clima jazzístico das composições, entre elas "Ain't Nobody Here But Us Chickens", "Choo Choo Boogie", "Beware Brother Beware" e "Jack You're Dead", além do clássico "Nobody Knows You When You're Down And Out".

O tributo que o Scuttle Buttin' presta ao guitarrista texano (morto em 1990, aos 35 anos) é bem digno. Os riffs e solos de Vaughan são reverenciados com precisão na guitarra de Mike Schuurman, seja tocando blues de Chicago, emulando Chuck Berry, seja atacando "Voodoo Chile", de Hendrix.

Celso Pucci

E mais...

Um tributo a Madonna, o folk de Donovan, coletâneas de Eric Clapton, Genesis e Take 6, rock dos anos 80, chorinhos e sambas. Tem música para todos os gostos

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
VIRGIN VOICES (Eagle/Roadrunner)	Astros pop dos anos 80 ressuscitados, como Heaven 17, Gene Loves Jezebel, Information Society e Berlin.	Recriando hits de Madonna, como "Express Yourself", "Frozen", "Vogue", "Live To Tell" e "Like a Virgin"	Não. Salvo exceções como "Live To Tell" (Berlin) e "Bad Girl" (com James Hardway e cara de Boy George), o resto é fraquinho e chatinho.
FAIRYTALES AND COLOURS (Castle/Abril)	O cantor folk Donovan Leitch, considerado o "Bob Dylan inglês", um dos ícones máximos dos anos 60, até hoje na estrada.	Em coletânea de canções extraídas de seus dois primeiros discos, entre elas "Catch The Wind", "Universal Soldier" e "Ballad Of A Crystal Man".	Claro, Donovan sempre fez boa música. Além de dar uma boa amostra do seu início de carreira, o CD desenha um perfil de toda uma geração.
BELLAVISTA TERRACE (Beggar's Banquet/Roadrunner)	O grupo pós-punk australiano The Go-Betweens, paixão da crítica (só dela) inglesa nos anos 80.	Numa coletânea de seu rock tipicamente anos 80, com vocais monocórdios e alguns oboés e violinos de enfeite.	Não. Há bons momentos, mas o tempo é implacável com essa banda que a sabedoria popular condenou ao fracasso na época.
...CANÇÕES DE ANTONIO CARLOS JOBIM (Lumiar Discos)	Carol Saboya, revelação carioca da voz, e o violonista Nelson Faria, aprovado pelo exigente João Bosco.	Interpretando um repertório jobiniano que foge das obviedades, em arranjos intimistas e delicados.	Sim. Tem muito mais alma do que o trabalho recente de Gal Costa dedicado ao repertório de Tom.
GREATEST HITS (Reprise/WEA)	O Take 6, um dos melhores grupos vocais do mundo, que transita livremente entre gospel, jazz e pop.	Numa coletânea de sucessos, incluindo "I-O-U-E-U", "Spread Love" e "Setembro" (de Ivan Lins).	Claro, principalmente para quem gosta de arranjos vocais elaborados. Cantar é isso, o resto é piada.
TUDO DANÇA (Rob Digital)	O trombonista Zé Da Velha e o trompetista Silvério Pontes, comandando um regional de alto nível em sambas, choros e maxixes.	Interpretando clássicos como "Bole Bole" (Jacob Do Bandolim) e "Rosa" (de Pixinguinha, com o clarinete de Paulo Moura).	Maravilhosamente bem. Recomendado não só para chorões e sambistas: quem gosta de jazz e de boa música vai se deleitar.
CHRONICLES (Reprise/WEA)	O guitarrista, cantor e compositor inglês Eric Clapton.	Em coletânea de sua fase baba, incluindo a melosa "Tears In Heaven", a versão acústica de "Layla" e a inédita "Blue Eyes Blue"	Apesar de abusar da glicose, o trabalho atual de Clapton não é tão ruim. Pelo menos em alguns momentos o grande guitarrista aparece.
BIG RUDE JAKE (Roadrunner)	O cantor e violonista canadense Big Rude Jake, dedicado cultor da era de ouro das *big bands*.	Acompanhando por uma banda competente que faz a diferença. Swings, blues manhosos e uma ou outra catada rockabilly.	Diretinho. "Mercy For The Monkey Man" é irresistível e "Kill Rock Stars" tem um texto que dá consistência ao bom e velho swing (moda é a p.q.p.!).
TURN IT ON AGAIN (Virgin)	O Genesis em várias fases (incluindo o final da progressiva, com Peter Gabriel).	Em sucessos gravados entre 1973 e 1997, como "I Know What I Like", "Invisible Touch", "Follow You, Follow Me" e "That's All".	Há faixas recentes pouco relevantes. Mas a versão de "The Carpet Crawlers" gravada este ano com Peter Gabriel é um atrativo irresistível para os fãs.

CD'S POR ENCOMENDA

STUDDIO MUSIC SHOPPING

CD's • LD'S • VHS e Acessórios

Qualquer título por encomenda, nacionais e importados.
Enviamos para todo o Brasil via correio, com toda segurança.
Consulte-nos!

Visite nosso Site: www.studiomusic.com.br
E-mail: studiomusic@studiomusic.com.br
Tel.: 0XX - 11 - 6128-0041 - Tel/Fax: 0XX - 11 - 6965-7351

Você é tarado por tarados?

Meça seus conhecimentos sobre as mitologicas baixarias do mundo pop...

1 O prestativo cantor George Michael se ofereceu para pagar um bola-gato a uma *peffoa fenffivel* que encontrou em um mictório publico de L.A. A *peffoa* era um policial disfarçado e George Banheirão acabou em cana. Depois, ironizou o episódio no clipe de..
a) "Outs de"
b) "Cream"
c) "Deep Inside
d) "Spit On A Stranger"
e) "Livin' La B ba Loca"

2 Nos tempos do Led Zeppelin, Jimmy Page costumava enfileirar groupies em um quarto e....
a) Violenta-las aos pares com sua guitarra Gibson Les Paul de dois braços
b) Violentá-las aos pares com os braços (ugghh ..)
c) Fatiar cações e introduzir um pedaço em cada uma
d) Pedir a elas que introduzissem um sashimi de robalo na "Stairway To Heaven" de Robert Plant
e) Coagi-las a fazer sexo com Mr Crowley, seu diabo-da-tasmânia de estimação

3 Um episódio embaraçoso tirou recentemente da obscuridade o *glam-rocker* inglês Gary Glitter, idolo nos anos 70. O que aconteceu?
a) Foi flagrado no Hyde Park, só de sobretudo, abrindo-o e exibindo suas "rock'n'roll parts" sempre que passava um grupo de colegiais
b) Foi fotografado saindo de uma sex-shop. Ao espantar o fotógrafo, deixou cair o pacote, revelando um aparelho sueco para aumentar o tamanho do pênis
c) Foi denunciado à policia pelo sujeito que foi consertar seu computador e descobriu fotos de garotinhos pelados no disco rigido
d) Foi denunciado à policia pela babá de seu filho, a quem teria ensinado a "Dança Do Passarinho", de Guga Liberato
e) Foi flagrado usando um gel para cabelo feito à base de sêmen do alce dourado da Escócia, especie ameaçada de extinção

4 Que famoso cantor novaiorquino já foi casado com um travesti?
a) Joey Ramone
b) Lou Reed
c) David Johansen, dos New York Dolls
d) Paul Lavigne
e) Glenn Close, *nee* Glenn Hughes

5 Jim Morrison adorava chocar e certa vez foi parar no xilindró por causa disso. Onde e por quê?
a) Em uma entrevista coletiva, ao declarar que, quando criança, matou o pai, transou com a mãe e fugiu em um ônibus azul
b) Em um show em Miami, ao arriar as calças para que Jim Jr pudesse dizer "Hello, I Love You" aos presentes
c) Numa churrascaria de Los Angeles, ao insistir com um amigo para servir seu Rei Largarto no espeto
d) No *Ed Sullivan Show* ao arriar as calças, virar de costas e abrir as portas da percepção – e da esperança!
e) Em Paris, depois de flagrado no Bois de Boulogne em cerimônia mistica com o xamã brasileiro Edmilson Ferraz, também conhecido na região como A Feiticeira

6 Na turnê *Blond Ambition*, Madonna fingia se masturbar todas as noites, durante a música "Like A Virgin". Que outra cantora dos anos 80 fez sucesso abordando o polêmico assunto numa canção?
a) Nina Hagen, "Ecstasy Drive"
b) Suzanne Vega, "Solitude Standing"
c) Sandra De Sá, "Sozinho"
d) Cyndi Lauper, "She Bop"
e) Eliana, "Dedinhos"

SEU NIVEL DE TARA

De 1 a 3 acertos
DE OLHOS BEM FECHADOS
Você curte os sons, mas prefere não saber da vida particular de seus idolos: nem desconfia o que seja "o amargo que ficou doce" na boca de Renato Russo.

De 4 a 5 acertos
FOFUCK YOU
É o que você merece, Candinha depravada, fofoqueira do mal! Os segredos de alcova o fascinam quase tanto quanto a musica: em matéria de jornalismo mus ca você so não sabe a nda se goss p o r engole

Seis acertos
SO VOCÊ
Confessa mp a criatura! Assim como Fábio Jr e Vin cius Cantuária, você quer ir fundo na emoção, para [illegible] em fuga! o lixo e conferir exames proctológicos sobre a rica vida inter or desses artistas maravi hosos e seus congestionados leleós

Respostas: 1) a; 2) c 3) c 4) b, 5) b, 6) d

GRÁTIS! CD COM 14 CLÁSSICOS DO ROCK.

Apoio: UOL

EDITORA Abril

"The Dolphin's Cry"

Apesar do título, novo single do Live não tem nada de ecológico

O Live mostra seu lado otimista e sumário no disco novo

(Ed Kowalczyk)

The way you re bathed in light
Reminds me of that n ght
God aid me down into your rose
garden of trust
And was swept away
With nothin' left to say
Some helpless fool
Yeah I was lost in a swoon of peace
You're all need to find
So when the time is right
Come to me sweetly, come to me
Come to me

(refrão)
Love w ll lead us, alr ght
Love will lead us, she wil lead us
Can you hear the dolphin's cry?
See the road rise up to meet us
It's in the air we breathe ton ght
Love will lead us, she will lead us

Oh yeah, we meet again
t's like we never left
Time in between was just a dream
Did we leave this p ace?
This crazy fog surrounds me
You wrap your legs around me
All I can do to try and breathe
Let me breathe so that I
So we can go together

(refrão)

Life s l ke a shooting star
It don't matter who you are
f you only run for cover, it's just a
waste of time
We are lost 'til we are found
This phoenix rises up from the ground
And all these wars are over

Over, over
Singin' la da da, da da da
Over
Come to me, come to me
Yeah la da da da, da da da
Come to me

"O Grito Do Golfinho"

O jeito que você está banhada em luz
Me faz lembrar daquela noite
Deus me deitou no seu jardim de
rosas de confiança
E eu fui varrido
Sem mais nada para dizer
Um tolo indefeso
Sim, eu estava perdido num desmaio de paz
Você é tudo que eu preciso encontrar
Assim, quando for a hora certa
Venha para mim docemente, venha para mim
Venha para mim

(refrão)
O amor vai nos guiar, tudo bem
O amor vai nos guiar, ela vai nos guiar
Você está ouvindo o grito do golfinho?
Veja a estrada crescer para nos encontrar
Esta noite respiramos esta noite
O amor vai nos guiar, ela vai nos guiar

Oh sim, nos encontramos de novo
É como se nunca tivéssemos partido
O tempo que se passou foi só um sonho
Nos deixamos este lugar?
Esta neblina louca me envolve
Você enrola suas pernas ao meu redor
Tudo o que posso fazer é tentar e respirar
Deixe-me respirar para que eu
Para que nós possamos continuar juntos

(refrão)

A vida é como uma estrela cadente
Não importa quem você seja
Se você só se proteger, é uma grande
perda de tempo
Estamos perdidos até nos acharmos
Esta fênix se ergue do solo
E todas as guerras chegam ao fim

Fim, fim
Cantando la da da, da da da, fim
Venha para mim, venha para mim
Yeah la da da da, da da da
Venha para mim

Que onda, que clipe de arromba

O roteiro do videoclipe de "Dolphin's Cry", feito sem o auxílio de dublês, previa os quatro integrantes sendo atingidos por uma onda gigante. Só que a equipe técnica calculou mal a força da onda e a banda foi arrastada por vários metros, engolindo muita água e ganhando hematomas e arranhões. Apesar do perrengue, o vocalista zen-careca Ed Kowalczyk disse que nunca se divertiu tanto na gravação de um clipe. Ele também descreveu o recém-lançado *The Distance To Here* – disco que traz "Dolphin's Cry" – como "a declaração mais completa e coerente de suas intenções como compositor e ser humano".

© Todos os direitos reservados

Se a preferência musical de seu amigo secreto, também é segredo, acerte em cheio neste Natal com Vale-CD Mirage Music.

Sabe aquela música, daquela banda famosa, que você viu naquele clip?

MIRAGE
MUSIC

Rua Iguatemi, 244 São Paulo SP
0800-164055
www.miragemusic.com.br
Segunda a sábado das 8h as 22h, e aos domingos, das 12h as 20h

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Bauhaus e Sisters Of Mercy: Pedro Nélio – Rua Rosa Leite de Oliveira, 123 – Barra do Ceará – Fortaleza, CE – CEP 60341-540

Cocteau Twins e Stereolab: Hebe Kátia Silva – Apartado, 1179 – Lisboa, Portugal – CEP 1054-001

Corrs: Cristiane Schwinden – Rua Pedro Neri Schwinden, 998 – Santo Amaro da Imperatriz, SC – CEP 88140-000 – E-mail: cristianecorr@zipmail.com.br

Elastica e Björk: Pedro Paulo Lattari – Rua Cásper Líbero, 23, ap. 404 – José Menino – Santos, SP – CEP 11065-230

Garbage e Hole: Manuela Quadros – Rua Albino Kempfe, 272/1102 – São Leopoldo, RS – CEP 93110-030

INXS: Mariana Kelland – Rua Arnaldo Vieira, 22 – Engenheiro Goulart – São Paulo, SP – CEP 03820-050

Fãs da Jewel: comuniquem-se

Divulgação/Continental

Jewel: Jaqueline Hekate – Rua do Rócio, 220 – Vila Olímpia – São Paulo, SP – CEP 04552-000

Korn e Coal Chamber: Pedro Farfara – Rua 11, 525 – Itapuranga, GO – CEP 76680-000

Lynyrd Skynyrd: Adalberto L. Santos – Rua Joaquim A. Santos, 399 – Livramento – Buritama, SP – CEP 15290-900

Oasis: Ana Maria Souza – Rua Dionizio de Souza, 258 – Jardim Tremembé – São Paulo, SP – CEP 02354-010

Entre na rota do Pato Fu

Divulgação/Biscoito

Pato Fu: Carlos Eduardo Luiz – Rua Tabuaçás, 153 – Jardim Marília – São Paulo, SP – CEP 03579-090

Pennywise: Eduardo Bro Hymn Prado – Rua Dr. Domingos Freire, 106 – Freguesia do Ó – São Paulo, SP – CEP 02764-070 – E-mail: dimi_boto@zipmail.com.br

Queen: Rosilda P. Silva – Travessa Apinagés, ed. Valência, ap. 1501 – Batista Campos – Belém, PA – CEP 66033-170

R.E.M. e Smashing Pumpkins: Janderson Jacomelli – Rua Rosália de Jesus Rovalo, 296 – Luizote – Uberlândia, MG – CEP 38414-342

Rock 50's: Cláudio Marcos Tavares da Costa – Rua Ocidental, 784, casa 02 – Santa Tereza – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20240-110

Smiths e Beatles: Priscila Turkiewicz – Rua Pietro Lotti, 168 – Campo Grande – São Paulo, SP – CEP 04455-110

Violeta De Outono: Rodrigo Gerdulli dos Santos – Rua Jericó, 186 – Marília, SP – CEP 17513-110

MÚSICOS

Banda alternativa: Procuramos empresário artístico ou algum maluco que acredite na gente e queira investir. Angelo Marco Spoto – Rua João Jorge da Costa, 35 – Jardim Belo Horizonte – São José do Rio Preto, SP – CEP 15041-010 – Tel. (17) 236-8505

Beatles e 60's: Guitarrista procura banda com integrantes na faixa dos 15 anos, com influência de Beatles, Renato E Seus Blue Caps e afins. Gabriel Simões Zangrossi – Rua Dois, 61 – Oliveira Barros – Miracatu, SP – CEP 11850-000

Blues band: Vocalista procura banda de blues com influência de Janis Joplin. Rafaela Maura Geraldi – Rua Presidente Epitácio, 166 – Vila Ideal – Salto, SP – CEP 13320-000

Foo Fighters/Helmet: Baterista com dez anos de experiência procura músicos ou banda, para trabalho que vá de Foo Fighters a Jamiroquai. Marcos Hermes – Pinheiros – São Paulo, SP – Tel. (11) 852-5259/ap. 91 – E-mail: marcoshermes@hotmail.com

Indie/pop/rock: Banda procura baterista e baixista com influência de Radiohead, R.E.M., Smashing Pumpkins e tenham sensibilidade para interpretar canções próprias e covers. Mika Klaus – Rua Umuarama, 147 – Vila Prudente – São Paulo, SP – CEP 03129-010 – Tel. (11) 6128-9638

Vocalista: banda, com estúdio de ensaio, procura vocalista com influência de Led Zeppelin, Pink Floyd, Ira! e Legião Urbana para trabalho próprio em português. Rodrigo Caldeira – Avenida Anacé, 646 – Campo Limpo – São Paulo, SP – CEP 05755-090 – Tel. (11) 5841-0165

TROCO

Vários por Rita Lee: Tenho material de artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque e Marina Lima. Roberto Jasper – Rua Coronel Gesuíno, 342/206 – Porto Alegre, RS – CEP 90010-350

Vários por Silverchair: Materiais de Bon Jovi, Bob Marley e Green Day por qualquer coisa do Silverchair. Karol de Souza Barbosa – Rua Andirá, 73 – Manaus, AM – CEP 69077-540

PROCURO

Alanis Morissette e Madonna: Fotos, vídeos e reportagens. Fábio Alex Aguiar. Caixa Postal 9105 – Botafogo – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22272-970 – Tel. (21) 9682-2773

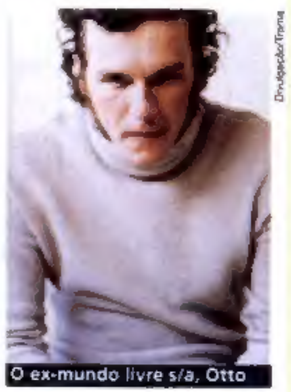
Bob Dylan: Compro o CD *Masterpiece*, com urgência. Roberto da Silva – Rua Javari, 33 – Parque Mirim – São João de Meriti, RJ – CEP 25585-690

Duran Duran: Qualquer material nacional ou importado relacionado à banda ou a um de seus integrantes. Priscila Henriques de Azevedo – Rua Casimiro de Abreu, 143 – Centro – Cabo Frio, RJ – CEP 28905-360 – Tel. (24) 643-2069

Emerson, Lake & Palmer: Compro fotos, reportagens ou qualquer material sobre a banda. Silvia dos Santos Rufino – Rua Antônio da Silva Pereira, 59 – Cubatão, SP – 11500-610

Liz Phair, Pixies, Mudhoney: Compro vinis desses artistas e de Nirvana, Clash, Smiths, PJ Harvey, Echo & The Bunnymen, Talking Heads, Isaac Hayes, entre outros. Wellington Almeida – Avenida Luiz Pinheiro, 1 819 – Caixa Postal 78 – Arapoti, PR – CEP 84990-000

Matérias de rock: Nacionais e importadas, das bandas Metallica, Slayer, Green Day, Coal Chamber, Deftones, Cradle Of Filth, Ramones, Aerosmith, Soulfly, Seputura. Livro especial do Marcelo D2 e autógrafo do Billy Corgan. Troco por Marilyn Manson e Rammstein. Mortícia Manson – Rua Campo das Pitangueiras, 693 – Jardim São Nicolau – São Paulo, SP – CEP 03685-010



O ex-mundo livre s/a, Otto

Divulgação/Trama

Otto: Participações na TV, revistas, pôsteres, vídeos raros, participações com Nação Zumbi e mundo livre s/a. Tácio Lima Torres – Rua Catarina Paraguassu, 112, ap. 403 – Salvador, BA – CEP 40150-200

Plebe Rude e Capital Inicial: Discos de vinil e outros materiais. Naira Marcatto – Avenida Mariana, 620, ap. 32 – Guarulhos, SP – CEP 07197-000

Punk nacional: Fotos e reportagens de Olho Seco, Cascaveletes, Mercenárias, Replicantes, Mukeka Di Rato, Fogo Cruzado, Invasores De Cérebro. Leonardo Melo – Rua Dr. José Victor, 131, ap. 102, bl. A – Fátima – Fortaleza, CE – CEP 60440-630

Smiths e Morrissey: Revistas, pôsteres, reportagens, letras traduzidas. Cristina de Jesus Pereira – Rua Presidente Wenceslau, 232 – Eldorado – Diadema, SP – CEP 09972-330

Viper: Compro EP *Vipera Sapiens* (pago bem) ou troco por outro que interessar. Luiz Carlos Sobrinho – Rua 24 de Maio, 344/101 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20950-090

FÃS-CLUBES

Ana Carolina: Fã-clube Armazém – Rua Ipê, 217 – São Cristovão – Belo Horizonte, MG – CEP 31110-450

Cyndi Lauper: Wanna Have Fun Fan Club – Km 04, RS-020 – Taquara, RS – CEP 95600-000

Geri Halliwell: Brazilian Fan Club Geri Halliwell – Rua Dr. Paulino Werneck, 415, casa 02 – Senador Camará – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21830-360

Legião Urbana: Vida Urbana Rock Clube – Rua Pedro Pereira, 118/212 – Centro – Fortaleza, CE – CEP 60035-000 – E-mail: urbanarockclube@zipmail.com.br

O fã-clube de Marisa está aqui

André Sorder

Marisa Monte: Diariamente Marisa Fã-clube – Rua Celestino Júnior, 79 – São Francisco – Curitiba, PR – CEP 80510-100

Nirvana: Fã-clube I Hate Myself And I Want To Die – Rua Savério Mercadante, 53, bloco G, ap. 31 – São Paulo, SP – CEP 04438-150

Sepultura: Sepultura Fã-clube – Caixa Postal 43137 – São Paulo, SP – CEP 01061-970

Zero: Zero Fã-clube – Caixa Postal 1035 – São Caetano do Sul, SP – CEP 09561-970

FANZINE

Curiosidades, arte, HQ: *Criarte* – Caixa Postal 103 – Araçoiaba da Serra, SP – CEP 18190-000

Jimi Hendrix: *Father zine* – Rua Padre Francisco M. Malachias, 76 – Vila Xavier – Araraquara, SP – CEP 14810-054

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar 40 palavras.
Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril
SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 4º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (0__11) 3037-4869, fax: (0__11) 3037-4909 - Caixa Postal 66157,CEP 05315-970 - São Paulo - SP
Site: www.publiabril.com.br

Representantes no Brasil
Rio de Janeiro: Vic Assessoria em Comunicação Ltda - Rua Prof. Gastão Bahiana, 615 - cj 1401 - Lagoa - CEP 22071-030 - Tel/Fax (0__21) 513-2348
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, sl 401 - Pituba - Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/Fax: (0__71) 341-4999/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacacri cj 1701/ 6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel: (0__61) 223-2134/7321 - 0305 - Fax: (0__61) 323-5305
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 29º andar - sl 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 - Tel: (0__19) 233-7175 - Fax: (0__19) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sl 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tel: (0__85) 254-1666/6045 - Fax: (0__85) 231-4761
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sl 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tel: (0__31) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel: (0__41) 253-4048 - Fax: (0__41) 252-2544
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1166 - 15º andar - cj 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (0__81) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade SJC Ltda - Rua João Penteado, 190 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel: (0__16) 635-9630 - Fax: (0__16) 635-9235
Rio Grande do Sul: Companhia Representação de Veículos de Comunicação Ltda - Al. Coelho Neto, 40 - cj 501 - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel/Fax: (0__51) 985-5061
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 333 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel/Fax (0__48) 232-0519

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
Almanaque Abril • Info Exame • Superinteressante • Guia Abril do Estudante • Saúde! • Veja
Economia e Negócios
Exame • Você S.A.
Automobilismo e Turismo
Quatro Rodas • Guia Quatro Rodas • Viagem e Turismo • Terra
Esportes
Placar
Masculinas
Playboy • VIP Exame
Femininas
Claudia • Elle • Nova • Nova Beleza • Manequim • Ponto Cruz • Faça e Venda • Capricho • Boa Forma • Ana Maria • Horóscopo • Carícia • Viva Mais
Decoração e Arquitetura
Casa Claudia • Arquitetura & Construção • Arte & Decoração • Bons Fluidos em Casa
Entretenimento
Minha Novela • Revista da Web • Contigo • Showbizz

Revista Showbizz, Edição 173, Dezembro de 1999. É uma publicação da Editora Abril S.A. ISSN 0104-1649. **Assinaturas:** sua satisfação é nossa garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a serem, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá ceder a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte desta lista, escreva para: Editora Abril - Assinaturas, Av. Otaviano Alves de Lima, 4800 - 2º Andar, Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. **Edições Anteriores** (mediante disponibilidade de estoque): Central de Atendimento, 2ª a 6ª, das 8h às 20h, tel.: (0__11) 9990-2200, fax (0__11) 9990-2333, pelo e-mail: abril.cse@abril.com.br, ou peça para Abril S.A. – Caixa Postal 14.351, CEP 02909-970, São Paulo - SP. O pagamento deverá ser efetuado através de depósito em conta corrente ou seus cartões de crédito Visa, MasterCard, Diners, American Express e Sólo as duas últimas edições embaixo mais despesas postais. Solicite também através de seu jornaleiro ou peça da última edição em banca.
Central de Atendimento ao Assinante:
Grande São Paulo: 9990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Legião chega para varrer

Nacional

Jorge Rodenburg

A versão sem humor de "Pelados Em Santos" perpetrada pelos Titãs entrou direto em sexto lugar. Enquanto isso, Gabriel O Pensador late alto no terceiro posto com a divertida "Cachorrada". Mas a grande novidade é a **Legião Urbana**, que, com música do Menudo e tudo mais, mostra potencial para desbancar o Jota Quest, abiolatado há dois meses no primeiro lugar. Vale registrar o belo pulo de "Anna Julia", da banda carioca Los Hermanos. SHOWBIZZ recebe cartas de leitoras que dizem que gostariam de ser a musa da canção.

		mês anterior
1	"O Vento" / Jota Quest	1º
2	"Bem Querer" / Mauricio Manieri	2º
3	"Cachorrada" / Gabriel O Pensador	9º
4	"Sonho Lindo" / Paulo Ricardo	3º
5	"A Mais Pedida" / Raimundos	8º
6	"Pelados Em Santos" / Titãs	•
7	"Te Levar" / Charlie Brown Jr.	6º
8	"Hoje À Noite Não Tem Luar" / Legião Urbana	•
9	"Depois" / Pato Fu	11º
10	"Anna Julia" / Los Hermanos	18º
11	"Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)" / O Rappa	15º
12	"Que País É Este" / Paralamas Do Sucesso	4º
13	"A Cor Do Sol" / Cidade Negra	7º
14	"Como Se Fosse A Primeira Vez" / Paulo Ricardo	5º
15	"Giselda" / Ultraje A Rigor	•
16	"Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos	13º
17	"Negro Amor" / Engenheiros Do Hawaii	16º
18	"Mandrake E Os Cubanos" / Skank	14º
19	"Aquilo" / Lulu Santos	10º
20	"O Segundo Sol" / Cássia Eller	12º

Internacional

Divulgação

Os Foo Fighters de Dave Grohl mostram que são uma banda consolidada com a estréia de "Learning To Fly", uma faixa forte que também vem sendo divulgada por um hilariante videoclipe. E os **New Radicals** sobem cada vez mais na parada com a sucessora de "You Get What You Give", "Someday We'll Know". Apesar de já ter sido oficialmente dissolvido pelo líder Gregg Alexander, o grupo não vai ficar como "maravilha de um só hit". E olho vivo em outras duas novidades pop: Cristina Aguilera e as maliciosas meninas do TLC.

		mês anterior
1	"She's All I Ever Had" / Ricky Martin	2º
2	"You'll Be In My Heart" / Phil Collins	1º
3	"She" / Elvis Costello	3º
4	"The Last Kiss" / Pearl Jam	4º
5	"Someday We'll Know" / New Radicals	10º
6	"Scar Tissue" / Red Hot Chili Peppers	6º
7	"Learning To Fly" / Foo Fighters	•
8	"Never There" / Cake	11º
9	"Someday" / Sugar Ray	7º
10	"Nothing Can Keep Me From You" / Kiss	16º
11	"Ana's Song (Open Fire)" / Silverchair	9º
12	"Soldier Of Love" / Pearl Jam	15º
13	"That I Would Be Good" / Alanis Morissette	5º
14	"All Star" / Smash Mouth	8º
15	"Animal Instinct" / Cranberries	12º
16	"The Kid's Aren't Alright" / Offspring	17º
17	"Genie In A Bottle" / Cristina Aguilera	•
18	"Beautiful Stranger" / Madonna	19º
19	"Full Circle" / Aerosmith	14º
20	"No Scrubs" / TLC	•

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em doze rádios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 31 de outubro de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização. CBAB

•estréia

Pedrada certeira

Inspirado em Stephen King e nas ruas de Nova York, o Anthrax criou uma obra-prima do metal

O rock do Anthrax: simples, furioso e sem maiores ostentações

Divulgação

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1987
Produção: Anthrax e Eddie Kramer
Músicas: "Among The Living" "Caught In a Mosh" • "I Am The Law" "Efilnikufesin (N.F.L.)" • "A Skeleton In The Closet" • "Indians" "One World" • "A.D.I./Horror Of It All" "Imitation Of Life"

Este é um exemplar do tradicional rock cru do Anthrax em produção sem frescuras, concebida entre Nova York, Miami e as Bahamas. O produtor Eddie Kramer, um sul-africano que foi engenheiro de som do Led Zeppelin, esqueceu as origens ligadas ao rock blueseiro e folk e capturou com maestria as guitarras, baixo e baterias furiosas do quinteto de Nova York. Ainda assim sobressaem as combinações entre as bases de Scott Ian e os solos conscientes de Dan Spitz, que poucos anos antes não havia sido aceito no Overkill.

Among The Living
Anthrax

Depois da MTV e do *Álbum Preto* de 1991, ficou fácil apontar o Metallica como inventor e propagador do thrash metal no planeta. Mas quem viveu a época em que o estilo nascia, de bandas como Testament, Exodus e Overkill, sabe que o (então) quinteto nova-iorquino Anthrax tem grande parte da responsabilidade na invenção do estilo. O grupo liderado pelo guitarrista Scott Ian e pelo baterista Charlie Benante sempre foi mais pé-no-chão, e sua originalidade e importância vêm em grande parte daí.

Scott, Charlie e os companheiros Joe Belladonna (voz), Frank Bello (baixo) e Dan Spitz (guitarra) descobriram cedo que metal pode ser feito com bom humor, pode criticar diretamente os problemas do mundo, pode ser divertido e sacana. Aliando esses temas à guitarrada "serra elétrica" de Scott e Spitz, além da bateria virtuosa de Charlie e dos vocais ligeiramente mais pop de Joe (fã de Journey), o grupo criou um despretensioso clássico.

Sem que se perca tempo, o disco começa com a faixa-título, que tem letra inspirada no livro *The Stand*, de Stephen King. De cara se conhece o estilo único do Anthrax: riffs pesados como bigornas e vocais que vão da melodia fácil de refrões do Kiss às raias do rap (não por acaso, eles chegaram a trabalhar com o Public Enemy). A afinação de Joey marca presença, ao lado da competência dos guitarristas. E lá vem pedrada: "Caught In A Mosh" conta como o *roadie* (e cantor do S.O.D.) Billy Milano foi parar no hospital após se jogar do palco; "I Am The Law" apresenta o juiz Dredd, aquele mesmo depois interpretado por Sylvester Stallone no cinema, sob uma parede de guitarras digna do Black Sabbath. É difícil parar de pular, e isso acontece em "Indians", uma das melhores faixas da história do metal. Joey, descendente de índios, deixa as gracinhas para falar dos apaches, comanches e outros, tratados como bichos lá e aqui. A canção tem uma introdução de guitarra destinada a ocupar o *hard disk* da memória de qualquer fã de música.

Em dez canções, todas merecem atenção e nenhuma enche o saco com instrumental desnecessário. Bons tempos em que as bandas não precisavam compor 80 minutos de música para lançar um álbum. Hoje, com apenas Scott na guitarra e John Bush no lugar de Belladonna, o Anthrax segue gravando bons discos, mas jamais repetiu a magia de sua obra-prima.

Bernardo Araujo

"Não ouvia nada desse tipo até que um amigo me recomendou o *Among The Living*. Achei muito rap e rock de boa qualidade no meio daquela barulheira, e antes mesmo de gravarmos juntos já era fã do Anthrax."

Chuck D, Public Enemy

Seu par ideal: Bonito, moderno e pontual.
COSMOS
QUALIDADE INDISCUTÍVEL
OS 29571O
À prova d'água
Pulseira em aço
Mecanismo à quartz
Design exclusivo
COSMOS
QUARTZ
WATER 30M RESIST

501®

Original jeans. Original people.

www.levi.com - Ligue Levi's: (0XX11) 3066-3663

LEVI'S®